

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

FÁBIO MAIA OSTERMANN

**OS LIBERAIS E O ESPECTRO POLÍTICO UNIDIMENSIONAL: DIREITA,  
ESQUERDA OU ALGO MAIS?**

Porto Alegre

2014

FÁBIO MAIA OSTERMANN

**OS LIBERAIS E O ESPECTRO POLÍTICO UNIDIMENSIONAL: DIREITA,  
ESQUERDA OU ALGO MAIS?**

Dissertação apresentada como requisito para a  
obtenção do grau de mestre pelo Programa de Pós-  
Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Machado Madeira

Porto Alegre

2014



FÁBIO MAIA OSTERMANN

**OS LIBERAIS E O ESPECTRO POLÍTICO UNIDIMENSIONAL: DIREITA,  
ESQUERDA OU ALGO MAIS?**

Dissertação apresentada como requisito para a  
obtenção do grau de mestre pelo Programa de Pós-  
Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Rafael Machado Madeira – PUCRS

---

Profª. Dra. Silvana Krause – UFRGS

---

Prof. Dr. Luciano Aronne de Abreu – PUCRS

Porto Alegre

2014

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família (em especial meus pais Elaine e Dagoberto, meus irmãos Marcelo e Bruna, e minha avó Shirley) pelo constante apoio e carinho nas horas boas e nem-tão-boas.

Agradeço aos muitos amigos e mestres que contribuíram com a minha formação intelectual e muito influenciaram meus caminhos nesta vida.

Agradeço à Marina, pelo amor, compreensão e exemplo permanente de força de vontade, disciplina e superação.

Agradeço também ao meu orientador, Prof. Dr. Rafael Machado Madeira, pela paciência e confiança.

Por fim, agradeço à CAPES pelo financiamento parcial desta pesquisa e, especialmente, ao pagador de impostos brasileiro.

*Well I don't know why I came here tonight.  
I've got the feeling that something ain't right.  
I'm so scared in case I fall off my chair,  
and I'm wondering how I'll get down the stairs.*

*Clowns to the left of me!  
Jokers to the right!  
Here I am stuck in the middle with you.*

Stealers Wheel  
Stuck in the Middle With You (Rafferty/Egan)

## RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar a validade contemporânea da dicotomia político-ideológica Direita-Esquerda abordando especificamente o caso do Liberalismo ao problematizar seu posicionamento no espectro político. Traça-se um panorama histórico da dicotomia, desde o seu surgimento até a contemporaneidade, partindo para um breve debate sobre a validade atual da perspectiva unidimensional do espectro político-ideológico. Discute-se em seguida o Liberalismo como filosofia política e seus posicionamentos como tal desde suas origens doutrinárias até a atualidade. Será dada atenção especial ao desenvolvimento das ideias liberais no Brasil até os dias de hoje. Após isso, analisaremos entrevistas qualitativas individuais realizadas com oito lideranças de sete instituições de destaque do chamado “movimento liberal” no Brasil. O objetivo das entrevistas é buscar uma melhor compreensão sobre como estes atores – selecionados dentre fundadores e membros dirigentes das instituições mais destacadas como defensoras do ideário liberal – enxergam o posicionamento de suas instituições e do Liberalismo em relação à escala unidimensional Esquerda-Direita. Estas entrevistas ensejarão uma reflexão sobre a percepção dos liberais sobre a adequação da dicotomia, alternativas a essa perspectiva e a relação dos liberais com a política.

**Palavras-chave:** Liberalismo; espectro ideológico; Direita; Esquerda; movimento liberal.

## ABSTRACT

This research has the objective of analyzing the current validity of the political-ideological dichotomy Right-Left approaching specifically the case of Liberalism and by questioning its position on the political spectrum. A historical panorama of this dichotomy is presented, since its emergence until contemporary times, coming to a brief debate about the current validity of the one-dimension political-ideological spectrum. Following, Liberalism is discussed as political philosophy and through its positions as such since its doctrinaire origins– with special attention to the development of liberal ideas in Brazil until today. After that, there will be an analysis of qualitative interviews made with eight leaders from seven of the most important institutions in so called “liberal movement” in Brazil. The interviews aim at better understanding how these actors – selected among founders and directing figures at the most highlighted organizations focused on defending liberal ideas in Brazil – see the positioning of their own organizations and that of Liberalism regarding the one-dimension scale Left-Right. These interviews will allow a reflection on the perception of liberals about the suitability of this dichotomy, alternatives and the relation of liberals with politics.

**Keywords:** Liberalism; Libertarianism; political spectrum; Right; Left; liberal movement.



# SUMÁRIO

Introdução .....	12
1. Direita, Esquerda e Além .....	14
1. 1 Direita e Esquerda .....	14
1. 2 Direita e Esquerda hoje: um consenso questionado .....	19
1. 3 Para além de Esquerda e Direita .....	21
2. O Liberalismo .....	26
2. 1 Raízes históricas do Liberalismo .....	26
2. 2 O Liberalismo à Esquerda .....	31
2. 3 O Liberalismo à Direita .....	33
2. 4 O Liberalismo hoje .....	34
2. 5 O Liberalismo na história do Brasil .....	38
2. 5. 1 Do Império ao Regime Militar .....	38
2. 5. 2 Redemocratização e Nova República .....	43
2. 5. 3 A era digital e o novo “movimento liberal” .....	45
3. Como se definem e se posicionam os liberais brasileiros? .....	48
3. 1. Liberalismo: <i>terra incognita</i> no oceano Direita-Esquerda .....	48
3. 2 Como se posicionam os liberais brasileiros .....	52
3. 2. 1 Apresentando as instituições que fazem o movimento liberal brasileiro .....	53
3. 2. 2 Como se enxergam e posicionam os liberais brasileiros? .....	55
3. 2. 2. 1 Direita, Centro ou Esquerda? .....	56
3. 2. 2. 2 Os liberais e a política no Brasil atual .....	65
Considerações finais .....	73
Bibliografia .....	75
Anexo 1: Entrevistas .....	84
Anexo 2: Missões e valores das instituições entrevistadas .....	109

## **ANEXOS**

Anexo 1: Entrevistas .....	84
Anexo 2: Missões e valores das instituições entrevistadas .....	109

## LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Tabela de questões Datafolha .....	49
Triângulo de Hayek .....	58
Diagrama de Nolan .....	60
Diagrama de Bryson & McDill .....	62
Tabela de deputados federais eleitos pelo PFL-DEM 1986-2010 .....	67

## INTRODUÇÃO

“Tudo o que é sólido se desmancha no ar”. A expressão utilizada por Marx e Engels para simbolizar um período de mudanças pelo qual passava a Europa em meados do século XIX parece ainda atual se aplicada aos dias de hoje. A liquidez do mundo contemporâneo desafia, mais do que nunca, a solidez e a perenidade de ideias, conceitos e valores.

Ao longo dos últimos dois séculos os conceitos de Esquerda e Direita ganharam espaço como dicotomia informativa sobre a identidade de partidos e atores políticos mundo afora. A facilidade em compreender um rótulo quando contrastado com outro responde a uma espécie de necessidade social, como afirma Bobbio:

A tendência a se alinhar nas situações em que há dois lados em luta é um comportamento natural, muito mais natural que o de se colocar acima ou abaixo da batalha, como se constata habitualmente nas partidas de futebol. O alinhar-se preenche a necessidade de identificação, a formação de um “nós”: nós de direita, vocês de esquerda, ou vice-versa. (BOBBIO, 1995, p. 11)

Mas os novos tempos trouxeram consigo ventos de mudança que, por sua vez, abalaram indelevelmente os significados de Esquerda e Direita em todo o mundo. E no Brasil não foi diferente. As intensas mudanças na realidade política, econômica e social da humanidade trouxeram consigo uma maior complexidade, fomentando questionamentos sobre a adequação desta dicotomia e sua capacidade de descrever de forma apropriada as diferentes posições político-ideológicas que se apresentam.

O presente trabalho tem por objeto justamente analisar a validade contemporânea da dicotomia Direita-Esquerda frente a este cenário de maior complexidade, abordando especificamente o caso dos liberais e do Liberalismo como exemplo de inadequação dentro da visão unidimensional do espectro político-ideológico.

O problema a ser investigado na presente pesquisa pode ser sumarizado na seguinte questão: faz sentido enquadrar o Liberalismo e os liberais como pertencentes ao campo da Direita?

A hipótese a ser verificada aqui é a de que, apesar de existir uma construção

[Digite texto]

histórica e uma percepção por parte de mídia, opinião pública e academia a respeito do alinhamento dos liberais e do Liberalismo ao campo político da Direita, os liberais brasileiros, não se veriam como pertencentes à Direita. Neste sentido, o problema de pesquisa aqui abordado, e expresso em seu título, é a análise sobre onde se enquadraria o Liberalismo no *continuum* Esquerda-Direita e qual a percepção de atores relevantes na promoção e divulgação desta doutrina em movimentos políticos e da sociedade civil.

O objetivo geral do presente estudo é, portanto, analisar a adequação contemporânea da dicotomia Direita-Esquerda face à presença de um grupo relativamente amplo e de crescente relevância, como é o caso dos liberais.

Nesse intuito, será abordada em um primeiro momento a dicotomia Esquerda-Direita, buscando-se avaliar criticamente a sua utilidade para análises atuais, em face à pós-modernidade e à emergência de questões pós-materialistas (ecologia, bioética, direitos humanos, cultura, etc.). Neste capítulo serão traçadas as origens históricas os conceitos de Esquerda e Direita buscando situá-los frente aos desafios da atualidade, questionando a validade da perspectiva unidimensional do espectro político-ideológico.

Posteriormente, examinar-se-á em específico o caso do Liberalismo, remetendo a suas raízes históricas, suas bases doutrinárias e seu desenvolvimento no Brasil.

No capítulo seguinte, serão analisadas entrevistas qualitativas individuais realizadas com lideranças do chamado “movimento liberal”. Foram selecionados fundadores e membros dirigentes das instituições mais destacadas pela mídia e por seus próprios seguidores/apoiadores como defensoras do ideário liberal. Dentre elas, selecionamos organizações sem fins lucrativos com atuação focada no ramo das ideias e organizações com aspirações político-eleitorais. No primeiro grupo, das instituições da sociedade civil com atuação como *think tanks* estão Instituto de Estudos Empresariais, Instituto Millenium, Instituto Liberal, Estudantes Pela Liberdade e Instituto Mises Brasil. Já no segundo grupo, formado por partidos políticos em formação, estão Partido NOVO e Libertários.

Por fim, buscar-se-á discutir possíveis visões alternativas ao paradigma hegemônico (unidimensional, escala Esquerda-Direita) em relação ao espectro político e o posicionamento de atores nele.

# 1. DIREITA, ESQUERDA E ALÉM

## 1. 1. Direita e Esquerda

Direita e Esquerda foram, ao longo do século XX, conceitos fundamentais para a compreensão do posicionamento de atores políticos no espectro ideológico. Sua origem remonta à Assembleia Nacional (1789-1791), etapa de transição entre os Estados Gerais e a Assembleia Nacional Constituinte na Revolução Francesa. Conforme assevera Norberto Bobbio, “[d]epende unicamente de um fato acidental que, na visão didática da política, as duas partes da diáde tenham recebido o nome de 'Direita' e 'Esquerda’” (BOBBIO, 1995, P. 83). Na Assembleia Nacional, onde eram deliberados os passos seguintes do processo revolucionário, os membros mais moderados em seu viés reformista (chamados *Feuillants*, sucedidos pelos Girondinos) sentavam-se à Direita, enquanto aqueles imbuídos de uma perspectiva mais radical dos rumos futuros da Revolução (Jacobinos) e mais propensos a aliam-se às camadas populares (*sans-culottes*) sentavam-se à Esquerda (GAUCHET, 1997, p. 242-245). O Barão de Gauville, membro da Assembleia, relata em seu diário esta divisão:

Pelo 29 de agosto [de 1789], já começávamos a enxergar quem éramos: aqueles de nós ligados ao Rei e à sua Religião nos posicionávamos à Direita do membro presidente, para evitar a gritaria e a linguagem indecente vinda do outro lado... Diversas vezes eu tentei sentar-me em partes diferentes do salão, para que pudesse ser mais o senhor da minha própria opinião, mas não pude em absoluto sentar à Esquerda. Se eu lá sentasse, seria o único que votaria como votei e por isso seria alvo de zombaria das galerias (GAUVILLE, 1864, p. 20).

A origem do uso dos termos “Direita” e “Esquerda” para referir-se a posições políticas parece ter sido fruto do acaso. Nesse sentido questiona Coutinho:

Em exercício meramente ocioso, convém perguntar o que seria dos termos 'Esquerda' e 'Direita' se a falange antimonárquica não se tivesse sentado à Esquerda na primeira reunião dos Estados Gerais, nos idos de 1789? A Esquerda seria ainda a Esquerda? E o que seria da Direita, se por obra e graça do destino ela *não* se tivesse sentado à Direita? (COUTINHO, 2012, p. 43)

Não obstante, em diversas línguas encontramos um poder simbólico que parece preceder tal acaso espacial. Conforme Hall, a regra é que as boas características morais

[Digite texto]

estejam relacionadas à ideia de “Direita”, enquanto as más estão geralmente ligadas à “Esquerda” quando da presença deste dualismo em diversas culturas. Para os Maoris, por exemplo, a Direita é o “lado da vida” (ou da força), enquanto a Esquerda representa o “lado da morte” (ou da fraqueza) (HALL *Apud* Coutinho, p. 44). Em boa parte das línguas européias, a palavra “Direita” é sinônimo de certo, reto, correto, íntegro, hábil, enquanto a palavra “Esquerda” está ligada à ideia de errado, torto, inábil, desviante, etc.

A hierarquia entre “o que está à Direita” e “o que está à Esquerda” também é percebida ao longo da história: na Roma antiga tinha-se o costume, em ocasiões especiais, de posicionar um escravo na entrada das casas com o propósito de confirmar se os convidados entravam com o pé certo (o direito); nos Estados Gerais, a rainha e as princesas sentavam-se à Esquerda do Rei, enquanto que os príncipes (sucessores do monarca) sentavam-se à Direita (cf. Laponce, 1981, p.47 e ss.); e, mais contemporaneamente, o principal aliado de uma pessoa é geralmente referido como seu “braço direito”, nunca “braço esquerdo”.

Segundo Bobbio,

É inquestionável que em seu significado original, antes de se tornar uma metáfora da linguagem política, a dupla Direita-Esquerda teve uma conotação de valor unívoca, pelo fato de um dos dois termos, Direita, sempre ter tido uma conotação positiva, e o outro, Esquerda, sempre negativa. Também é inquestionável que esta unidirecionalidade foi mantida na maior parte dos usos metafóricos da dupla a começar da linguagem religiosa, na qual os bons se sentam à Direita, os maus à Esquerda do Pai. (BOBBIO, 1995, p. 91-92)

Ainda no contexto da Revolução Francesa, conforme a escalada de execuções recrudescia e o medo tomava conta da política francesa, as deliberações na Assembleia tornaram-se secundárias. Deste processo, resultou a ascensão de Napoleão Bonaparte. Após sua derrocada, e a subsequente restauração monárquica na França, os grupos políticos foram reformulados e voltaram a sentar-se separados por seções no parlamento: a maioria de membros leais aos Bourbon sentavam-se à Direita, os “constitucionalistas” ao centro e os independentes à Esquerda. (GAUCHET, pp. 247-249)

Sob a perspectiva da filosofia política, Raymond Aron contrasta o caráter pró-ordem e tradição da Direita com as raízes iluministas da Esquerda:

De um lado invoca-se a família, a autoridade, a religião; do outro, a igualdade, a razão, a liberdade. Aqui respeita-se a ordem, lentamente elaborada pelos séculos; ali faz-se profissão de fé na crença da capacidade do homem de reconstruir a sociedade segundo os dados da ciência. A Direita, partido da tradição e dos privilégios, contra a Esquerda, partido do futuro e da inteligência. (ARON *Apud* PINTO, 1987, p. 279)

[Digite texto]

Desde então, seus significados passaram por transformações influenciadas por contextos históricos e culturais variados. Nas primeiras décadas do século XIX, aquilo que era referido como Direita compreendia os grupos defensores da ordem, sob uma perspectiva conservadora ou até mesmo reacionária. A Esquerda, por sua vez, era formada por aqueles que eram críticos da sociedade hierárquica herdada do Antigo Regime, reivindicando a liberdade de fazer comércio e a garantia de direitos de propriedade.

Esta perspectiva muda em meados do mesmo século, com a ascensão das ideias socialistas e a sua difusão junto ao proletariado urbano. O crescimento do movimento operário trouxe consigo uma maior demanda por políticas de intervenção governamental no tratamento das desigualdades sociais e econômicas, o que acabou afastando os liberais da Esquerda.

No início do século XX, os termos “Direita” e “Esquerda” passaram a assumir papel importante na definição de posicionamentos políticos específicos. Conceitos e dicotomias como conservadores-liberais, *tories-whigs*, republicanos-democratas, reacionários-radicais, brancos-vermelhos, dentre outras foram sendo substituídos e complementados pelos termos direcionais que passaram a fazer cada vez mais sentido para a opinião pública em geral.

Com a radicalização do socialismo (culminando na Revolução Russa, em 1917) e com a emergência do keynesianismo (a partir da década de 30) e dos estados de bem-estar social, a oposição entre capitalismo de livre mercado e Estado interventor se consolidou. Tendo a questão econômica por critério básico na escala Esquerda-Direita, as posições acabaram se consolidando com socialistas e social-democratas geralmente posicionados à Esquerda e liberais e conservadores à Direita.

Não obstante tais transformações e mesmo as peculiaridades dos contextos locais, Direita e Esquerda são classicamente relacionados a certas posições quanto a fatos políticos.

Segundo a Encyclopedia of Political Thought, Direita

[...]is a conservative position associated in Britain and the United States with the probusiness, limited welfare-state views of the Conservative Party (United Kingdom) and Republican party (United States). Familiar leaders of these Rightwing attitudes and policies include Prime Minister Margaret Thatcher



[Digite texto]

and President Ronald Reagan. Rightist politics favor free-enterprise Capitalism, lower taxes, reduced social welfare programs, and individual freedom. This is contrasted with the Liberal Left, which advocates increased welfare-state Socialism, regulation of business, and social equality. (SHELDON, 2001, p. 260)

A Esquerda, por outro lado,

tends to be progressive (for social change), in favor of central government control or regulation of the economy (especially to benefit the poor and working class), and sometimes to champion the cause of the downtrodden or “oppressed” people and minorities (blacks, women, Native Americans, homosexuals, gays, lesbians, transsexuals, the disabled, the poor of the developing world). Left-wing politics began in the United States with the Progressive era in the early 1900s, deepened with the New Deal. Democratic Party under President Franklin Roosevelt in the 1930s, and continued under the liberal Democratic governments of John Kennedy, Lyndon Johnson, and Bill Clinton. Often, Leftist policies embrace loosening traditional moral social practices (on abortion, divorce law, sexual roles, etc.). Strongly favoring civil rights, Left politics usually also oppose military spending and warfare. (Idem, p. 180)

Esta descrição um tanto quanto generalista pode ser complementada por alguns pontos abordados por Jaime Nogueira Pinto (1987). Segundo ele, a Direita seria caracterizada por pontos tais como: a) Pessimismo antropológico; b) Anti-utopismo; c) Direito à diferença; d) Propriedade e antieconomicismo; e) Nacionalismo; f) Organicismo; e g) Elitismo.

A Esquerda, por sua vez seria marcada pelos seguintes pontos: a) Otimismo antropológico; b) Utopismo; c) Racionalismo; d) Linearismo evolutivo; e) Igualitarismo; f) Economicismo; g) Internacionalismo; i) Democratismo; e h) Humanitarismo.

Cofrancesco alude a uma diferença em termos de valores entre os dois lados da diáde ao afirmar que

[...] o homem de Direita é aquele que se preocupa, acima de tudo, em salvaguardar a tradição; o homem de Esquerda, ao contrário, é aquele que pretende, acima de qualquer outra coisa, libertar seus semelhantes das cadeias a eles impostas pelos privilégios de raça, casta, classe etc. (COFRANCESCO *Apud* BOBBIO, 1995, p. 97)

Adotando, por sua vez, uma perspectiva mais crítica, Rockwell assevera:

The left wants the state to distribute wealth, to bring about equality, to rein in businesses, to give workers a boost, to provide for the poor, to protect the environment... The right, on the other hand, wants the state to punish evildoers, to boost the family, to subsidize upright ways of living, to create security against foreign enemies, to make the culture cohere, and to go to war to give ourselves a sense of national identity. (ROCKWELL, 2008, p.

Norberto Bobbio esboça uma teoria sobre a oposição Direita-Esquerda baseada na sua concepção de igualdade: “*A diferença entre Direita e Esquerda não se manifesta sob a forma de tensão entre uma igualdade de Direita e uma igualdade de Esquerda, mas com base no diverso modo em que é concebida.*” (BOBBIO, 1995, p. 23). E, mais adiante: “*De um lado, estão aqueles que consideram que os homens são mais iguais que desiguais, de outro aqueles que consideram que são mais desiguais que iguais.*” (Idem, p. 121)

Para o eminente jus-filósofo italiano, portanto, o foco na busca pela igualdade material (ou igualdade de resultados) seria uma característica da Esquerda. Karl Marx bem resumiu essa posição: “De cada qual, segundo sua capacidade; a cada qual, segundo suas necessidades”<sup>1</sup>. Por outro lado, a Direita se diferenciaria por uma maior ênfase na igualdade formal, isto é, a igualdade perante as leis, “as regras do jogo” e as instâncias estatais, sem que a igualdade de circunstâncias sociais, culturais e econômicas seja algo a ser necessariamente buscado ou ativamente promovido por meio da intervenção estatal.

Os conceitos de Direita e Esquerda englobam diversas posições em relação a variadas questões postas no cenário político. Com o objetivo de medir as mudanças de posicionamentos de partidos políticos ao longo do tempo na escala Esquerda-Direita, o Manifesto Research Group<sup>2</sup> foi criado. Por meio do Comparative Manifestos Project, foram analisados 3517 programas de 880 partidos provenientes de 55 países à luz de 56 categorias selecionadas para nortear o posicionamento dos partidos na escala Esquerda-Direita.

Klingemann et al. (2006) basearam-se nestas 56 categorias para compor uma escala mais simplificada composta pelos 26 pontos seguintes:

---

1 MARX, Karl. **Crítica ao Programa de Gotha**. Disponível em [http://www.pstu.org.br/biblioteca/marx\\_gotha.pdf](http://www.pstu.org.br/biblioteca/marx_gotha.pdf)

2 Análise que buscou enquadrar no espectro Esquerda-Direita partidos de países da Europa Oriental, União Europeia e OCDE com base em seus programas partidários. Disponível em <https://manifesto-project.wzb.eu/>

[Digite texto]

Direita		Esquerda	
104	Forças Armadas: positivo	103	Anti-Imperialismo
201	Liberdades e Direitos Humanos	105	Forças Armadas: negativo
203	Constitucionalismo: positivo	106	Paz
305	Autoridade Política	107	Internacionalismo: positivo
401	Livre Iniciativa	202	Democracia
402	Incentivos	403	Regulação do Mercado
407	Protecionismo: negativo	404	Planejamento Econômico
414	Ortodoxia econômica	406	Protecionismo: positivo
505	Limitação do Welfare State	412	Economia controlada
601	Nacionalismo: positivo	413	Nacionalização
603	Moralidade tradicional: positivo	504	Expansão do Welfare State
605	Lei e Ordem	506	Expansão da Educação
606	Harmonia Social	701	Classes trabalhadoras: positivo

menos

## 1. 2. Direita e Esquerda hoje: um consenso questionado

Uma definição exata, categórica e definitiva sobre o que “são” e o que “não são” Direita ou Esquerda hoje correria o sério risco de soar imprópria a alguma das inúmeras circunstâncias em que os termos são utilizados. Como afirma McLean: “*All political ideologies can be seen as dynamics, in the sense that particular values to which they are attached have to be defended in the face of new threats, or reassessed in the light of changing conditions.*” (MCLEAN, 1996, p. 287).

No caso dos conceitos de Direita e Esquerda, parece imperar uma situação que pode ser sintetizada parafraseando-se Cecilia Meireles<sup>3</sup>: não há ninguém que os explique, e ninguém que não os entenda. Norberto Bobbio minimiza as limitações impostas em nome da simplicidade e da didática do espectro unidimensional:

[...] 'Esquerda' e 'Direita' não indicam apenas ideologias. Reduzi-las a pura expressão do pensamento ideológico seria uma indevida simplificação. 'Esquerda' e 'Direita' indicam programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja solução pertence habitualmente à ação política, contrastes não só de idéias, mas também de interesses e de valorações a respeito da direção a ser seguida pela sociedade (BOBBIO, 1995, p. 51)

<sup>3</sup> “Liberdade – essa palavra,/ que o sonho humano alimenta: que não há ninguém que explique,/ e ninguém que não entenda!” MEIRELES, Cecilia. **Romance XXIV ou da Bandeira da Inconfidência**. In **Romanceiro da Inconfidência**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

[Digite texto]

Benoit & Laver ressaltam a resiliência e atualidade da dicotomia Esquerda-Direita por serem

[...] understood by almost every political commentator, from the interested lay observer, to the hyper-connected political insider, to the political scientist who stands aloof from politics and attempts to describe this from a distance. (BENOIT & LAVER, 2006, p. 188)

Singer (2002) corrobora essa tese, ressaltando a significativa identificação do eleitorado brasileiro com os conceitos de Esquerda e Direita. Ao analisar as eleições presidenciais de 1989 e 1994 (levaram ao poder Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso, respectivamente) ele tira algumas conclusões de especial interesse à questão ora em análise. Apesar de ressaltar um desconhecimento conceitual, constata a presença de

[...] um conhecimento intuitivo, de um sentimento do que significam as posições ideológicas. Esse sentimento permite ao eleitor colocar-se na escala em uma posição que está de acordo com suas inclinações, embora não as saiba verbalizar. E a mesma intuição o conduz a situar os candidatos (e os partidos) nessa escala e votar coerentemente. No entanto, além de permitir uma orientação em relação a candidatos e partidos, essa intuição ideológica está associada a um conjunto de opiniões que representam, a nosso ver, o modo pelo qual o eleitor enxerga a sociedade (SINGER, 2002, p. 143).

Essa intuição fica mais clara adiante, quando o autor contrasta a identificação partidária à identificação ideológica no espectro Direita-Esquerda:

[...] constatamos existir um alto grau de *reconhecimento* das categorias Esquerda e Direita no eleitorado brasileiro (entre 1989 e 1993 ele variou de 75% a 93%). [...] Apesar de a identificação partidária ter sido uma excelente preditora do voto em 1989, ela teve abrangência sobre uma fatia restrita do eleitorado, uma vez que apenas cerca de 40% declararam ter preferência partidária. Já a identificação ideológica incorporou mais de 80% dos eleitores. Ficou comprovado, assim, que a identificação ideológica foi o melhor preditor do voto no pleito de 1989 para grande parte do eleitorado dentre as outras variáveis testadas. (SINGER, 2002, pp. 161-162)

Freire (2005), por sua vez, buscou comparar a evolução das identidades ideológicas das democracias europeias “mais recentes” (Portugal, Espanha e Grécia) com aquelas encontradas em oito regimes democráticos mais bem consolidados no continente. Dentre suas conclusões podemos destacar:

[...] nos países europeus em análise, a identificação dos eleitores com a divisão Esquerda-Direita foi, e continua a ser, bastante mais difundida do que as respectivas ligações atitudinais aos partidos políticos. [...] a evolução das identidades ideológicas, entre 1976 e 2002, contraria as teses sobre o declínio

[Digite texto]

da ideologia: numa maioria de países assistiu-se a uma estabilização ou a um aumento das percentagens de indivíduos que se autoposicionam na escala Esquerda-Direita. (FREIRE, 2005, p. 26)

Conforme Quadros:

[...] tal razoabilidade se cristaliza por meio de um enraizamento secular em pelo menos três esferas: no senso comum dos cidadãos/eleitores (atingindo níveis desiguais de compreensão de acordo com precedentes históricos e fatores sócio-culturais particulares de cada indivíduo ou sociedade), no entendimento dos atores políticos (detentores de mandato, militantes partidários e ativistas sociais) e na literatura difundida por parte da Ciência Política (onde Bobbio assenta-se como autor referencial). (QUADROS, 2012, p. 23)

Escrevendo em 1967, Lipset afirmou:

A questão mais significativa que atravessa toda a dimensão Esquerda-Direita, hoje em dia, é a democracia política contra o totalitarismo, a qual já examinamos anteriormente. Em alguns países, como já documentei, a grande maioria do sufrágio esquerdista tradicional vai para os partidos esquerdistas totalitários, ao passo que noutros o voto tradicional centrista e direitista vai para as diversas formas de “fascismo”. Mas mesmo em tais casos as questões econômicas e de estratificação Esquerda-Direita estão bastante presentes, provavelmente, no espírito dos eleitores comuns. A luta de partidos é, sobretudo, um conflito de classes, e o fato em si mais impressionante sobre o apoio a um partido político é que, virtualmente, em todos os países economicamente desenvolvidos, os grupos de baixa renda econômica votam principalmente nos partidos de Esquerda, enquanto os grupos de renda mais elevada votam principalmente nos partidos de Direita. (LIPSET, 1967, pp. 234-235)

Bobbio chama a atenção para o aspecto relacional de cada um dos conceitos ao afirmar que “[o]s dois termos de uma diáde governam-se um ao outro: onde não há Direita não há mais Esquerda, e vice-versa. Dito de outro modo, existe uma Direita na medida em que existe uma Esquerda.” (BOBBIO, 1995, p. 61)

### **1. 3 Para além de Esquerda e Direita**

Se na época analisada por Lipset (pós-Guerra) a “luta de partidos” dava-se pelas clivagens sociais predominantes na sociedade, hoje, no entanto, a dicotomia Direita-Esquerda não se enxerga mais em matizes tão distinguíveis. E é hoje amplamente questionada.

O século XX trouxe consigo experiências marcantes e extremadas que levaram ao limite as possibilidades descritivas desta dicotomia – não por acaso o historiador inglês Eric Hobsbawm (2008) se refere a ele (em especial ao período entre 1914 e 1991) como a “Era dos Extremos”. Com a derrocada do bloco soviético na última década do

[Digite texto]

século deu-se o fenômeno definido por Francis Fukuyama como o “fim da história”:

[...] eu argumentava que, nos últimos anos, surgiu no mundo todo um notável consenso sobre a legitimidade da democracia liberal como sistema de governo, à medida que ela conquistava ideologias rivais como a monarquia hereditária, o fascismo e, mais recentemente, o comunismo. Entretanto, mais do que isso, eu afirmava que a democracia liberal pode constituir o ‘ponto final da evolução ideológica da humanidade’ e ‘a forma final de governo humano’, e como tal, constitui o ‘fim da história’. [...] não seria possível aperfeiçoar o ideal da democracia liberal (FUKUYAMA, 1992, p. 11).

O fim da Guerra Fria determinado pelo fim da URSS levou a uma perda de força e significado no contraste entre Esquerda e Direita. O fato é que o fracasso histórico do Socialismo Real trouxe a necessidade de uma revisão de certos dogmas da Esquerda. Se esta revisão representa ou representou o fim da Esquerda, trata-se de uma questão em aberto.

A despeito da perda de uma referência essencial ter ocorrido no campo da Esquerda, este acontecimento trouxe consigo a necessidade de se repensar também o significado da Direita. Afinal, como assevera Bobbio, o significado de uma depende do significado da outra:

'Direita' e 'Esquerda' não são conceitos absolutos. São conceitos relativos. Não são conceitos substantivos ou ontológicos. Não são qualidades intrínsecas ao universo político. São lugares do “espaço político”. Representam uma determinada topologia política, que nada tem a ver com a ontologia política: 'Não se é de Direita ou de Esquerda no mesmo sentido em que se diz que se é comunista, liberal ou católico'. (BOBBIO, 1995, p. 107)

Para além do seu caráter relacional, os conceitos de Direita e Esquerda têm sido questionados pela realidade pós-moderna. Num mundo de rápidas transformações econômicas, políticas e sociais catalisadas pelo advento da sociedade de informação, vão perdendo sentido polarizações que tinham papel informacional relevante na política nas democracias modernas. Se por um lado pode se afirmar que a humanidade nunca vivenciou tamanho espaço para o exercício das liberdades (GOKLANY, 2007; MOORE & SIMON, 2000), presenciamos atualmente mudanças valorativas que levam à relativização de pilares até então tidos como fundamentais e inerentes à nossa civilização (INGLEHART & WELZEL, 2005), como o Estado, a família e a religião. Nesse sentido, aquilo que significava ser de Direita também passa a merecer um questionamento frente aos desafios propostos pela nova realidade.

Com a emergência de valores pós-materialistas, novas questões ganham espaço

[Digite texto]

no cenário político, como ecologia, bioética, direitos humanos, cultura, etc. Tarouco (2007) discorre sobre essa realidade:

A emergência de questões pós-materialistas [...] exige que os partidos busquem se distinguir uns dos outros, não mais apenas por um posicionamento unidimensional, já que as diferenças ideológicas estão menos nítidas. Para apresentar alternativas aos eleitores os partidos teriam então passado a se identificar com questões específicas, selecionando temas da agenda pública, e oferecendo esta seleção como agenda específica através das ênfases nos seus programas. (TAROUCO, 2007, p. 24)

No mesmo sentido afirmam Benoit & Laver: *“By its very nature the left-right scale, having no fixed definition in terms of its substantive policy content, is likely to vary in meaning as we move from country to country.”* (BENOIT & LAVER, 2006, p. 191). Este caráter “relativo” inerente às definições de Direita e Esquerda parecem dar força ideia de que essa díade não mais responde às necessidades informacionais de rótulos políticos contemporâneos. O contraste entre o cenário atual e aquele citado por Lipset é muito claro. Conforme afirma MAIR:

There are many different factors that can be cited to account for this increasing promiscuity in processes of government formation, including the two cited immediately above. Whatever the explanation, however, the trend is undeniable. In Italy, for example, the first Olive Tree coalition joined the former Communist Party with senior figures from the former Christian Democrats, two parties whose mutual rivalry had served to define the parameters of the Italian party system from 1948 through to the early 1990s. Ireland recently witnessed the first ever coalition between Fianna Fáil and Labour, as well as the first-ever coalition joining Fine Gael and the Democratic Left. The Netherlands in 1994 saw the first ever government to be formed that excluded the religious mainstream: the first secular government in modern Dutch history. In Spain, Catalan coalition shifted its support from the Socialist Party to the Popular Party. In Germany, the Greens have emerged as an alternative junior partner for the Social Democrats, opening up new government formation formulae in that country for the first time in thirty years. More options are open, and the question of who gets into government becomes much more a matter of short-term bargaining and contingent choice. (MAIR, 2001, p. 26)

No Brasil o cenário não é diferente. Power (2008) ressalta o fato de certas disputas do passado (especificamente as oriundas do período militar) terem sido deixadas de lado em um período mais recente:

The Plano Real ended hyperinflation, the alliance between the PSDB and PFL united forces that were on opposite sides of the coup of 1964, a broad reform agenda reshaped the overall development model in significant ways, and Cardoso's effective manipulation of “coalitional presidentialism” rewrote the playbook for the management of interparty alliances and power sharing. These changes had the effect of “rebooting” the democratic regimes in the mid-1990's sharply diminishing the relevance of the authoritarian-era cleavages that had shaped, for example, the writing of Brazil's new constitution in the late 1980s. This process has been reinforced by

[Digite texto]

intergenerational population replacement within the political class: simply put, older politicians have died and younger ones have taken their place. The new recruits do not carry the baggage of 1964. (POWER, 2008, p. 84)

Mais recentemente, os presidentes Lula e Dilma demonstraram disposição ainda maior em relevar antigos rótulos ideológicos. Apesar das posições históricas de Esquerda, ambos presidentes do PT buscaram o apoio em suas coligações presidenciais de partidos como o PP, principal herdeiro da Arena, PTB e PR, partidos tradicionalmente posicionados à Direita no espectro político por analistas (ZUCCO, 2008).

Anthony Giddens propõe em seu “Para Além da Esquerda e da Direita” a superação desta dicotomia devido ao seu esgotamento histórico:

Se os termos Direita e Esquerda não possuem mais o significado que já tiveram, e se cada uma dessas perspectivas políticas está, à sua própria maneira, esgotada, é porque o nosso relacionamento (na condição de indivíduos e de humanidade como um todo) com o desenvolvimento social moderno se alterou. Vivemos hoje em um mundo de incerteza. (GIDDENS, 1994, p. 93).

Jan Narveson (2001) é ainda mais incisivo em sua objeção ao uso de termos como Direita, Centro e Esquerda:

The usage implies that there is a single spectrum along which any particular packet of political views may be located. Are you in favor of free trade and against high import duties? This apparently, puts you on the “right”. Are you in favor of extending the franchise in South Africa for black persons? Ah! You are on the “left”! And if you favor both, then what? What if you disapprove of socialism (that puts you on the “right”) but also disapprove of dictatorships (which puts you on the “left” – unless the dictatorship happen to be Marxist, in which case, somehow your disapproval now puts you back with the “right”)? Plainly, this usage is futile (NARVESON, 2001, p. 40).

Outros autores como MAIR (1998), PASQUINO (2002), LOBO & MAGALHÃES (2001) também diagnosticam um certo esvaziamento nos significados tradicionais de Direita e Esquerda.

Apesar das suas limitações, faz-se necessário reconhecer que a dicotomia Direita-Esquerda ainda é o paradigma (amplamente) dominante nas análises de posicionamentos político-ideológicos. Segundo Quadros (2012), a dicotomia Direita e Esquerda seria ainda um consenso “no que se refere à penetração dos termos no senso comum e na linguagem política”, mas, ainda assim, de um consenso amplamente questionado no que toca à razoabilidade de se aplicar esta régua aos tempos atuais (QUADROS, 2012, p. 12).



[Digite texto]

Mas, ainda que se aceite o valor da concepção que vincula a Esquerda à defesa da igualdade social, herdeira de princípios socialistas, e a Direita à defesa do livre mercado capitalista – ponto de vista cujo valor deve ser ressaltado, segundo afirmam Tarouco e Madeira (2009), por ter sobrevivido aos rearranjos político-econômicos que tanto mudaram o mundo nos últimos 25 anos –, fica clara a necessidade de se questionar e buscar alternativas a este paradigma dominante.

Conforme afirmado anteriormente, a presente análise não pretende rejeitar o fato de que a escala Esquerda-Direita é ainda, além do paradigma analítico hegemônico, a visão sobre os posicionamentos políticos verdadeiramente enraizada na opinião pública não só no Brasil, como em todo o mundo (como bem ressaltam Singer, Benoit & Laver, Quadros, Freire, Lipset e, em especial Bobbio).

Mas, ainda que aceitemos Direita e Esquerda como sendo os principais conceitos norteadores dos estudos de ideologia político partidária, não podemos tampouco ignorar as diversas limitações apresentadas pela escala Esquerda-Direita e a necessidade de buscarmos na Academia avançar nos debates e na compreensão das ideologias políticas contemporâneas. Esta necessidade fica mais aparente quando olhamos para o Liberalismo.

Trabalhos acadêmicos e pesquisas de opinião têm demonstrado pouco ou nenhum interesse por esta distinção no Brasil. No próximo capítulo abordaremos as raízes históricas do Liberalismo e seu desenvolvimento no Brasil, buscando dar uma perspectiva mais clara sobre possíveis razões para sua diferenciação.

## 2. O LIBERALISMO

### 2.1 Raízes históricas do Liberalismo

A ideia de “liberdade” como valor político é, por certo, bastante antiga. Seria, segundo SHELDON, “[o]ne of the most important and complex ideas in political thought; in modern philosophy possibly the most central concept along with its corollaries, individualism, equality, and democracy” (2001, p.113). Conforme David Boaz (1997, p.27), “[i]n a sense there have always been but two political philosophies: liberty and power”. Segundo ele, o filósofo chinês Lao Tse, autor do Tao Te Ching (século VI a.C.), teria sido o primeiro pensador liberal: “*The Tao consists of yin and yang; that is, it is the unity of opposites. It anticipates the theory of spontaneous order by teaching that harmony can be achieved through competition. And it advises the ruler not to interfere in the lives of the people*”.

Como qualquer conceito filosófico, a ideia de Liberalismo, entendido como filosofia política, é fruto de uma construção histórica e, como tal foi tomando forma ao longo de séculos. Não obstante, podemos afirmar que os princípios do Liberalismo como filosofia política contemporânea foram assentados sobre o sólido terreno da jus-filosofia greco-romana (MACEDO, ).

Sobre as raízes etimológicas da palavra “liberal”, afirma Erik von Kuehnelt-Leddihn:

The root is *liber* ("free"). The term *liberalis* (and *liberalitas*) implies generosity in intellectual and material matters. The sentence "he gave liberally" means that the person in question gave with both hands. In this sense *liberality* is an "aristocratic" virtue. An illiberal person is avaricious, petty-minded, tightfisted, self-centered. Up to the beginning of the Nineteenth century the word "liberal" figured neither in politics nor really in economics. (KUEHNELT-LEDDIHN, 1974, p. 183)

No contexto político, foi a partir da Espanha que a “liberal” passou a denominar uma posição político-ideológica:

In the 1820s the representatives of the middle class in the Spanish Cortes, or parliament, came to be called the Liberales. They contended with the Serviles, the "servile ones," who represented the nobles and the absolute monarchy. The term Serviles, for those who advocate state power over

[Digite texto]

individuals, unfortunately didn't stick. But the word liberal, for the defenders of liberty and the rule of law, spread rapidly. (BOAZ, 1997, p. 23)

Conforme Santos (p. 35), “o Liberalismo não é só um movimento moderno – embora de raízes longínquas – é primordialmente um fruto do iluminismo”. Neste contexto, as teses de cunho ético-político parecem ter se desenvolvido e se constituído antes das teses econômicas, como afirma Macedo (1997, p. 27). Apesar de a doutrina liberal ter se consolidado durante o período iluminista, é praticamente consenso entre os estudiosos a ideia de que John Locke (1632-1704) foi o “pai do Liberalismo”. O filósofo inglês abordou ao longo de sua vida intelectual questões como escravidão, tolerância religiosa, governo constitucional, direitos individuais, propriedade, economia de mercado e os pilares da ideia de justiça. Vivendo em meio às diversas reviravoltas políticas que marcaram a Inglaterra do século XVII, Locke defendeu bandeiras consideradas radicais como

the claim that men are by nature free and equal against claims that God had made all people naturally subject to a monarch. He argued that people have rights, such as the right to life, liberty, and property, that have a foundation independent of the laws of any particular society. Locke used the claim that men are naturally free and equal as part of the justification for understanding legitimate political government as the result of a social contract where people in the state of nature conditionally transfer some of their rights to the government in order to better ensure the stable, comfortable enjoyment of their lives, liberty, and property. Since governments exist by the consent of the people in order to protect the rights of the people and promote the public good, governments that fail to do so can be resisted and replaced with new governments. (TUCKNESS, 2012)

Em sua *magnum opus*, “Two Treatises of Government”<sup>4</sup>, John Locke ataca a ideia do “direito divino dos reis” conforme proposta por autores como Jean Bodin (“*Les Six Livres de la Republique*”, 1576), no contexto da Europa Continental, e especialmente Thomas Hobbes (“*Leviathan or The Matter, Forme and Power of a Common Wealth Ecclesiasticall and Civil*”, 1651) e Sir Robert Filmer (“*Patriarcha, or The Natural Power of Kings*”, 1680). Ao contrariar a ideia de soberania absoluta do Rei sobre seus súditos e seu arbítrio sobre os recursos naturais e econômicos dispostos no território do reino, Locke enuncia uma ideia de legitimação dos direitos de propriedade que serviu de base para outros teóricos liberais, colocando a propriedade privada como um dos pilares fundamentais do Liberalismo:

---

<sup>4</sup> Publicado anonimamente em 1689, sob o título integral de “*Two Treatises of Government: In the Former, The False Principles, and Foundation of Sir Robert Filmer, and His Followers, Are Detected and Overthrown. The Latter Is an Essay Concerning The True Original, Extent, and End of Civil Government*”

[Digite texto]

Though the earth and all inferior creatures be common to all men, yet every man has a property” in his own “person.” This nobody has any right to but himself. The “labour” of his body and the “work” of his hands, we may say, are properly his. Whatsoever, then, he removes out of the state that Nature hath provided and left it in, he hath mixed his labour with it, and joined to it something that is his own, and thereby makes it his property (LOCKE, 1947, p. 134)

Locke foi testemunha ocular daquele que foi sem dúvidas o século mais turbulento da história inglesa. Quando tinha 10 anos de idade, em 1682, teve início a Guerra Civil Inglesa, da qual participou seu pai, contra o Rei Carlos I. Durante sua vida, viu a chefia do poder político na Grã Bretanha passar por três reis, duas rainhas e um “Lorde Protetor”. O filósofo sentiu na pele a instabilidade política de sua época, buscando exílio na Holanda durante a década de 1680. Esta vivência influenciou profundamente suas ideias, convencendo-lhe da necessidade de se estabelecer limites institucionais aos poderes dos governantes por meio de leis e contrapesos: “*The end of law is not to abolish or restrain but to preserve and enlarge freedom; for in all the states of created capable of laws, where there is no law, there is no freedom*”. E segue:

For liberty is to be free from restraint and violence from others, which cannot be where there is no law; and is not, as we are told, “a liberty for every man to do what he lists.” For who could be free, when every other man’s humour might domineer over him? But a liberty to dispose and order freely as he lists his person, actions, possessions, and his whole property within the allowance of those laws under which he is, and therein not to be subject to the arbitrary will of another, but freely follow his own. (LOCKE, 1947, p. 148)

O Iluminismo surgiu em um período da história onde predominavam o absolutismo no domínio político e o mercantilismo no domínio econômico. Não por acaso, a relação dos grandes nomes do liberalismo iluminista com os poderes estabelecidos era longe de ser amigável: de encontro às bases daquilo que na França se convencionou de *Ancien Régime*. Charles-Louis de Secondat, mais conhecido como Barão de Montesquieu, teve sua obra completa banida pela Igreja Católica após a publicação de sua principal obra, *De l'Esprit des Lois*. Sua obra desagradava sobremaneira o *establishment* político da época por propor a limitação do poder estatal por meio da divisão de poderes

To form a moderate government, it is necessary to combine the several powers; to regulate, temper, and set them in motion; to give, as it were, ballast to one, in order to enable it to counterpoise the other. This is a masterpiece of legislation; rarely produced by hazard, and seldom attained by prudence. (MONTESQUIEU, 1748, Book V, Chapter XIV, 16)

Neste livro, Montesquieu enuncia a doutrina de separação de poderes em três

[Digite texto]

ramos na qual se baseia a ampla maioria das democracias liberais contemporâneas.

Os ensinamentos de Locke e Montesquieu influenciaram profundamente, dentre outros, os revolucionários das 13 colônias inglesas na América, que fundamentaram sua declaração de independência em uma doutrina de limitação de poderes e respeito Direitos Naturais eminentemente lockeana:

We hold these truths to be self-evident, that all men are created equal, that they are endowed by their Creator with certain unalienable Rights, that among these are Life, Liberty and the pursuit of Happiness. — That to secure these rights, Governments are instituted among Men, deriving their just powers from the consent of the governed, — That whenever any Form of Government becomes destructive of these ends, it is the Right of the People to alter or to abolish it, and to institute new Government, laying its foundation on such principles and organizing its powers in such form, as to them shall seem most likely to effect their Safety and Happiness (THE DECLARATION OF INDEPENDENCE, 1776).

Além disso, segundo levantamento feito por Donald S. Lutz (1984), Montesquieu foi o autor não-bíblico mais citado pelos *Founding Fathers* americanos em seus escritos produzidos entre 1760 e 1805, ficando atrás somente de São Paulo.

Outro grande nome do Iluminismo que certamente não poderia ser negligenciado ao se buscar descrever as raízes históricas do Liberalismo é o filósofo escocês Adam Smith (1723-190). Sua filosofia moral bebeu de diversas do iluminismo inglês e continental, mas sua obra foi diretamente influenciada por dois nomes precursores do *Scottish Enlightenment* – David Hume e Adam Ferguson.

Em seu livro “An Essay on the History of Civil Society” (1767), Ferguson delinea o conceito de “ordem espontânea” como uma das forças motrizes das sociedades baseadas em economias de mercado e suas instituições:

Every step and every movement of the multitude, even in what are termed enlightened ages, are made with equal blindness to the future; and nations stumble upon establishments, which are indeed the result of human action, but not the execution of any human design. (FERGUSON, 1782, p. 90)

O papel central da ordem espontânea foi melhor desenvolvido contemporaneamente por Hayek (“*The Use of Knowledge in Society*”, 1945) e, é claro, por Adam Smith em sua mais conhecida obra *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations* (1776):

He [an individual] intends only his own security; and by directing that industry in such a manner as its produce may be of the greatest value, he intends only

[Digite texto]

his own gain, and he is in this, as in many other cases, led by an invisible hand to promote an end which was no part of his intention. (...) By pursuing his own interest he frequently promotes that of the society more effectually than when he really intends to promote it. I have never known much good done by those who affected to trade for the public good. (SMITH, 1904, Book IV, Chapter 2, 9)

No mesmo livro, considerado amplamente como a obra fundadora da Ciência Econômica (tendo em Smith o “Pai da Economia”), o autor relata sua percepção a respeito da correta alocação do poder estatal em uma sociedade que desejasse ascender do “barbarismo mais baixo” ao “mais alto grau de opulência”:

Little else is requisite to carry a state to the highest degree of opulence from the lowest barbarism, but peace, easy taxes, and a tolerable administration of justice; all the rest being brought about by the natural course of things. All governments which thwart this natural course, which force things into another channel or which endeavour to arrest the progress of society at a particular point, are unnatural, and to support themselves are obliged to be oppressive and tyrannical. (SMITH, 1904, I.56)

Mas não foi apenas no campo econômico que Smith legou aos liberais contemporâneos um certo ceticismo em relação ao planejamento central e à capacidade dos governos em promoverem o bem público e ordenarem o aparente caos (na verdade uma ordem *espontânea*) que regia as relações econômicas. Sua filosofia moral também trazia consigo tal visão, como se observa em seu *The Theory of Moral Sentiments*:

Every faculty in one man is the measure by which he judges of the like faculty in another. I judge of your sight by my sight, of your ear by my ear, of your reason by my reason, of your resentment by my resentment, of your love by my love. I neither have, nor can have, any other way of judging about them. (SMITH, 1759, Part I, Section I, Chapter III)

McLean ressalta o papel o berço essencialmente iluminista das ideias liberais:

The Enlightenment also shaped liberalism’s perception of human agency, conceived as (at least potentially) rational and responsible. The political revolutions (...) The emphasis placed on equal rights remains, and this is the fundamental form of equality most liberals would aim to achieve. On the other side, liberalism has been pictured by its critics as infected with bourgeois values, those appropriate to the position of the emerging class of capitalists in present industrial society. (McLEAN, 1996, p. 286)

Além dos autores aqui citados, diversos outros com importantes contribuições para a formação do pensamento liberal contemporâneo poderiam ser citados. Alexis de Tocqueville, John Stuart Mill, Frédéric Bastiat Immanuel Kant, Wilhelm von Humboldt.

Um traço diferenciador do Liberalismo que vale ser ressaltado é o fato de que, como afirma Ubiratan Borges de Macedo,

[Digite texto]

Quando, no início do século XIX, o liberalismo assumiu seu nome e individualidade na Europa, veio associado a um novo estilo de vida que se traduziu no individualismo ligado ao romantismo, embora sua origem no racionalismo tenha conservado sua originalidade... Esse estilo de vida transparece na biografia dos grandes liberais do século, homens como W. von Humboldt, Lord Acton, Benjamin Constant, Tocqueville, Stuart Mill, Guizot e Mme. Staël, para nos limitarmos à menção dos que também fizeram contribuições teóricas ao liberalismo. (MACEDO, 1997, p. 9)

## 2. 2 O Liberalismo à Esquerda

Foi nesta época também que se desenvolveu a noção de Direita e Esquerda como posições político-ideológicas a partir do local onde cada facção se sentava na Assembleia Nacional Francesa. Conforme relatado no capítulo anterior, a própria formação dos grupos pertencentes aos lados da Direita e da Esquerda passou por transformações marcantes em um curto período de tempo no parlamento francês. Se em um primeiro momento a divisão era entre grupos leais à monarquia absolutista de Luís XVI (assentada econômica e politicamente sobre arranjos feudais) à direita, e opositores à esquerda (GAUVILLE, 1864), era natural que os liberais se posicionassem à esquerda, em contraposição a um sistema que era completamente contrário.

Mesmo após o fim do ciclo revolucionário e a restauração da monarquia ao fim das Guerras Napoleônicas, a divisão Direita-Esquerda seguiu colocando liberais no lado esquerdo do parlamento. O escritor franco-suíço Benjamin Constant (1767-1830), notório defensor das ideias liberais e autor de obras de grande relevo na história do pensamento político contemporâneo, como “*De la liberté des Anciens comparée à celle des Modernes*” (1819) – foi um exemplo. Conforme Paim,

É interessante consignar que Benjamin Constant, tendo se tornado o líder da oposição liberal no período da Restauração era considerado, em seu tempo, homem de esquerda. Como tal o apontavam as litografias da época (“Chef de la Gauche”), sendo portanto uma grosseira simplificação o terem apontado em nosso país como reacionário. Quase um tradicionalista, pela influência que exerceu sobre Pedro I. sem dúvida é mais certo admitir que Pedro I dele se aproximou justamente por sua condição “subversiva”. (...) Não seria estranha a predileção do nosso primeiro imperante a tumultuada vida pessoal de Benjamin Constant: paixões e casamentos sucessivos, duelos, a postura boêmia, nada conservadora”. (PAIM, 1987, pp. 36-37).

Afonso Arinos de Melo Franco assim relata o cenário político do período da Restauração (1814-1830) na França:

[Digite texto]

Sob o regime da carta constitucional outorgada a 4 de junho de 1814, por Luís XVIII, apareceram na Câmara os dois clássicos partidos, Conservador e Liberal, ainda sob formas toscas.

Os conservadores eram os chamados “ultras” (ultra-realistas) e os liberais foram a princípio conhecidos como independentes.

Os conservadores, reacionários impenitentes, procuravam, protegidos pelo rei e todo o aparelho institucional, fazer retornar o país ao regime de privilégios aristocráticos, abolidos pela Revolução. Os liberais constituíam um grupo progressista heterogêneo, que abrigava republicanos, como Benjamin Constant, e monarquistas constitucionais, como La Fayette. (FRANCO, 1974, p. 17)

Outro grande nome do liberalismo a sentar-se à esquerda na *Assemblée Nationale* foi o jornalista e economista Frédéric Bastiat (1801-1850). Conhecido em sua época pelo radicalismo em defesa das ideias liberais e contra os monopólios e restrições ao livre comércio, Bastiat tornou-se popular nos dias de hoje por conta de obras como, *Sophismes Économiques* (1845), *Le Loi* (1850) e *Harmonies Économiques* (1850). Segundo o historiador Joseph P. Stromberg: “*With the Revolution of 1848, Bastiat became a member of the legislative assembly, sitting on the Left. There he defended civil liberties but also argued against the restrictionist economic policies of Right and Left alike*”.

## 2.3 O Liberalismo à Direita

Com o surgimento e popularização das ideias socialistas a partir da segunda metade do século XIX, mais e mais passaram os liberais a se sentirem como o Barão de Gauville na Assembleia Nacional francesa (GAUVILLE, 1864, p.20). Até então, o Liberalismo era visto como diametralmente oposto ao Conservadorismo, tanto na França (Conservadores à Direita, Liberais à Esquerda) quanto na Inglaterra (Conservadores recebendo a alcunha de *Tories* e Liberais chamados de *Whigs*), conforme assevera Hayek (p. 343). Mas o surgimento do Socialismo como um concorrente no campo das ideias políticas mudou o cenário da época.

Diante da radicalização socialista-comunista, os liberais acabaram se afastando da dita esquerda e aliando-se aos conservadores em defesa das liberdades e direitos recém conquistados e dos avanços proporcionados pela sociedade capitalista. Vargas Llosa resume apropriadamente esse reposicionamento:

No século 19, um liberal é acima de tudo um livre pensador: ele defende o Estado laico, quer separar a Igreja do Estado, emancipar a sociedade do



[Digite texto]

obscurantismo religioso. Suas divergências com os conservadores e os regimes autoritários geram, às vezes, guerras civis e revoluções. O liberal de então é o que hoje chamaríamos um progressista, defensor dos direitos humanos (conhecidos desde a Revolução Francesa como Direitos do Homem) e da democracia.

Com o aparecimento do marxismo e a difusão das ideias socialistas, o liberalismo passa da vanguarda para a retaguarda, por defender um sistema econômico e político - o capitalismo - que o socialismo e o comunismo querem abolir em nome de uma justiça social que identificam com o coletivismo e o estatismo (essa transformação do termo liberal não ocorre em todas as partes). (VARGAS LLOSA, 2014)

## 2. 4 O Liberalismo hoje

Hoje, o Liberalismo é entendido de forma bastante distinta de outrora. Algo bastante natural, afinal. O romancista Mario Vargas Llosa, sempre tão hábil com as palavras, reforça a dificuldade em se definir e acompanhar as mudanças no significado deste conceito ao afirmar que *“as palavras mudam de conteúdo dependendo do tempo e do lugar. Acompanhar suas transformações é instrutivo, embora, às vezes, como ocorre com o vocábulo liberal, semelhante averiguação possa fazer com que nos extraviemos num labirinto de dúvidas”* (VARGAS LLOSA, 2014).

Segundo o Oxford Concise Dictionary of Politics, o Liberalismo seria

the belief that it is the aim of politics to preserve individual rights and to maximize freedom of choice. In common with socialism and conservatism, it emerged from the conjunction of the Enlightenment, the Industrial Revolution, and the political revolutions of the seventeenth and eighteenth centuries, Liberalism retains a faith in the possibilities of improvement in present social conditions, which is related to the idea of progress widely accepted in the late eighteenth and nineteenth centuries (MCLEAN, 1996, p. 286).

Segundo Parodi,

On distingue habituellement le libéralisme économique e le libéralisme politique. Le premier designe le respect de la propriété privée des moyens de production e de la libre entreprise. Le second designe une forme de régime politique que se fonde sur le parlementarisme, sur la pluralité des partis politiques, sur la conception d'un Etat arbitre, au nom de l'intérêt general, des conflits d'intérêts privés, sur la liberté du citoyen, qui s'exprime essentiellement par le vote et que ne doivent empiéter ni les intérêts privés ni l'Etat. EN fait, libéralisme économique et libéralisme politique sont étroitement liés parce que tous deux s'appuient sur les mêmes notions de Liberté, de Raison et de Progrès. (PARODI, 1972, p. 294)

Sheldon complementa afirmando que:

The distinctive features of modern liberalism include individualism,

[Digite texto]

materialism, an emphasis on natural rights, liberty and freedom, equality limited for some by social contract, private property, separation of religion and politics (or Church and State), and republican democracy.

(...)

liberalism tends to accompany economic capitalism (free market, free enterprise), as in Adam Smith, and protestant Christianity (as in John Calvin). So, liberalism is most manifest in the society and politics of the United States of America. Its prominent critics on the Right include traditional catholic philosophy (John Henry Newman), fascism and classical republicanism; and on the Left, Marxism, communism, socialism, social democracy, communitarianism, and American Liberalism. Both Left and Right critics of philosophical liberalism attack its emphasis on private individualism, private rights and property, a lack of morality and social virtue, and its competition. The most extreme ideological expression of British, Lockean liberalism is libertarian thought or anarchism. (SHELDON, 2001, p. 185)

Alex Catharino, no verbete “Liberalismo” do Dicionário de Filosofia Política (2012) afirma que:

Historicamente, o liberalismo foi o primeiro movimento político que almejou promover o bem-estar material de todos os indivíduos, independentemente de sexo, raça, idade, religião, grau de instrução ou estrato social. Por ser uma doutrina cosmopolita e isonômica, o liberalismo não aceita a defesa política, jurídica e econômica de certos particularismos nacionais, raciais ou estamentais que levam a alguns governos, por influência de certas ideologias, a discriminar ou conceder privilégios a determinados grupos sociais.

O objetivo principal dos liberais é implantar na sociedade as instituições que possibilitem a preservação da vida, da liberdade e da propriedade privada dos indivíduos contra qualquer violação perpetrada por terceiros (CATHARINO, p. 307-311, 2012)

Ubiratan Borges de Macedo define o Liberalismo também com base naquilo a que se opunha no passado e se opõe hoje:

No início, voltava-se contra o absolutismo político e à sociedade estamental do *ancien régime*, que sufocava a mobilidade e a liberdade social, bem como travou combate contra a economia feudal estática que, pela ação das corporações de ofício, eliminava a liberdade de iniciativa econômica e o progresso.

Hoje, seus oponentes mudaram de nome, mas não quanto aos seus efeitos: a falta de liberdade. São eles o totalitarismo e autoritarismo político, sempre com implicações sociais e o estatismo em economia que, ao substituir o mercado pelo plano, o lucro pela disciplina e o risco pela segurança igualitária, sufocam a liberdade política e a econômica, sobretudo pela exclusão ou severa limitação da iniciativa econômica dos agentes privados em favor do agente público. (MACEDO, 1997, p. 16)

Macedo (pp. 23-25) elenca ainda aquelas que seriam as principais teses liberais decorrentes de seus valores fundamentais. No campo da filosofia, o Liberalismo seria marcado pela defesa das liberdades “negativas” (Cf. Isaiah Berlin em seu “*Two Concepts of Liberty*”), de um “humanismo antropocêntrico”, do individualismo metodológico e doutrinário, pela fé no progresso, pela distinção entre público e privado e pela distinção entre fatos e valores, natureza e cultura. As teses políticas centrais

[Digite texto]

seriam expressas nos seguintes pontos segundo o autor: legalidade e direitos humanos, consentimento como base do governo, soberania popular apurada em sufrágio universal, governo representativo com presença e respeito das minorias, governo constitucionalmente limitado e partidos políticos como meios institucionais de canalizar a vontade do povo. Sob a perspectiva social, o Liberalismo propõe a tolerância civil, a separação entre Igreja e Estado, emancipação feminina e ampla liberdade de expressão social.

Até aí, no entanto, a visão liberal sobre a sociedade não se diferencia muito da visão social democrata (POWER, 1997), tradicionalmente vinculada à esquerda. As diferenças entre liberais e sociais democratas ficam evidentes quando chegamos, finalmente, à última categoria de teses elencadas por Macedo: econômicas. O Liberalismo defende fundamentalmente que a intervenção estatal na economia ocorra somente para desempenhar uma função subsidiária à do mercado. O Liberalismo Econômico é baseado na crença de que o mercado é a melhor forma de organização da economia e cooperação social, na valorização do trabalho como fonte de dignidade e dever para todos e do interesse humano, na defesa da propriedade privada como base para o sistema econômico e para a liberdade, na defesa da livre empresa e do lucro e na liberdade contratual.

Apesar de os liberais serem vistos com muito mais frequência como pertencentes à Direita do que à Esquerda, o fato é que sua doutrina e suas posições frente às questões políticas parecem diferenciá-los tanto destes quanto daqueles. SANTOS propõe uma importante diferenciação entre o que chama de “ética liberal” e as éticas “*reacionária*” (conservadora) e “*revolucionária*”. Segundo ele, estas se fundamentariam na “possibilidade de *conhecer* sem erros e sem dúvidas, *a essência da natureza humana*”. A ética liberal, por sua vez, não teria um fundamento dogmático, não partindo de uma reivindicação a respeito de um conhecimento direto e imediato da “*essência da natureza humana*, mas apenas uma aproximação por tato”. Ainda, segundo SANTOS, a visão liberal

Aceita a tradição empírico-cultural da evolução da espécie humana ao longo do tempo (uma história que se estende por cerca de dez mil anos). A *ética* liberal assume as mesmas características evolutivas, com a crescente dimensão participativa, ou *democrática*, na elaboração dos códigos éticos (SANTOS, 1999, p. 24).

Um dos maiores pensadores liberais contemporâneos, o jurista, filósofo e

[Digite texto]

economista austríaco Friedrich Hayek escreveu como pos-fácio de uma de suas principais obras (“*The Constitution of Liberty*”) um artigo intitulado “*Why I’m not a conservative*”. Nele, Hayek dissecou os motivos pelos quais, na sua opinião, o Liberalismo estaria fundamentalmente distante do Conservadorismo contemporâneo (que ele difere do Conservadorismo *Old Whig* de matriz Burkeana), assim como do Socialismo:

What the liberal must ask, first of all, is not how fast or how far we should move, but where we should move. In fact, he differs much more from the collectivist radical of today than does the conservative. While the last generally holds merely a mild and moderate version of the prejudices of his time, the liberal today must more positively oppose some of the basic conceptions which most conservatives share with the socialists. (HAYEK, 1960, p. 344)

(...)

to the liberal neither moral nor religious ideals are proper objects of coercion, while both conservatives and socialists recognize no such limits. I sometimes feel that the most conspicuous attribute of liberalism that distinguishes it as much from conservatism as from socialism is the view that moral beliefs concerning matters of conduct which do not directly interfere with the protected sphere of other persons do not justify coercion. (HAYEK, 1960, p. 347)

O economista Rodrigo Constantino, um dos mais famosos nomes do pensamento liberal contemporâneo no Brasil ressalta a diferença de atitude perante a mudança. Liberais teriam uma percepção mais “fergusoniana”, acreditando que a ordem seria o resultado, sim, da “ação humana”, mas não do “desígnio humano” (FERGUSON, 1782, HAYEK, 1945):

A admiração dos conservadores pelo crescimento livre geralmente aplica-se somente ao passado. Falta-lhes normalmente a coragem para aceitar as mesmas mudanças não programadas pelas quais novas ferramentas para conquistas humanas irão emergir. Uma das características mais comuns na atitude conservadora é o medo da mudança, a descrença no novo, enquanto a posição liberal é baseada na coragem e confiança, aceitando que as mudanças sigam seus cursos mesmo que não possamos prever aonde isso irá levar. Os conservadores estão inclinados a usar a força do governo para evitar mudanças, pois não possuem confiança nas forças espontâneas de ajuste que fazem o liberal aceitar as mudanças com menos apreensão, mesmo que o segundo não saiba ainda como as necessárias adaptações irão surgir. Como um exemplo simples dessa dicotomia, pode-se citar as pesquisas científicas com células-tronco. (CONSTANTINO, 2009, p. 69)

Neste sentido, Karl Popper ressalta o aspecto *evolucionário* do liberalismo como fator distintivo em relação a outras ideologias:

Os princípios do liberalismo podem ser descritos como princípios, com cujo auxílio as instituições vigentes podem ser avaliadas e, se necessário, limitadas ou alteradas. Eles não são capazes de substituir instituições vigentes. Em outras palavras: o liberalismo é uma convicção antes evolucionária do que revolucionária (a não ser em relação a um regime déspota). (POPPER *in*

[Digite texto]

DEOERING & ERKENS, 2009, p.15)

Sob o ponto de vista político, Ortega y Gasset afirma que

El liberalismo es el principio de derecho político según el cual el poder público, no obstante ser omnipotente, se limita a sí mismo y procura, aun a su costa, dejar hueco en el Estado que él impera para que puedan vivir los que ni piensan ni sienten como él, es decir, como los más fuertes, como la mayoría. El liberalismo -conviene hoy recordar esto- es la suprema generosidad: es el derecho que la mayoría otorga a la minoría y es, por lo tanto, el más noble grito que ha sonado en el planeta. (ORTEGA Y GASSET, 1998, p. 60)

Donald Stewart Jr. (1999), um dos maiores nomes da história do pensamento liberal no Brasil, elenca em seu “*O que é o Liberalismo*” aquilo que seriam os “pilares do Liberalismo” (pp. 72-75): a liberdade, a defesa da propriedade privada e a coexistência de liberdades econômicas e políticas. Segundo ele, o Liberalismo seria ancorado adicionalmente em certos “princípios gerais” (pp. 76-77), tais como a igualdade perante a lei, a ausência de privilégios, o respeito aos direitos individuais, a responsabilidade individual, o respeito às minorias e a liberdade de entrada no mercado. Em termos mais práticos, afirma Stewart Jr. que: “*O papel essencial do governo é (...) o de prover a ordem e a justiça. O principal objetivo de um Estado liberal deve ser o de manter um clima de paz e tranquilidade nas suas fronteiras, possibilitando assim a maior cooperação pacífica entre os concidadãos.*” (STEWART JR., 1999, p.78).

David Boaz em seu “*Libertarianism, a primer*” corrobora com esta visão: Conforme Boaz, “[t]he role of government is to protect individual rights from foreign aggressors and from neighbors who murder, rape, rob, assault, or defraud us. And if government seeks to do more than that, it will itself be depriving us of our rights and liberties.” (BOAZ, 1997, p. 57)

O romancista peruano Mario Vargas Llosa resume de forma convincente o que é ser liberal hoje:

Há certas ideias básicas que definem um liberal. Por exemplo, a liberdade, valor supremo, é uma e indivisível, e deve atuar em todos os campos para garantir o verdadeiro progresso. A liberdade política, econômica, social cultural, é uma só e todas elas permitem o avanço da justiça, da riqueza, dos direitos humanos, das oportunidades e da coexistência pacífica em uma sociedade. Se a liberdade se eclipsa em apenas um desses campos, ela se encontra armazenada em todos os outros. Os liberais acreditam que o Estado pequeno é mais eficiente do que o que cresce demasiado e, quando isso ocorre, não só a economia se ressent, como também o conjunto das liberdades públicas. Eles acreditam que a função do Estado não é produzir riqueza, e essa função é melhor desempenhada pela sociedade civil, num regime de livre mercado, no qual são proibidos os privilégios e a propriedade privada é

[Digite texto]

respeitada. Indubitavelmente, a segurança, a ordem pública, a legalidade, a educação e a saúde competem ao Estado, mas não de maneira monopólica, e sim em estreita colaboração com a sociedade civil (VARGAS LLOSA, 2014).

## 2. 5 O Liberalismo na história do Brasil

### 2. 5. 1 Do Império ao Regime Militar

Ao longo da história brasileira, o Liberalismo permaneceu como uma perspectiva não mais do que marginal no cenário político e na academia. O filósofo Denis Rosenfield, “*o liberalismo tornou-se um palavrão, uma idéia que deveria ser exorcizada*”:

Em 1811-12, foi publicado no Brasil, pela Imprensa Régia, A Riqueza das Nações, de Adam Smith. É como se essa obra-mestra tivesse acompanhado a corte de Dom João VI quando chegou ao nosso país. Muito tempo passou desde então e, no entanto, o liberalismo continua claudicante entre nós. Os seus valores, como individualismo, mérito, valorização do trabalho e igualdade perante a lei, permaneceram vagos ou desnecessários, quando não considerados simplesmente contrários a uma abstrata noção de igualdade social. Dois séculos depois, ele foi declarado morto, sem que, porém, tivéssemos feito a sua experiência (ROSENFELD, 2007).

Antonio Paim credita parte dessa ausência ao pouco interesse de Portugal em aderir às teses liberais desde o período colonial, com ênfase no legado do Marquês de Pombal (1699-1782). Pombal exerceu grande influência sobre os rumos políticos da Metrópole e da Colônia durante o período em que serviu à Coroa como secretário de estado:

A adesão de Pombal ao mercantilismo trouxe conseqüências perversas para nossa história porquanto, admitindo a riqueza em mãos do Estado, eximiu-se de criticar a tradição precedente que combatia a riqueza em geral e o lucro. Essa circunstância acarretou que embora correspondesse ao início de uma nova tradição, nem de longe revogou ou abalou a antiga. A admissão da posse de riquezas em mãos do Estado passou a coexistir com a velha tradição, crescentemente dirigida contra o empresariado privado. Pombal também deu à burocracia estatal uma grande supremacia em relação aos outros grupos sociais. O Estado português, que era tipicamente um Estado Patrimonial, isto é, parte do Patrimônio do Príncipe e não um órgão ao serviço da sociedade, passou a atribuir-se a função de promover a modernização (predominantemente econômica) como algo que deveria beneficiar diretamente àquela burocracia. (PAIM, 1998, pp. 17-18)

O fim do período colonial com a chegada da família real ao Rio de Janeiro em 1808 trouxe consigo dois grandes avanços de profundas conseqüências políticas, econômicas e sociais para o Brasil: o surgimento da imprensa e a revogação da

[Digite texto]

proibição de fábricas e manufaturas. No campo das ideias, foi a partir daí que o Brasil passou a respirar ares mais liberais. Segundo Alexandre Souza (2007), “[o] encontro do Brasil com a doutrina liberal só ocorreu no século XIX, fruto do trabalho, por vezes pedagógico, de homens como Hipólito da Costa (1774-1823) e Silvestre Pinheiro Ferreira (1769-1846)” (SOUZA, 2007, p. 58)

Apesar de a política do Império ter sido marcada pela divisão entre o Partido Conservador e o Partido Liberal, estes em muito pouco se diferenciavam. Ambos eram majoritariamente contrários à abolição da escravidão, mas no Partido Liberal ideia não era tão radicalmente impopular como no Conservador. A situação ideológica dos partidos é sintetizada por uma frase atribuída a Oliveira Viana: “*não há nada mais conservador do que um liberal no poder, não há nada mais liberal do que um conservador na oposição*”.

No Primeiro Reinado, além dos já citados Hipólito da Costa e Silvestre, temos em José da Silva Lisboa, o Visconde de Cairu (1756-1835), um dos precursores do Liberalismo no Brasil. Cairu é tido como o primeiro economista brasileiro. Em sua obra “Observações Sobre a Franqueza da Indústria e Estabelecimento de Fábricas no Brasil” afirma:

Pode-se ter como regra certa, que todos os privilégios, convites, e favores extraordinários dos governos para certas indústrias, contêm em si uma força moral, e de fato, violenta, que arranca os braços e capitais donde não se deveriam tirar, e os encana para onde menos utiliza ao estado. (...) Em geral (bem o demonstra Smith) todo o privilégio exclusivo dá um monopólio, e todo monopólio particular (que não provém dos dons da natureza, e direitos da propriedade) é público malefício, e vem a ser, em fim de conta, contra o próprio estado que o concedeu. (CAIRU, 1999, pp. 51-52)

Leitor de Adam Smith, Cairu foi um fervoroso apologista do livre mercado e da abolição dos privilégios protecionistas:

Onde a lei da franqueza e livre concorrência é inviolavelmente guardada, os especuladores e projetistas, verdadeiramente hábeis e industriais, não andam esbaforidos, e desperdiçando o seu tempo em inquirir se o país tem privilegiados com exclusivos, mas se aí realmente há demanda de fábricas, e se podem bem pagar os seus produtos, e sustentar-se o estabelecimento. A concorrência só pode ter o efeito favorável ao público, de diminuir os ganhos lesivos, ou desnecessários. (CAIRU, 1999, p. 87)

Sobre o período imperial, afirma João de Scantimburgo: “*Se o liberalismo puro nunca existiu, nos tempos áureos de sua grandeza, no século XIX, não seria no Brasil, onde o mercantilismo mergulhara raízes profundas durante o período colonial, que o*

[Digite texto]

*teríamos impoluto. Mas, podemos firmar que o liberalismo [no Império] tinha predominância sobre o protecionismo.”* (SCANTIMBURGO, 1996, p. 342). Tal afirmação parece dizer mais sobre a ausência de liberalismo que se seguiu à proclamação da República do que propriamente sobre um hipotético período dourado do Liberalismo no Brasil.

A partir do fim do Império, a história política do Brasil parece ter sido também uma história de frequentes e crescentes ataques aos pilares do Liberalismo no país. De fato, como afirma Scantinburgo, *“começou com o novo regime uma lenta derivação para a intervenção do Estado na esfera econômica”*. Não que o Império tenha sido um período marcadamente liberal (como assinalado pelo próprio Scantinburgo anteriormente), mas durante a República Velha ou Primeira República (1889-1930) ocorreu a erosão dos frágeis pilares do Liberalismo Político e, em especial, Econômico. (sendo o “Encilhamento” e o “Convênio de Taubaté” as mais famosas medidas antiliberais que moldaram a economia do período).

Foi no período Vargas, entretanto, que o Liberalismo no Brasil atingiu o fundo do poço. Segundo Scantinburgo, Vargas *“foi o antiliberal por excelência, por ser antiliberal seu mestre, Augusto Comte. Demonstrou-o sempre, pautando seu governo nos 15 anos ininterruptos de 1930 a 1945 e nos quatro anos de 1951 a 1954”* (p. 345).

Apesar do hiato liberal no Brasil desde o fim do Império (*“a única fase histórica liberal no Brasil”*, segundo Scantinburgo, 1996, p. 334), contamos com diversos nomes que difundiram e promoveram o debate das ideias liberais junto à opinião pública ao longo do século XX. É o caso, por exemplo, do jurista fluminense João Arruda (1861-1943). Pioneiro em causas sociais como o reconhecimento jurídico do divórcio, o autor de *“Do Regime Democrático”* (1927) assumia-se não só como liberal, mas como *ultraliberal*:

Enfim, se sustento que deve haver um mínimo de delegação, também entendo, com os liberais, que deve haver um mínimo de governo. Não vamos nós, liberais, ao ponto de seguir à risca o *laissez-faire, laissez-passer*, não julgamos que se possa descontar *no il mondo va de se*; mas a nossa escola sustenta que muito pouco pode fazer o governo e que os particulares, muito melhor do que os governantes, conhecem os seus interesses ... E, quando o povo não acerta na escolha, que título terão os sábios para lhe impor sua vontade, seu modo de entender a vida? Nunca pude compreender com que direito o Governo de um povo se opõe à vontade deste, quer obrigá-lo a ser feliz (ARRUDA *Apud* PAIM, 1998, p. 159)



[Digite texto]

Diferentemente do que parecem crer muitos, o período militar esteve longe de ser uma época onde o Liberalismo esteve presente na política brasileira:

Sofreu o liberalismo duríssimo golpe com a ascensão dos militares ao poder. O liberalismo político foi confiscado pelo governo dos generais, assessorados por tecnocratas, com algumas exceções, antiliberais. O liberalismo econômico, esse não foi mesmo objeto de consideração. Os governos militares estatizaram em tal extensão e volume a economia que 70% dela ficaram na dependência do Estado. O governo federal veio a possuir centenas de empresas, na sua maioria mal-administradas e deficitárias, fontes do déficit público que gerou inflação. Se o fizeram intencionalmente, ou não, é irrelevante. Para a tese que estamos expondo, os governos militares foram não somente antiliberais; criaram barreiras às manifestações do liberalismo. (SCANTIMBURGO, 1996, p. 338)

No período da ditadura as ideias liberais sobreviveram por meio de iniciativas isoladas de empresários como Henry Maksoud. Em 1972, em plena vigência do AI-5, Maksoud adquiriu a Revista Visão, voltada a temas culturais e com tendência à esquerda (segundo JORGE *Apud* NERY, 2007, p. 287). Foi a partir da adoção de uma linha editorial mais liberal e crítica às medidas dirigistas do governo militar que a Revista passou a sofrer com a censura – ainda que de forma indireta. Conforme afirma João Elias Nery:

Curiosamente a principal censura à revista deu-se na segunda metade dos anos 1970, em função das críticas do proprietário da revista, H. Maksoud, à participação do Estado na economia. Para enfrentar esta divergência o governo federal deixou de investir em publicidade na revista e inibiu a participação de empresários que mantinham relações com a esfera federal e também passaram a não anunciar em Visão, temendo represálias.” (NERY, 2007, p. 295)

Paradoxalmente, foi no seio de um período marcado pelo antiliberalismo que emergiu aquele que é sem dúvidas o mais famoso e influente político e intelectual liberal da segunda metade do século XX no Brasil (e talvez até da história brasileira): o economista, diplomata e político Roberto Campos (1917-2001). No comando do Ministério do Planejamento do governo Castelo Branco, buscou controlar a inflação e modernizar a arcaica e caótica economia brasileira. Obteve relativo sucesso em ambas tarefas, mas com a ascensão da linha dura militar (marcadamente dirigista) acabou perdendo espaço, retornando à carreira diplomática em seguida. Sua vivência no exterior tornou-o ainda mais liberal, pois segundo o próprio, expandiu sua noção de mundo e sua perspectiva histórica:

Costumo dizer que os países se distinguem entre os naturalmente pobres e vocacionalmente ricos, como o Japão ou a Coreia do Sul, e os naturalmente ricos e vocacionalmente pobres, como o Brasil ou a Indonésia. A vocação da pobreza deflui da incapacidade de aprender as lições de história e da falsa percepção de que o importante são as riquezas naturais. O importante são as

[Digite texto]

riquezas artificiais de educação e da tecnologia, que transformam mesquinhos territórios como os da Alemanha e do Japão em superpotências econômicas. (CAMPOS, 1991, p. 50)

Na Assembleia Nacional Constituinte, que deu origem à Constituição Federal de 1988, lutou arduamente para que os princípios da livre iniciativa e da concorrência fossem respeitados na carta magna. Foi derrotado em boa parte de suas proposições por aquilo que chama de *Centrão*. Segundo ele, este grupo dividia-se em quatro vertentes principais: nacionalista, protecionista, assistencialista e corporativista. Todas antiliberais (CAMPOS, 2004, p. 1191).

Seu trabalho na Constituinte rendeu-lhe menção no relatório “Quem foi Quem na Constituinte nas questões de interesse dos trabalhadores”, produzido pelo DIAP (Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar), como o pior membro da assembleia – título que ele ostentava como uma honraria:

Na Constituinte, Luís Eduardo [Magalhães] e eu tiramos nota zero do Diap, organismo de ação parlamentar da CUT. Como ambos fomos reeleitos em 1990 (sendo Luís Eduardo o deputado mais votado na Bahia), enquanto a maioria dos agraciados com nota 10 sofreram rejeição popular, conclui-se que o veto da CUT equivale a um diploma de sensatez. (CAMPOS, 1998)

Campos lamentava o fato de a Constituição ter sido promulgada um ano antes de um marco histórico considerado por ele como comprovador da falência do socialismo e do dirigismo econômico – a queda do Muro de Berlim. Costumava também afirmar que o Brasil estaria “*tão distante do liberalismo - novo ou velho - como o planeta Terra da constelação da Ursa Maior*”.

Apesar de muitas vezes parecer pregar no deserto, Roberto Campos não se furtava de expressar suas opiniões a respeito das reformas necessárias no país:

O choque da liberdade consistiria na desregulamentação da economia, com o fito de estimular a produção, reduzir custos e corrupção e fomentar a competição. Para isso, urge proclamar as seis liberdades:

- A liberdade de preços, para que ninguém se abstenha de produzir ou seja levado a remarcar, com medo do congelamento;
- A liberdade de negociação salarial para o setor privado, o que permitiria relegalizar uma parte do setor informal;
- A livre flutuação da taxa de câmbio, a fim de se criar um instrumento automático de correção de desequilíbrios de pagamentos;
- A liberdade de produção, pela eliminação de cartórios e reservas de mercado;
- A liberalização comercial, substituindo-se quotas e licenças de importação por tarifas módicas e realistas;
- A liberdade de ingresso de investimentos estrangeiros. (CAMPOS, 1991, p.

## 2. 5. 2 Redemocratização e Nova República

Com os ventos da reabertura e o fim do regime militar, abriram-se novas possibilidades para o desenvolvimento das ideias liberais no Brasil. Em 1983 é fundado no Rio de Janeiro pelo empresário e engenheiro civil Donald Stewart Jr. o Instituto Liberal. Sua criação agregou apoiadores em todo o Brasil. No auge da “Rede de Institutos Liberais” (GROS, 2003, p. 143) existiam nove institutos localizados em capitais de quatro regiões brasileiras. Segundo o próprio site do Instituto Liberal:

Sua expansão se deu através da criação de institutos análogos em diversas capitais brasileiras, sucedida pela constituição de núcleos municipais no interior dos diferentes estados, núcleos esses filiados aos respectivos Institutos das capitais estaduais e de acordo com o princípio federativo.

O trabalho inicial do Instituto se concentrou por algum tempo na tradução, edição e publicação de livros e panfletos, já que eram muito poucos os textos sobre liberalismo existentes no Brasil.

Simultaneamente, o IL passou a promover palestras, colóquios e seminários. Professores, especialistas e intelectuais de diversas áreas do pensamento vêm contribuindo para a realização desse trabalho<sup>5</sup>.

Com o propósito de aumentar a sinergia entre suas atividades, vários dos Institutos Liberais Brasil afóra participaram em 1990 de um encontro de onde surgiu a carta de declaração de princípios intitulada “Declaração do Rio de Janeiro”:

Os Institutos Liberais, reunidos na cidade do Rio de Janeiro, declaram que:

1. Trabalham na difusão dos princípios do liberalismo, que consideram os mais eficazes para a promoção do bem-estar moral e material dos indivíduos, para a superação das desigualdades e para a eliminação dos privilégios existentes na sociedade brasileira;

2. Estão convencidos de que a atualidade e a modernidade dos princípios liberais permitem a sua adoção por todos os segmentos da sociedade nacional comprometidos com a realização do Estado de direito;

3. Entendem o liberalismo não como um dogma, mas como um conjunto de princípios capazes de inspirar ações no sentido de mudança social. Esses princípios privilegiam o indivíduo e não o Estado, e defendem a primazia da associação autônoma e voluntária dos cidadãos sobre as formas de organização impostas pelo Estado;

4. São independentes de partidos políticos e não tem qualquer relação de subordinação com organizações internacionais, ainda que a semelhança de denominação possa sugerir aproximações no terreno de ação.

(...)

Princípios dos Institutos Liberais:

1. O direito à vida e o direito à liberdade são inerentes à condição humana, atributos inalienáveis que não podem ser negados pela legislação;

---

<sup>5</sup> Informações disponíveis no site do Instituto Liberal: < <http://www.institutoliberal.org.br/historia/>>. Acesso em 28 Abr. 2014.

[Digite texto]

2. A liberdade é o fundamento do Estado de direito, que constitui a modalidade de associação política mais adequada para a implantação da justiça e a única forma de organização jurídica capaz de permitir a convivência harmoniosa dos indivíduos. O Estado de direito caracteriza-se por:

- a) Não conceder privilégios a ninguém, assegurando, assim, a igualdade de todos perante a lei, o que implica que nenhum cidadão pode invocar sua condição econômica, social ou política para furtar-se ao cumprimento da lei;
- b) Assegurar aos cidadãos o governo da lei em lugar do governo dos homens, partidos ou facções, e a cada indivíduo – desde que respeitados os direitos e a liberdade alheios e independentemente de sua raça, de seu sexo, de sua religião e de sua convicção política – a possibilidade de dispor livremente dos bens materiais e culturais produzidos por seu próprio esforço;
- c) Facultar aos cidadãos o livre e imediato acesso aos tribunais encarregados de administrar a justiça, garantindo a todos um processo equânime;
- d) Garantir, pelo estabelecimento de condições institucionais, a vigência da liberdade no terreno econômico, ensejando, a quantos queiram produzir e trabalhar, o livre acesso ao mercado, acesso que não pode ser cerceado por privilégios econômicos de qualquer natureza ou exigências legais e administrativas discriminatórias. Cabe ao mercado harmonizar as ambições e premiar, pelo lucro, o desempenho;
- e) Reconhecer a propriedade privada como condição fundamental para que os indivíduos possam exercer plenamente o seu direito à vida, à liberdade política e econômica e à busca da felicidade;
- f) Permitir que os acordos e divergências que ocorram no campo das relações do trabalho sejam tratados e resolvidos de maneira autônoma pelas partes;

3. A escolha dos que irão exercer as funções de governo deve ser feita pela via democrática. Para tornar efetiva a democracia, é indispensável que haja a liberdade de organização partidária e a realização periódica de eleições livres. A democracia só terá vigência plenamente assegurada quando forem aperfeiçoados os seus mecanismos representativos possibilitando a cada cidadão e aos grupos sociais participar da tomada das decisões políticas e do controle dos atos de governo que possam pôr em perigo a liberdade e os direitos individuais;

4. É necessário respeitar o princípio do federalismo, segundo o qual a União não deve realizar o que pode ser adequadamente feito pelos estados federados, nem esse o que puder ser da alçada municipal. Pelo mesmo motivo, os municípios não devem assumir o que puder ser feito pelas comunidades e essas não devem responsabilizar-se pelas atividades que podem ser adequadamente exercidas pelos indivíduos;

5. O desenvolvimento realizado com base na alocação de recursos por meio do mercado é o processo que permite aos cidadãos aperfeiçoar-se cultural e profissionalmente e usufruir de qualidade de vida progressivamente melhor.

O desenvolvimento econômico assim entendido deverá ser conduzido, no quadro do Estado de direito, pelos indivíduos que produzem riqueza, e não orientado por decisões estatais de caráter econômico e organizatório

Não obstante o voluntarismo de suas lideranças, os anos 2000 trouxeram consigo o ocaso de boa parte dos institutos liberais Brasil afora. Sobreviveram apenas dois: o original, Instituto Liberal do Rio de Janeiro, e o Instituto Liberal do Rio Grande do Sul, que em maio de 2004 passou a se chamar Instituto Liberdade<sup>6</sup>. Era o fim da rede de institutos liberais.

Durante a vigência da rede, cada instituto liberal tinha sua autonomia

---

<sup>6</sup> Conforme informações do site da própria instituição: <<http://il-rs.com.br/site/info/quemsomos.php>>. Acesso em 16 Jul. 2014.

[Digite texto]

administrativa e financeira e, logo, suas próprias peculiaridades circunstanciais. Mas os fatores apontados por Lima (2003) para a dissolução do Instituto Liberal do Paraná têm a ver com dificuldades relatadas por outros estados:

Entre as causas que podem ser apontadas como fundamentais para o encerramento de suas ações destacam-se: a questão política, na qual está compreendida a relação entre o nacional e o regional; a econômica, no que se refere à captação de recursos para as atividades de divulgação do liberalismo; e, por fim, as divergências ideológicas dos principais mantenedores. (LIMA, 2003, p. 87)

### **2. 5. 3 A era digital e o novo “movimento liberal”**

A segunda metade da década dos anos 2000 possibilitou uma profunda renovação no rol de atores e instituições envolvidas na promoção das ideias liberais no Brasil. Com o rápido desenvolvimento da internet e das mídias sociais, intelectuais, jovens profissionais e estudantes universitários passaram a se mobilizar de forma descentralizada – diferente do processo de criação dos institutos liberais duas décadas antes.

Helio Beltrão (2011) contrasta de forma muito apropriada estes dois modelos de desenvolvimento do que se convencionou chamar de “movimento liberal”:

A aranha possui um corpo central e oito pernas. A estrela-do-mar possui um corpo central e cinco braços. Internamente, entretanto, a biologia de ambas é completamente distinta.

Se você cortar uma perna da aranha, você terá uma aranha aleijada de sete pernas. Porém, se você cortar a cabeça da aranha, o que irá acontecer? Ela morrerá. Ela não consegue viver sem seu centro de comando.

Todos nós estamos familiarizados com 'organizações-aranhas': empresas, governos, instituições tradicionais, as quais possuem conselhos de administração, presidentes, hierarquias, matrizes, etc.

Agora, vejamos a estrela-do-mar. Se você cortar um braço dela, outro braço irá surgir e crescer. Se você cortá-la ao meio, algo incrível irá ocorrer: duas estrelas-do-mar surgirão; dois organismos vivos e iguais.

Existe uma espécie de estrela-do-mar (*Linckia*) que, se você cortar todos os seus cinco braços, eles crescerão como cinco organismos separados. Cada braço gera uma criatura autônoma. Não há um órgão central. Cada braço possui seus próprios órgãos, estômago, músculos, modo próprio de se alimentar etc. Há apenas um anel central e nervos radiais que conectam os braços. Eis aí uma organização descentralizada (BELTRÃO, 2011)

Filipe Celeti (2014) se propõe a realizar um relato da história recente daquilo que se convencionou chamar de “movimento” liberal ou libertário. O autor divide sua narrativa sobre o desenvolvimento desse jovem movimento de ideias em quatro etapas:

[Digite texto]

Antes de 2004 – Think Tanks e Mobilizações Esparsas; 2004-2008 – O Orkut; 2008-2012 – A Tomada da Internet; 2012-Atual – Expansão e Consolidação.

A primeira fase (“Antes de 2004 – Think Tanks e Mobilizações Esparsas”) já foi abordada anteriormente. A segunda fase relatada por Celeti (“2004 – 2008 – O Orkut”) é um tanto quanto curiosa, por ter como eixo a rede social Orkut, fenômeno de público no Brasil de 2004 ao início da década de 2010, quando perdeu espaço no Brasil para o Facebook<sup>7</sup>. A diminuição nos custos de transação envolvidos na obtenção de conhecimento possibilitada pelo surgimento de diversos blogs também teve papel importante na formação de uma massa crítica que se encontrou em comunidades do Orkut. De lá saíram pelo menos duas das instituições cujos líderes foram entrevistados nesta pesquisa: Instituto Ludwig von Mises Brasil e Libertários. Todas as outras tiveram seu surgimento fortemente impactado pela nova dinâmica imposta pelas redes sociais.

A terceira fase (“2008- 2012 – A Tomada da Internet”) demonstra que os liberais brasileiros souberam tirar bom proveito daquilo que Thomas Friedman (2005) chamou de “Globalização 3.0”, destacando-se o papel do indivíduo e sua capacidade de colaborar e concorrer com seus pares e até com grandes organizações, sem depender de direções centrais. As indagações fundamentais desse período seriam *“como é que eu me insiro na concorrência global e nas oportunidades que surgem a cada dia e como é que eu posso, por minha própria conta, colaborar com outras pessoas em âmbito global?”*. (FRIEDMAN, 2005, p. 19). Nada mais adequado ao espírito do Liberalismo.

A quarta fase (“2012-Atual – Expansão e Consolidação”) é caracterizada pelo amadurecimento das instituições surgidas nas fases anteriores, com maior popularização e diversificação de atividades.

No próximo capítulo será abordada a questão da posição dos liberais no espectro político por meio do auto-posicionamento de atores representativos membros, fundadores, dirigentes e ex-dirigentes de sete das mais importantes instituições liberais do país.

---

<sup>7</sup> <http://www.forbes.com/sites/ricardogeromel/2011/09/14/facebook-surpasses-orkut-owned-by-google-in-numbers-of-users-in-brazil/>

### 3. Como se definem e se posicionam os liberais brasileiros?

*Every faculty in one man is the measure by which he judges of the like faculty in another. I judge of your sight by my sight, of your ear by my ear, of your reason by my reason, of your resentment by my resentment, of your love by my love. I neither have, nor can have, any other way of judging about them.*

Adam Smith, The Theory of Moral Sentiments

#### 3.1 Liberalismo: *terra incognita* no oceano Direita-Esquerda

Desde 1989 o Datafolha realiza pesquisas de opinião buscando estimar o percentual da população brasileira com inclinações e posicionamento entre Direita e Esquerda. Na última edição, realizada em novembro de 2013<sup>8</sup>, os entrevistados são submetidos a uma série de perguntas sobre assuntos polêmicos sobre os quais podem optar entre duas opções: uma representativa da Direita, outra da Esquerda. A partir dela concluiu-se que

Os brasileiros se dividem de maneira igualitária entre direita (39%, sendo 10% de direita, e os demais 29%, de centro-direita) e esquerda (41%, sendo 10% de esquerda, e 31% de centro-esquerda) quando se trata de assuntos relacionados a comportamento, valores e economia. Nessa divisão, 20% ficam no centro do espectro ideológico. Ao tratar somente de temas comportamentais e ligados a valores, os segmentos da população com mais afinidades com a direita (49%, sendo 12% de direita, e 37%, de centro-direita) ultrapassam os mais ligados à esquerda (29%, sendo 4% afinados com a esquerda, e 25%, com a centro-esquerda), e o centro puro ganha espaço (22%). Quando se consideram apenas temas econômicos, a maior fatia também fica à esquerda (46%, considerando 21% de esquerda, e outros 25% de centro-esquerda), enquanto a direita abrange 26% (8% de direita, e 18%, de centro-direita), e o centro passa a abrigar 27%. (DATAFOLHA, 2013, p. 2)

O valor das gradações no *continuum* Esquerda-Direita deram-se por meio da pontuação somente das respostas à esquerda, chegando-se a uma escala contendo Esquerda ( 9, 10, 11 e 12 pontos), Centro-Esquerda (8 e 7 pontos), Centro (6 pontos), Centro-direita (5 e 4 pontos) e Direita (3, 2, 1 e 0 pontos) <sup>9</sup>.

As perguntas eram baseadas em dois eixos temáticos: um ligado a temas comportamentais ligados a valores pessoais (de 1 a 10) e outro relacionado a temas pertinentes à realidade econômica (de 11 a 16).

<sup>8</sup> Disponível em < <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2013/12/09/perfil-ideologico-dos-brasileiros.pdf>>.

<sup>9</sup> Os pontos são resultado da média ponderada entre os dois eixos temáticos.

[Digite texto]

A tabela abaixo contém as 16 questões dispostas sempre em duas opções Direita ou Esquerda. Segundo os pesquisadores, a combinação de respostas de Direita ao extremo (zero pontos) seria 1-A, 2-A, 3-A, 4-B, 5-A, 6-A, 7-B, 8-A, 9-B, 10-B, 11-B, 12-B, 13-B, 14-A, 15-B, 16-B, enquanto a de Esquerda (12 pontos) seria o exato oposto.

	<b>A</b>		<b>B</b>
1.	Possuir uma arma legalizada deveria ser um direito do cidadão para se defender	ou	A posse de armas deve ser proibida, pois representa ameaça à vida de outras pessoas?
2.	Boa parte da pobreza está ligada à preguiça de pessoas que não querem trabalhar	ou	Boa parte da pobreza está ligada à falta de oportunidades iguais para que todos possam subir na vida?
3.	Pessoas pobres de outros países e Estados que vêm trabalhar na sua cidade acabam criando problemas para a cidade	ou	Pessoas pobres de outros países e Estados que vêm trabalhar na sua cidade contribuem com o desenvolvimento e a cultura da cidade?
4.	A maior causa da criminalidade é a falta de oportunidades iguais para todos	ou	A maior causa da criminalidade é a maldade das pessoas?
5.	A pena de morte é a melhor punição para indivíduos que cometem crimes graves	ou	Não cabe à Justiça matar uma pessoa, mesmo que ela tenha cometido um crime grave?
6.	O uso de drogas deve ser proibido porque toda a sociedade sofre com as consequências	ou	O uso de drogas não deve ser proibido, porque é o usuário que sofre com as consequências?
7.	A homossexualidade deve ser aceito por toda a sociedade	ou	A homossexualidade deve ser desencorajado por toda a sociedade?
8.	Acreditar em Deus torna as pessoas melhores	ou	Acreditar em Deus não necessariamente torna uma pessoa melhor?
9.	Os sindicatos são importantes para defender os interesses dos trabalhadores	ou	Os sindicatos servem mais para fazer política do que defender os trabalhadores?
10.	Adolescentes que cometem crimes devem ser reeducados	ou	Adolescentes que cometem crimes devem ser punidos como adultos?
11.	É bom que o governo atue com força na economia para evitar abusos das empresas	ou	Quanto menos o governo atrapalhar a competição entre as empresas, melhor para todos
12.	É preferível pagar mais impostos ao governo e receber serviços gratuitos de educação e saúde?	ou	É preferível pagar menos impostos ao governo e contratar serviços particulares de educação e saúde
13.	Quanto mais benefícios do governo eu tiver, melhor estará minha vida ?	ou	Quanto menos eu depender do governo, melhor estará minha vida
14.	O governo não deve ajudar grandes empresas nacionais que corram o risco de ir à falência?	ou	O governo tem o dever de ajudar grandes empresas nacionais que corram o risco de ir à falência
15.	As leis trabalhistas no Brasil mais protegem os trabalhadores do que atrapalham o crescimento das empresas, por isso boa parte delas deveria ter seus benefícios ampliados?	ou	As leis trabalhistas no Brasil mais atrapalham o crescimento das empresas do que protegem os trabalhadores, por isso boa parte delas deveria ser eliminada
16.	O governo deve ser o maior responsável por investir no país e fazer a economia crescer?	ou	As empresas privadas devem ser as maiores responsáveis por investir no país e fazer a economia crescer

Encontrar a posição liberal definitiva e conclusiva a respeito destas dezesseis questões certamente demandaria uma dissertação (quem sabe até uma tese) própria, dado o fato de que, como afirma Vargas Llosa (2014):

é natural que haja entre os liberais discrepâncias, e às vezes muito sérias, sobre temas como o aborto, os casamentos gays, a legalização das drogas e outros. Sobre nenhum desses temas existem verdades reveladas. A verdade, como estabeleceu Karl Popper, é sempre provisória, válida apenas enquanto não surgir outra que a qualifique ou a refute. Os congressos e encontros liberais costumam ser frequentemente parecidos com os dos trotskistas (quando existia o trotskismo): batalhas intelectuais em defesa de ideias contrapostas. (VARGAS LLOSA, 2014)

Mas mesmo que deixemos de lado algumas questões mais, digamos, delicadas, é Mas mesmo que deixemos d lado algumas questões mais, digamos, delicadas, podemos concluir que, de acordo com a metodologia aqui utilizada, um liberal (que em algumas questões concordaria com a Direita e em outras com a Esquerda), ao optar pelas



[Digite texto]

alternativas mais afins à sua inclinação político ideológica, seria posicionado em algum lugar no Centro<sup>10</sup> da escala Esquerda-Direita. Muito próximo, aliás, de alguém que optasse por posições exatamente opostas às liberais nas mesmas questões.

Abordagem diferente foi a Zogby International em uma pesquisa sobre o posicionamento dos eleitores americanos. Em vez de simplesmente questionarem os entrevistados sobre se seriam de Direita (*Conservative*) ou de Esquerda (*Liberal*), buscaram ir além, possibilitando que se optasse ou não por uma interação entre as duas opções divididas em temas ditos “sociais” e “fiscais”. Conforme relatam David Boaz e David Kirby:

We asked half the sample, "Would you describe yourself as fiscally conservative and socially liberal?" We asked the other half of the respondents, "Would you describe yourself as fiscally conservative and socially liberal, also known as libertarian?"

The results surprised us. Fully 59 percent of the respondents said "yes" to the first question. That is, by 59 to 27 percent, poll respondents said they would describe themselves as "fiscally conservative and socially liberal."

The addition of the word "libertarian" clearly made the question more challenging. What surprised us was how low the drop-off was. A robust 44 percent of respondents answered "yes" to that question, accepting a self-description as "libertarian." (BOAZ & KIRBY, 2007, p. 16)

A respeito dessa nada desprezível proporção de indivíduos que parecem não se enquadrar nos perfis tradicionais de Direita e Esquerda (bem representados nos EUA pelo embate Republicanos X Democratas), o articulista Max Borders afirma que o liberalismo se posiciona atualmente como um “novo centro”:

when we think in terms of those perceptions, most people think of Rs as being fiscally and socially conservative and Ds as being fiscally and socially liberal. The old center was once about being either squishy in both departments, or about being fiscally liberal and socially conservative. But a new “center” is emerging. As people become disaffected with all the bad economic policies of the Obama administration and all of the preachy moralisms of the Republican status quo, most are gravitating to a position that looks decidedly more libertarian—that is, fiscally conservative and socially liberal. (...) partisan politics is dying. The kids today are growing up (a) in an era of high-tech decentralization, and (b) in an era where electoral politics is being exposed as one big charade. They’re becoming increasingly disaffected with the back-biting, name-calling, cronyism, and bureaucratic bungling that is the nature of this particular beast we call politics. And politics is the primary means for both conservatives and progressives. (BORDERS, 2014)

Fenômeno similar parece estar ocorrendo no Reino Unido, conforme relata

---

<sup>10</sup> Ubiratan Borges de Macedo é um dos poucos (senão o único) a defender a ideia de que o Liberalismo seria uma ideologia política de Centro – especificamente “*a face esquerda do centro*” (MACEDO, 1997, p. 12).

[Digite texto]

reportagem da revista *The Economist*<sup>11</sup> destacando uma mudança de atitude das gerações mais novas para com o Estado :

More than two-thirds of people born before 1939 consider the welfare state “one of Britain’s proudest achievements”. Less than one-third of those born after 1979 say the same.

(...)

They care about the environment, but are also keen on commerce: more supportive of the privatisation of utilities, more likely to reject government attempts to ban branding on cigarette packets and more likely to agree that Tesco, Britain’s supermarket giant, “has only become so large by offering customers what they want.

No Brasil, carecemos ainda de pesquisas quantitativas que possam estimar qual a proporção do eleitorado é “*fiscally conservative and socially liberal*” ou simplesmente liberal. Mas na mesma semana em que foi divulgada a supracitada pesquisa do Datafolha em novembro de 2013 pelo jornal Folha de São Paulo, um de seus articulistas semanais relatou em artigo seu desconforto em relação à dicotomia Direita-Esquerda. Contardo Caligaris afirma em seu artigo intitulado “Sou de esquerda ou de direita?”:

As frases propostas à apreciação dos entrevistados me deixam hesitante; sempre preciso completá-las (com adversativas e reservas) para poder concordar ou discordar.

Por exemplo, o "governo deve ser o maior responsável por investir para a economia crescer". É uma ideia que deveria seduzir meu lado esquerdo. Mas não sei se houve uma época da minha vida em que eu não desconfiasse da intervenção do Estado na vida da gente. No Brasil de hoje, então, nem se fala: qualquer aumento da presença do governo agita visões pavorosas de corrupções crônicas e de burocracias acomodadas e ineficientes.

(...)

eu tenho repulsa por qualquer tipo de tutela. Nisso e por isso, sou libertário. Como isso funciona com direita e esquerda? (CALIGARIS, 2013)

Apesar de não ser o autor um teorista político, sua inconformidade com as limitações da dicotomia Direita-Esquerda parecem encontrar respaldo em diversos âmbitos.

### **3. 2 Como se posicionam os liberais brasileiros**

Diante desta dificuldade em se identificar os posicionamentos e inclinações políticas de atores para além da dicotomia Direita-Esquerda, optamos pela realização de

---

<sup>11</sup> “Generation Boris”, disponível em <<http://www.economist.com/news/britain/21578666-britains-youth-are-not-just-more-liberal-their-elders-they-are-also-more-liberal-any>>. Acessado em 20 de junho de 2014.

[Digite texto]

uma pesquisa qualitativa com algumas das mais importantes lideranças do que hoje convencionou-se chamar de “movimento liberal”. Os entrevistados não foram selecionados aleatoriamente: são oito líderes e representantes de sete das principais instituições brasileiras cuja missão é a difusão das ideias liberais (ver ANEXO 2). Todas elas estiveram dentre os convidados de um encontro realizado em São Paulo no dia 11/08/2012, promovido pelo Instituto Friedrich Naumann para a Liberdade<sup>12</sup>, intitulado “I Encontro Liberal do Brasil”<sup>13</sup>. Participei do referido encontro não apenas como observador, mas conduzindo os trabalhos na condição de representante de uma das instituições participantes – o Instituto Ordem Livre.

Ciente da limitação da amostra, não pretendo extrair das respostas dos entrevistados uma conclusão categórica e inequívoca sobre um assunto tão complexo quanto o posicionamento dos liberais no espectro político. O objetivo aqui é tentar estimar a percepção de personagens que são hoje protagonistas em um nicho específico do espectro político a respeito do seu enquadramento no mesmo.

A priori, vislumbramos a incidência de uma limitação típica das pesquisas com atores políticos. Conforme BENOIT & LAVER,

One key problem is the strong incentives for politicians to characterize party policy positions—both their own and those of others—in a non-sincere fashion. Politicians from more centrist parties, for instance, are more likely to rate extreme parties as extreme, while politicians from extreme parties are more likely to place such parties as being less extreme. (BENOIT & LAVER, 2006, p. 97)

Exemplos de pesquisas com políticos no Brasil são trazidos no trabalho de ZUCCO & POWER (2008), onde são discutidas limitações deste tipo de pesquisa. Uma delas é resultado daquilo que Zucco e Power chamam de “direita envergonhada” (p. 16): por conta da má imagem deixada pela ditadura militar no país e também devido à crença de que a ditadura militar brasileira, a despeito de seu caráter estatizante, teria sido uma ditadura “de direita”, assumir-se como “direitista” no Brasil seria visto como pouco

---

<sup>12</sup> O Instituto Friedrich Naumann para a Liberdade é o escritório brasileiro do Friedrich Naumann Stiftung für die Freiheit, que, segundo seu site oficial, é “*the foundation for liberal politics in the Federal Republic of Germany. It aims to promote the goal of making the principle of freedom valid for the dignity of all people and in all areas of society, both in Germany and abroad. With the safeguarding and the development of its statutory projects (civic education and dialogue, sponsorship of the talented, research and political consultation, archive-work), the Friedrich Naumann Foundation wants to contribute to shaping the future*”. Disponível em: < <http://www.en.freiheit.org/About-us/790c709/index.html>>.

<sup>13</sup> Relato sobre o encontro encontra-se disponível no site da instituição: <http://www.ffn-brasil.org.br/novo/?secao=Atualidades&codigo=957>.

[Digite texto]

rentável pela classe política. Por conta disso, são poucos os políticos que se declaram de direita.

Acredito, no entanto, que, no caso dos liberais, tais incentivos não sejam tão fortes quanto no caso dos políticos pelo fato de nenhuma das instituições presentes na amostra ser um partido político, sujeitos a *feed backs* eleitorais de curto prazo. Temos, sim, um partido político em formação (Partido NOVO), mas que se coloca abertamente como um projeto político focado no “longo prazo”<sup>14</sup>. Completando o rol de instituições, temos 6 associações civis sem fins lucrativos com foco na educação a respeito dos fundamentos das ideias liberais, mas que diferem entre si mais tanto pela abordagem quanto por seus públicos-alvos.

### **3. 2. 1 Apresentando as instituições que fazem o movimento liberal brasileiro**

O Partido NOVO encontra-se em processo de registro, tendo atingido já o número mínimo de assinaturas de apoio à sua criação devidamente certificadas pela justiça eleitoral. O número exigido pela Lei dos Partidos Políticos (Lei 9.096/1995) atualmente é 492 mil assinaturas de apoio (o correspondente a “pelo menos, meio por cento dos votos dados na última eleição geral para a Câmara dos Deputados”, conforme o parágrafo 1º do art. 7º da referida lei). O NOVO conta com lideranças nos principais estados brasileiros e tem uma participação notável sob quaisquer aspectos nas redes sociais. É o hoje o partido (regularizado ou em formação) com maior quantidade de seguidores no Facebook em sua página: 584.310 *likes* (“curtidas”), seguido de longe pelo segundo colocado, o PT, com 281.990 *likes*. Fundado em 2011, tem sedes em Brasília e São Paulo.

O Libertários (ou LIBER) se define “*uma instituição de atuação política, sem fins lucrativos, que visa difundir os preceitos do Libertarianismo, doutrina filosófica baseada nos princípios da não agressão e da auto-propriedade*”. Apesar de terem status jurídico de “partido político em formação”, optaram por deixar em segundo plano a coleta de assinaturas para a criação do partido após cerca de quatro anos de tentativas de

---

<sup>14</sup> Conforme sua exposição de valores, disponível no site do partido:  
<<http://novo.org.br/index.php#ideais>>.

[Digite texto]

obtenção de assinaturas de apoio. Hoje atuam mais como um ‘movimento’, promovendo eventos, publicando artigos de opinião e participando de manifestações. São bastante ativos nas redes sociais, em especial no Facebook, onde contam com quase 50 mil seguidores.

O Instituto Ludwig von Mises Brasil (IMB) traz consigo uma perspectiva mais radical das ideias liberais, tendendo mais para as ideias do filósofo anarco-capitalista americano Murray Rothbard do que propriamente para a obra do economista austríaco que dá nome à instituição. Sua base analítica é a Escola Austríaca de Economia.

O Instituto Liberal (IL) é a mais antiga das instituições liberais do Brasil, tendo sido fundado em 1983. No passado foi um interlocutor importante nos debates públicos no Brasil, posição que vem tentando recuperar desde o início de 2013 quando passou por uma renovação em seu corpo diretivo. Seu foco é atuar como um *think tank*<sup>15</sup>, isto é, um “tanque de ideias” para atuar na batalha de ideias. Produz papers de políticas públicas e análises em forma de artigos de opinião veiculadas em jornais de todo o país. Sua sede é no Rio de Janeiro.

O Instituto Millenium (IMIL) se auto-intitula como um “centro de pensamento” e tem por foco a atuação junto à imprensa e eventos esparsos em universidades. Conta com grandes figuras do meio empresarial brasileiro e da mídia em seu quadro de mantenedores e em seu conselho de governança – o que o torna frequente objeto de reportagens de setores à esquerda, como é o caso de revistas como Carta Capital<sup>16</sup>, Carta Maior<sup>17</sup> e Brasil de Fato<sup>18</sup>. Também tem atraído atenções na Academia, como denotam as pesquisas de Pastore (2012) e Silveira (2013). Fundado em 2005, sua sede é localizada no Rio de Janeiro.

O Instituto de Estudos Empresariais (mais conhecido como IEE) tem sua atuação

---

<sup>15</sup> SILVEIRA (2013) define *think tanks* como “instituições formalmente institucionalizadas, sem fins lucrativos, que exerçam sua influência por meio da produção e transmissão de conhecimento tendo como objetivo final a mudança de políticas públicas, opinião pública e/ou legislação” (p. 14).

<sup>16</sup> “Saudades de 1964: O Instituto Millenium é a versão contemporânea, mas não moderna, dos golpistas do passado”, disponível em <<http://www.cartacapital.com.br/politica/saudades-de-1964-2>>.

<sup>17</sup> “O Millenium e as Lembranças”, disponível em <<http://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/O-Millenium-e-as-lembrancas-/28692>>.

<sup>18</sup> “Instituto Millenium, catalisador de ideias conservadoras”, disponível em <<http://www.brasildefato.com.br/node/2266>>.

[Digite texto]

voltada para a formação de lideranças empresariais. É mais conhecido pela organização do Fórum da Liberdade, evento de ideias que ocorre em Porto Alegre desde 1988 e conta com frequência com a presença de palestrantes referência mundial em suas áreas, chefes de Estado e vencedores do Prêmio Nobel de Economia. Fundado em 1984, tem sede em Porto Alegre.

A Rede Estudantes Pela Liberdade (EPL) foi criada informalmente no Brasil em 2010, inspirada no sucesso de sua congênere americana (*Students For Liberty*). Obteve registro como associação civil em 2012 e atua como divulgadora de ideias e fomentadora de iniciativas independentes em prol das ideias liberais por parte dos grupos membros de sua rede. Não dispõe de escritório próprio, mas sua rede abrange todos os estados do Brasil por meio de coordenadores regionais, estaduais e coordenadores de universidades/faculdades.

### **3. 2. 2 Como se enxergam e posicionam os liberais brasileiros?**

As entrevistas se basearam em seis perguntas:

1. Como você definiria o posicionamento político-ideológico da sua instituição?
2. Você os considera de Direita, Centro ou Esquerda?
3. Numa escala de 1 a 10, onde 1 equivale à extrema esquerda e 10 à extrema direita, como você classificaria sua instituição?
4. Na sua opinião, os liberais têm maiores afinidades com a Esquerda ou com a Direita? Por quê?
5. Existe algum partido ou político que represente as ideias liberais no Brasil?
6. Em caso negativo, a que se deve esse fato na sua opinião?

Para fins de análise, dividiremos as perguntas em dois blocos: um primeiro composto pelas questões 1, 2, 3 e 4; e o segundo por 5 e 6.

As perguntas do primeiro bloco têm por objetivo avaliar a simpatia e a rejeição dos entrevistados quanto ao rótulo de Direita e instiga-los a desenvolverem mais

[Digite texto]

detalhadamente sua percepção sobre o que aproxima e o que afasta o Liberalismo da Direita e da Esquerda.

Por fim, o segundo bloco traz algumas observações interessantes sobre a atitude dos liberais para com a política e o sistema político-partidário brasileiro atual.

### **3. 2. 2. 1 Direita, Centro ou Esquerda?**

Inicialmente, foi dada aos entrevistados a possibilidade de definirem espontaneamente o rótulo ou posicionamento político-ideológico de sua instituição. Em sua totalidade, os entrevistados quando questionados sobre como definiriam o posicionamento político-ideológico de suas instituições as qualificam como liberais ou “libertárias”. Aí já se percebe uma característica marcante do jovem movimento liberal brasileiro: a divisão em “facções”, de acordo com o grau de “radicalismo” na aplicação das ideias liberais e no grau de intervenção do Estado aceita pelos membros e apoiadores de cada instituição.

Tais divergências são vistas como naturais por Mario Vargas Llosa:

Não há fórmulas rígidas e receitas únicas para que as ponhamos em prática. Forçar reformas liberais de maneira abrupta, sem consenso, pode provocar frustração, desordens e crises políticas que põem em risco o sistema democrático. Este é tão essencial ao pensamento liberal como o da liberdade econômica e o do respeito pelos direitos humanos. (VARGAS LLOSA, 2014)

Helio Beltrão, um dos fundadores de duas das instituições presentes na amostra (IMIL e IMB, sendo Presidente deste), ressalta esta diferença em relação às duas instituições que lhe dizem respeito:

A gente acha [no IMB], então, que nenhum serviço deveria ser provido por meio de monopólios estatais. O Estado poderia prover o serviço, mas em igualdade de condições ao setor privado. Sem confiscar através de impostos e sem impedir a competição com terceiros. Nesse sentido, então, a gente é considerado o extremo do livre mercado, porque a gente defende-o em todos os aspectos.  
O Millenium defende o livre mercado, mas acha que o governo deve prover serviços essenciais.

Carlo Rocha (falando na condição de ex-Presidente do LIBER e atual Presidente do EPL) propõe uma gradação de acordo com o supramencionado “grau de radicalismo” com que se adere à tese de não intervenção do Estado:

[Digite texto]

O EPL e o LIBER são associações libertárias, compostas majoritariamente por minarquistas e anarco-capitalistas e, também, por liberais clássicos. Considero o libertarianismo uma derivação do liberalismo clássico, um pouco mais radical e com um peso maior para as liberdades sociais.

O discurso de Rocha é afinado com o de Juliano Torres, ex-Presidente do LIBER antecedendo a Rocha e atual Diretor Executivo do EPL:

Somos uma rede estudantil que tem como missão difundir as ideias pró-liberdade em todo o Brasil. Sendo mais específico, nosso entendimento de liberdade pode ser melhor compreendido com os termos liberalismo e libertarianismo. Apesar de tentarmos englobarmos diversas iniciativas que tendem a ampliar as liberdades e não termos uma cartilha definindo exatamente quais são elas, temos claramente um corpo filosófico que nos permite analisar em profundidade cada caso que nossa opinião é solicitada, o que nos ajuda a não cair no relativismo do termo liberdade presente nos movimentos estudantis e também no restante da sociedade. O termo liberdade, assim como o democracia tem sido usado para defender todos os tipos de posicionamentos ideológicos e medidas concretas.

Um ponto quase consensual, no entanto, parece ser (em diferentes graus) a aversão à ideia de pertencer à Direita. Rocha, por exemplo, discorda com veemência do uso da terminologia: *“Entendo que essa classificação é equívoca, pois o conceito de direita, esquerda e centro varia muito de pessoa para pessoa. Tendo em vista que tais conceitos não têm uma definição minimamente consensual, eu entendo que tal classificação deve ser evitada.”*

William Ling, fundador do IEE e membro do Conselho do IMIL, rejeita por completo a escala Esquerda-Direita como parâmetro ideológico: *“Como eu rejeito esse espectro [unidimensional], eu não vou classificar. A imprensa e a opinião pública tentam carimbar uma imagem de direita”*. Provocado a optar por uma posição dentro da escala Esquerda-Direita, afirma:

Se eu fosse classificar o Millenium nessa escala, eu diria que ele é de Centro. Porque a postura do Millenium é criar um espaço para debater as ideias. Nós todos queremos democracia, Estado de Direito, bem estar para todos. E queremos isso e vamos debater.

(...)

De 0 a 10, eu diria 5 para ambas. O IEE não tem um objetivo ideológico. Sua posição é formar lideranças empresariais. Parecido com o que o Millenium faz, os temas, etc. Externamente, o IEE não se posiciona. Realiza o Fórum da Liberdade, que é um fórum para se discutir ideias. Mas na cabeça das pessoas, o IEE e o Millenium são órgãos de direita.

Feijó, que além de vice-Presidente do IEE foi também vice-governador do Rio Grande do Sul, evita a visão unidimensional do espectro político: *“O IEE busca a liberdade, e isso não é Direita, nem Esquerda, nem Centro. É a liberdade propriamente*



[Digite texto]

*dita. No meio político as pessoas enxergam aqueles que defendem o liberalismo como de Direita, mas eu não reconheço”.*

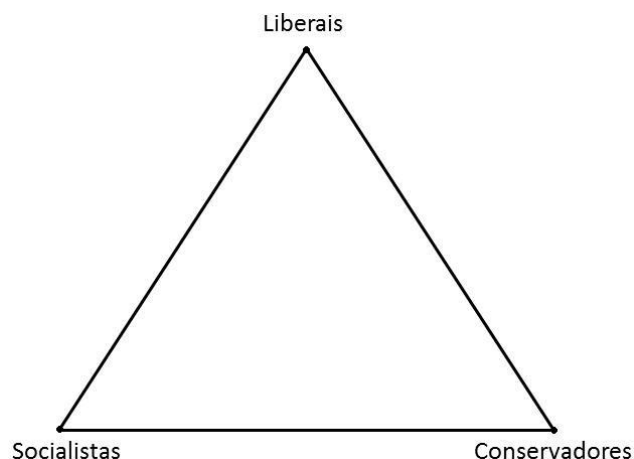
Nesse sentido, Benoit & Laver chamam a atenção para a necessidade de se buscar uma dimensão adicional para além da tradicional:

If we are allowed only one descriptive dimension we can feel confident in saying that the conservative and classical liberal positions are both on the right; but we also are acutely aware that they are distinctly different; and we are not comfortable with describing the conservative position as being clearly to the left of classical liberalism, or vice versa. These two positions differ on some other dimension. At one end of this other dimension we find a quintessentially conservative belief in the value of loyalty to the nation and/or state, an organic view of the inter-relationships between citizens and society, and possibly also a belief in the central role played by the church in binding citizens and society together.<sup>1</sup> At the other end of this dimension we find a quintessentially individualistic liberal belief in the primacy of the citizen vis à vis the nation and/or state, a consequent suspicion of state intervention in the lives of individuals, and often also a very firm belief in the need to separate the roles of church and state. (BENOIT & LAVER, 2006, pp. 17-18)

Bruno Zaffari, também do IEE, ressalta a inadequação da divisão entre Direita e Esquerda: *“Eu acho que essa escala não se encaixa, não só ao IEE, mas a qualquer instituição que defenda o liberalismo. Poderia estar equidistante, mas não é centro. O IEE é uma instituição liberal (...) Aí a gente entra naquela conversa do triângulo [de Hayek], havendo a esquerda a direita e o liberalismo, cada um em um vértice”*. Zaffari se refere à alternativa proposta por F.A. Hayek em relação à visão unidimensional do espectro político:

The picture generally given of the relative position of the three parties does more to obscure than to elucidate their true relations. They are usually represented as different positions on a line, with the socialists on the left, the conservatives on the right, and the liberals somewhere in the middle. Nothing could be more misleading. If we want a diagram, it would be more appropriate to arrange them in a triangle with the conservatives occupying one corner, with the socialists pulling toward the second and the liberals toward the third. (HAYEK, 1960, p. 344)

[Digite texto]



Quem também faz menção ao “triângulo de Hayek” é Rodrigo Constantino (fundador do IMIL e Presidente do IL):

Pessoas conseguem carregar ideias contraditórias, imagina você aglutinar sete bilhões de pessoas pensando em política [com base em] um conceito simplista como Direita e Esquerda. É óbvio que vai ser muito limitado. Então é um primeiro passo. É uma primeira grande divisão. Mas depois vai ter que qualificar, não tem jeito. Vai ter que começar a aprofundar e abrir pra ver o que a pessoa defende realmente.

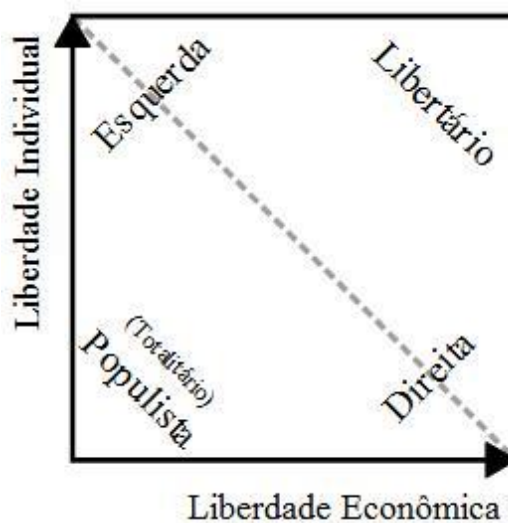
Eu acho que o Diagrama de Nolan explica [o espectro político] de maneira mais interessante. O triângulo de Hayek também, ele coloca os conservadores e os socialistas em vértices diferentes [do dos liberais].

O “diagrama de Nolan” a que se refere foi uma proposição alternativa popularizada pelo cientista político americano David Nolan em artigo publicado em 1971 ("*Classifying and Analyzing Political-Economic Systems*"). Nolan encontrava-se descontente com a política americana e, em especial, com a administração Nixon. Seu crescente desgosto com a Direita Republicana uniu-se a uma rejeição anterior à Esquerda Democrata, motivando-o a refletir sobre a possibilidade, por meio da criação de um novo partido, mobilizar indivíduos de ambos os lados do espectro político em nome da defesa das liberdades econômicas (tida como bandeira Republicana) sem abrir mão das liberdades civis e políticas (bandeiras tradicionalmente Democratas). Nolan, então, escreveu um artigo questionando o sistema bipartidário americano, intitulado “The Case For a Libertarian Political Party”. Neste artigo, pôs em cheque a divisão Esquerda-Direita, propondo o não-alinhamento daqueles que defendessem ao mesmo tempo liberdades econômicas (como a laboral, de comércio, de impostos altos, etc.) e individuais (civis e políticas como a de se expressar e associar livremente, unir-se a

[Digite texto]

peças do mesmo sexo, praticar aborto, etc.). Em vez de seguirem apoiando tais causas pela metade, eles deveriam formar um terceiro partido. Em dezembro de 1971 foi criado na casa de David Nolan o *Libertarian Party*, hoje o terceiro maior partido dos EUA (ainda muito longe dos dois partidos dominantes).

O diagrama é focado exclusivamente no grau de intervenção estatal sobre a vida e as liberdades dos indivíduos, mas divide tal intervenção em dois eixos – intervenções às liberdades individuais (eixo vertical) e econômicas (eixo horizontal):



O diagrama de Nolan apresenta-se como uma alternativa interessante por trazer uma perspectiva mais abrangente do espectro político por possibilitar uma separação mais clara entre posicionamentos tão destoantes como os quatro extremos do gráfico. De acordo com esse método, Stalin, Hitler, Pol Pot e outros estariam no quadrante mais próximo à origem, devido ao seu baixo apoio a ambos os eixos de liberdade, suplantadas pela intervenção governamental; no quadrante inferior direito estariam tanto representantes da direita clássica, como Ronald Reagan e Margaret Thatcher (mais acima), como representantes da direita autoritária pró-mercado, como Augusto Pinochet e os governantes de Singapura e Hong Kong (mais abaixo); no quadrante superior esquerdo estariam representantes da esquerda clássica, como Franklin Delano Roosevelt, Jimmy Carter e Lula; por fim, no quadrante superior direito estariam políticos liberais clássicos e libertários como Thomas Jefferson, Roberto Campos e Ron Paul, bem como pensadores tais como Lord Acton, Friedrich Hayek e Milton Friedman.

Não obstante, como qualquer simplificação genérica de algo tão complexo quanto o posicionamento de atores no espectro político-ideológico, o Diagrama de

[Digite texto]

Nolan apresenta algumas limitações comuns aos modelos unidimensionais. Por exemplo, o posicionamento favorável a uma ampliação do direito de portar armas, tradicionalmente ligado à Direita, acaba incidindo no eixo de liberdades individuais, posicionando um conservador extremista próximo a um socialista. Ou mesmo ao abordarem-se temas determinados por premissas influenciadas por questões pós-materialistas, como ecologia, bioética e cultura. A existência de dois eixos e de uma maior quantidade de perguntas<sup>19</sup> tende, no entanto, a minimizar o impacto de tais distorções no resultado final.

Motivados por inquietações semelhantes, BRYSON & MCDILL propuseram antes de Nolan uma alternativa que respondesse de maneira mais abrangente às variedades ideológicas (mesmo em uma época em que a escala Esquerda-Direita parecia fazer mais sentido):

First, a simple linear picture of a left-to-right alignment, with communism at the far left and fascism or nazism at the far right, is unsatisfactory in that it neglects the essential similarity between these two extremes, viz., their common totalitarianism. (...) Another criticism, more severe from an analytical viewpoint, could have been leveled against the linear and circular models. This consists of a failure to recognize important distinctions between alternative philosophies which tend to be lumped together or at least closely associated in any linear model. Specifically, the term rightwing is commonly used to denote not only fascism, but also such concepts as the objectivist philosophy of Ayn Rand or the laissez-faire economics of Milton Friedman. And yet, even the most biased of analysts must recognize profound differences between these latter philosophies and fascism; since, in fact, these differences would appear to place the conflicting viewpoints practically at opposite poles, it is obvious that no small modifications in the form of the political spectrum can account for the differences. (BRYSON & MCDILL, 1968, pp. 19-20)

O diagnóstico proposto por Bryson e McDill é compartilhado até mesmo por Bobbio que, reconhecendo problemas similares chega a sugerir (ainda que não entusiasticamente, dada sua relutância em abandonar a díade tradicional) a possibilidade de pautar-se o posicionamento no espectro político por uma nova contraposição: “liberistas e estatistas” (1995, p. 13). Bryson e McDill, no entanto, apontam as limitações de uma proposição do tipo (Lawrence McGann, “The Political Spectrum”, 1967):

In classifying ideologies only according to the degree of governmental control, his structure lumps together fascism and communism at one extreme—a grouping which might not appear totally unreasonable in today's political environment, but one which would have been badly misleading before the

---

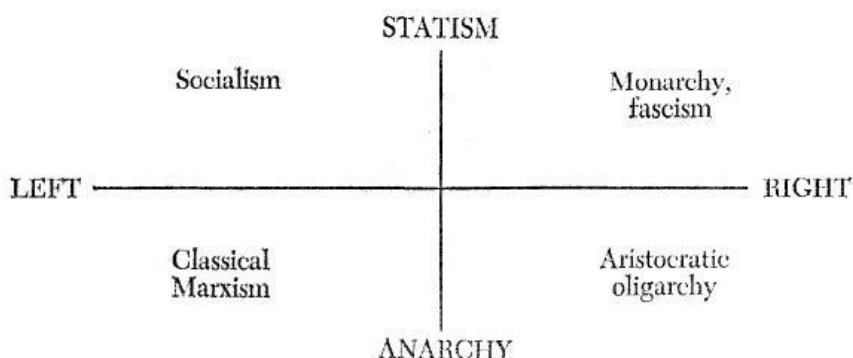
<sup>19</sup> Como proposto pelo site Political Compass <http://www.politicalcompass.org/test>.

[Digite texto]

Second World War. More dangerously, it lumps together at the other extreme those whose philosophy is dominated by an opposition to governmental control, whether they be Goldwater Republicans or "hippies" opposing narcotics regulations. Once again, the differences between the groups are too important to be glossed over. (BRYSON & MCDILL, 1968, p. 20)

Essa incongruência apontada por Bryson e McDill parece decorrer do fato de grupos tão distintos como conservadores da linha de Barry Goldwater (candidato a presidente derrotado em 1964 e autor de “The Conscience of a Conservative”, onde defende um Estado constitucionalmente limitado, defensor de direitos individuais e baseado na tradição religiosa<sup>20</sup>) e hippies ligados à contracultura (defensores do amor livre, de bandeiras pacifistas e do fim de restrições a direitos civis determinadas pela cor ou pelo gênero) enfatizarem pontos diferentes de suas liberdades.

Como alternativa, sugeriram a adoção de um espectro bidimensional baseado em dois eixos medindo o grau de controle governamental (vertical) e o grau de igualitarismo defendidos:



A proposição de Bryson e McDill apresenta, portanto, um eixo vertical focado na abrangência do Estado sobre a vida e as liberdades dos indivíduos (Estatismo-Anarquismo) e um eixo horizontal onde são contrapostos os valores a influenciarem e justificarem esta abrangência (Esquerda-Direita).

João Dionísio Amoêdo, representante do único partido político em nossa amostra, esquivou-se de optar por uma posição entre Direita e Esquerda – como o fazem os outros partidos políticos já existentes referidos como à Direita, reforçando o

---

<sup>20</sup> “The true Conservative was sympathetic with the plight of the hapless peasant under the tyranny of the French monarchy. And he was equally revolted at the attempt to solve that problem by a mob tyranny that paraded under the banner of egalitarianism.” GOLDWATER, Barry. **The Conscience of a Conservative**. Princeton: Princeton University Press, 2007, p. 5.

[Digite texto]

fenômeno chamado de “Direita Envergonhada” (SOUZA, 1988; e POWER & ZUCCO, 2011). Mas, diferentemente do que parece ocorrer com estes, não se furta de expressar as posições de seu partido de forma clara para além do espectro:

Primeiramente eu não usaria nenhum rótulo, pois eles não dizem mais nada hoje. Qualquer rótulo que você defina hoje o sujeito vai pegar só o lado negativo do rótulo e vai questionar. Eu definiria o NOVO pelos seus objetivos e valores. Ideologicamente, nós defendemos liberdades individuais, nos focamos em projetos de longo prazo e nossos outros valores [...]. Em termo de estratégia, nosso objetivo é reduzir o tamanho do Estado, deixando mais coisas nas mãos da iniciativa privado e do indivíduo. No meio tempo, achamos que deve ocorrer também uma melhora na gestão, mas com a visão macro de que [o tamanho do Estado] deve ser reduzido. Se for pra dar um rótulo, então, eu diria que o Novo é um partido liberal. Nós acreditamos na democracia, na livre-iniciativa.

O único a utilizar espontaneamente a terminologia tradicional é Rodrigo Constantino, ao falar das duas instituições com as quais é relacionado: “*Millenium é Centro-Direita. O Instituto Liberal é mais liberal. E mais à direita, então*”.

Apesar de aceitar o uso do termo, Constantino demonstra certo receio em “*É capcioso e perigoso falar-se em Esquerda, Direita e Centro, acho que tem que qualificar, mas não tem como fugir. (...) Não me incomodo de ser associado a uma Direita porque eu vou logo lá depois e qualifico*”. Qualificar, para ele, seria adicionar adjetivos relacionados a valores que lhe sejam caros, como forma de diferenciá-lo de outros que possam porventura cair no campo da Direita:

Eu me considero uma direita-liberal. Eu não tenho muita vergonha do uso do termo direita, mas eu acho que gera muita confusão. Quando a gente pensa que o regime militar foi de direita. Eu não defendo isso, ainda mais a era Geisel – criador de estatais. Não é isso. Eu sou um cara com uma defesa bem ampla do leque de liberdades civis – que teoricamente é tido como uma bandeira de esquerda. União de homossexuais, legalização das drogas, são bandeiras que eu como liberal acho que são defensáveis. E aí vou esbarrar com essa direita que não vai aceitar isso. (...) Eu sou de uma direita liberal, democrática, eu acredito que a democracia é um mecanismo muito falho, mas é o melhor que tem. Eu tô lá com Popper, Mises, Churchill, com todos esses que entenderam que a democracia é muito complicada mas cuidado com alternativas.

Não obstante a aceitação (ainda que pouco entusiasmada) do rótulo de Direita, Constantino ressalva:

Tenho dúvidas se deve tentar salvar o termo “Direita”. Não me incomodo de ser associado a uma direita porque eu vou logo lá depois e qualifico. Mas pra um cara menos profundo que ouvir, [esse termo] vai gerar muita confusão pra o que eu defendo, ele vai entender muito errado. (...) O que eu faço questão de resgatar é o termo “Liberal”, porque nos EUA ele foi usurpado. Os 'liberals' são os democratas do Obama, que são semi-socialistas. E já começaram a fazer isso no Brasil. Folha e outros jornais já estão usando a dicotomia conservador X

[Digite texto]

liberal, e bandeiras como proibir a pessoa de ter arma, ou seja, o desarmamento, o aborto, várias coisas estão sendo jogadas para bandeiras liberais e não é verdade.

Com certa relutância, Juliano Torres classifica sua instituição de forma quase equidistante entre Esquerda e Direita quando instado a fazê-lo:

Acredito que “6” seria um bom resumo de onde nos encontramos. Uma boa parte dos liberais com mais experiência no movimento não vieram de um contexto de esquerda, o que condiciona os temas tratados geralmente com causas mais ligadas a direita. Mas penso que isto vem mudando com o tempo, com a maior parte dos novos entrantes vindo do grupo de desiludidos com a esquerda, muitas vezes por entender que as ideias propostas não permitem atingir os objetivos que eles continuam concordando ou por vivenciar a política não muito limpa do movimento estudantil tradicional.

Sobre as afinidades com Direita ou Esquerda, parece haver um consenso em relação à existência de maiores afinidades com a Direita. Zaffari pontua que “[d]ado o quadro atual brasileiro eu diria que está mais à direita, apesar de se ter algumas iniciativas à direita que também implicam em um controle do Estado que a gente está bem longe de defender”. Torres concorda, mas vê um movimento em curso na comunidade liberal:

Hoje em dia podemos dizer que os liberais tem mais afinidade com a direita, principalmente devido aos meios onde a ideia começou a ser difundida. Porém, o movimento como um todo tem andado em direção a esquerda nos últimos três anos, principalmente com mais projetos e iniciativas tentando assumir bandeiras de esquerda e mostrando que as soluções liberais são o caminho mais prático e justo para atingir os fins que eles buscam.

Beltrão resume bem a questão:

Nos aspectos econômicos somos mais similares à direita. Nos aspectos sociais somos mais similares à esquerda. Então como eu defendo que para alcançarmos o que queremos temos que fazer alianças pra andar pra frente com outras pessoas – porque não vivemos em uma ilha –, eu não veria problema em ter uma aliança específica, algum projeto específico com grupos de esquerda para avançar projetos de liberdades individuais, também não teria problema em ter aliança com alguém de direita em pontos específicos. Nunca uma aliança ampla, aberta, geral, mas em pontos específicos pra poder avançar. Eu acho que a direita estaria mais aberta a uma aliança dessas com os liberais porque a esquerda é mais fechada nesse sentido. Ela jamais gostaria de se associar com alguém que defende a liberdade econômica. Então por mais que eles queiram avançar a liberdade individual em alguns aspectos, eles se recusariam a fazer uma associação pra avançar com alguém que eles consideram ultra-liberais – que pra eles, na cabeça deles é a mesma coisa que ultra-direita. Já a direita, ela preferiria esquecer que a gente defende bandeiras consideradas como de esquerda nas liberdades individuais, e avançaria na tese de avançar liberdades econômicas. Nesse sentido eu acho que a direita é mais aberta.

### 3. 2. 2. 2 Os liberais e a política no Brasil atual

Outro ponto que é consensual dentre os entrevistados refere-se à ausência de um partido que represente seus ideias no quadro político brasileiro. Bruno Zaffari resume: *“O cenário político brasileiro é complicado, pois é muito difícil se identificar as ideologias dos partidos para além das ocasiões”*.

Esta parece ser a visão predominante entre liberais. Ao menos até o presente momento. Fica claro, no entanto, o otimismo em relação ao registro do NOVO (que deve ocorrer até o final de 2014, estando o partido apto a participar das eleições de 2016). Conforme relata Juliano Torres,

algumas tentativas tem sido feitas nos últimos anos. Uma delas foi o partido Federalista, que apesar de ainda existir não conseguiu vencer a barreira burocrática [das 492 mil assinaturas de apoio]. O Libertários também parece estar seguindo no mesmo caminho de não contornar a burocracia. Porém, temos agora um projeto que mostra condições de virar um partido registrado, o Partido Novo. Na minha visão pessoal eles não surgiram com um ideário liberal, mas eles tem adquirido no meio do processo. É uma questão importante saber se as ideias irão se manter, mas no momento, caso o registro seja obtido, eles seriam o único partido liberal no Brasil.

Além obviamente de João Amoêdo (Presidente do Partido NOVO), outros entrevistados também demonstram entusiasmo em relação ao NOVO. Rodrigo Constantino faz frequentes referências em seu blog no site da Revista Veja à criação do partido. Helio Beltrão, apesar de partir de uma abordagem mais radical em relação à intervenção do Estado e, demonstra otimismo quanto à iminente criação do NOVO:

Uma vez formalizado, o NOVO na minha opinião ele claramente é um partido liberal. Muito mais liberal do que todos os partidos que a gente já teve partido desde que eu me dou por gente. Mesmo o tal Partido Liberal que houve lá atrás, ou a Frente Liberal que virou PFL, nenhum deles me parece que teve a consistência que o NOVO está mostrando.

Beltrão ressalta, ainda, a importância de se atuar em distintos frentes para possibilitar o progresso das ideias, tornando, assim, o NOVO mais viável politicamente:

Eles podem vir a ter que fazer o 'trade-off' consistência liberal e viabilidade política. Eu acho que o fundador, o Amoêdo, não vai aceitar abrir mão dos princípios nem que ele tenha que abdicar do projeto, na minha opinião. Ele vai ter problemas pra eleger pessoas em um primeiro momento, mas se ele se



[Digite texto]

frustrar ele pode abrir mão da doutrina dele pra buscar um atalho e conseguir um resultado político. Eu não acredito que ele vá fazer isso. Mas é um projeto que depende muito do que os institutos – Mises, Estudantes Pela Liberdade – estão fazendo pelo lado de cá. Se a gente conseguir ganhar batalhas daqui, ele vai ter muito mais facilidades lá.

Outro ponto de acordo mais específico entre os entrevistados é a decepção em relação ao Democratas (ex-PFL). Segundo Constantino,

O DEM seria o primeiro candidato a ser mais alinhado no arcabouço institucional do partido, mas acabou que hoje em dia no Brasil é uma grande confusão. Quase todos são muito fisiológicos. Os que tem mais programa ideológico são os que não estão no poder, e aí podem ser 'talibã', são todos de esquerda – como é o caso do PSOL.

Por seu envolvimento direto com o partido, Paulo Afonso Feijó é também o mais decepcionado com os rumos tomados pelo DEM:

E eu nunca fui e nem nunca tinha sido filiado ou com vínculo a partido nenhum, e eu tinha uma imagem de que alguns partidos defendiam sim aquilo que eu acreditava, como o PP e o DEM, por exemplo. Eu pensava que as pessoas que lideravam esses partidos pensavam desta forma. Mas depois de mergulhar na política e da experiência que eu tive, vi que qualquer partido tem gente de todas as matizes.

Convivendo neste meio [quando fui vice-governador do RS], pra mim hoje PP, PMDB, PT, DEM são absolutamente a mesma coisa, pelo seu interesse no poder e pela distribuição de cargos dentro do governo. Na hora de tomar uma decisão no sentido de ter mais poder, rasgando a ideologia e entrando na mesmice da política, são todos iguais.

O Democratas apresenta um caso curioso. O partido é oficialmente membro da Internacional Democrata Centrista, que até 2001 se chamava Internacional Cristã Democrata, congregando partidos alinhados à Democracia Cristã, como é o caso da CDU (Alemanha), PP (Espanha), dentro outros<sup>21</sup>. Não obstante, a Juventude do partido é afiliada à Federação Internacional de Juventudes Liberais (IFLRY), braço da Liberal Internacional, entidade formada por partidos e organizações liberais mundo afora<sup>22</sup>.

Somado a isso, o Democratas apresenta-se em franca decadência em termos eleitorais. Como observa Ribeiro (2012), tal declínio coincidiu com a tentativa de reinvenção do PFL por meio de uma nova marca (“Democratas”), deixando de lado, ainda que simbolicamente, o “liberal” que carregava no nome.

---

<sup>21</sup> A relação completa de membros encontra-se no site da instituição: <http://www.idc-cdi.com/parties.php> .

<sup>22</sup> A relação completa de membros encontra-se no site da instituição: <http://interim.iflry.com/member-organisations/>

[Digite texto]

**Deputados federais eleitos pelo PFL-DEM por região  
(% do total de cadeiras)**

	1986	1990	1994	1998	2002	2006	2010
<b>Deputados Estaduais</b>							
Norte	15,9	9,2	13,5	16,2	9,2	8,1	5,9
Nordeste	38,4	27,9	26,1	20,8	17,9	14,4	7,3
Sudeste	17,2	10,3	6,6	12,9	7,0	10,0	6,6
Sul	12,8	10,1	8,7	16,2	10,7	10,1	9,4
Centro Oeste	20,2	12,4	13,3	9,7	8,0	10,6	6,2
<b>Brasil</b>	<b>24,2</b>	<b>16,0</b>	<b>15,1</b>	<b>16,2</b>	<b>11,5</b>	<b>11,1</b>	<b>7,1</b>
<b>Deputados Federais</b>							
Norte	28,6	12,3	12,3	26,2	16,9	13,8	9,2
Nordeste	39,1	32,5	33,8	31,1	29,1	17,9	9,9
Sudeste	14,8	7,1	9,5	14,5	10,1	8,9	6,1
Sul	13,0	10,4	13,0	13,0	6,5	13,0	7,8
Centro Oeste	24,4	14,6	7,3	12,2	14,6	7,3	12,2
<b>Brasil</b>	<b>24,2</b>	<b>16,5</b>	<b>17,3</b>	<b>20,5</b>	<b>16,4</b>	<b>12,7</b>	<b>8,4</b>

Fonte: Nicolau (2010) e TSE

Como motivos para a inexistência de partidos liberais (ou partidos de Direita comprometidos com a redução da intervenção estatal na sociedade), encontramos algumas hipóteses.

Segundo Bolívar Lamounier, não haveria no Brasil um partido de direita ou liberal (que se propusesse a reduzir o tamanho do Estado) essencialmente por duas razões:

A primeira é que nós sempre tivemos uma máquina de estado que é uma máquina econômica, uma supermáquina burocrática que é o grande agente econômico do Brasil. E que trabalha para que o setor privado se mantenha fraco. O setor privado simbioticamente gostou e resolveu mamar nas tetas do Estado. Se é tão fácil você ter acesso ao BNDES à CEF, ao BB, sem ter que trabalhar e fazer um partido, pra que eu vou fazer um partido?!

A segunda é a respeito das próprias lideranças políticas. Não há nem no setor econômico-empresarial nem na classe política o discernimento de que fazer um partido com uma identidade séria é um valor importante.

Feijó dá uma explicação que vem de encontro à formulada por Lamounier, mas também, ainda que instintivamente, de encontro à ideia formulada por Olson e outros teóricos da escola de Escolha Pública, como Buchanan e Tullock.

Mas a razão pela qual as pessoas se portam dessa forma é porque todo mundo quer estar do lado do poder, independente de quem esteja lá. E ser liberal diminui as chances de chegar e de se manter ao lado do poder no país que nós vivemos hoje. Ninguém quer um liberal ao seu lado como governo.

Depois de entrar na política e entender um pouco como funciona o estado do Rio Grande do Sul eu tinha uma convicção: se nós reduzíssemos pra 10% as secretarias de estado e cortássemos 100% dos CCs, o estado ia melhorar muito. Agora eu pergunto: qual é o político que iria me apoiar numa decisão dessas? Nenhum, porque todos os que estão lá querem cargos para distribuir às pessoas de seu interesse pra futura eleição. Todos, sem exceção.

[Digite texto]

Constantino (2014) explica aquilo que Feijó parece ter compreendido na prática:

Política é a arte de concentrar privilégios e dispersar custos. Essa verdade é um dos pilares da Escola das Escolhas Públicas (Public Choice School), que tem sido tão importante para mostrar as falhas de governo. Não é difícil entender: o político foca em determinado grupo de interesses, faz promessas que conquistam seus membros, e joga o custo disso para a sociedade como um todo.

Isso funciona bem, do ponto de vista político, por motivos óbvios. Ninguém vai dar muita bola se o preço do vinho subir um pouco, ou ao menos não vai se organizar politicamente para combater isso, sair às ruas, punir aqueles políticos protecionistas. Já para os produtores, os ganhos da proteção podem ser gigantescos. Eles têm total interesse em ficar de olho no político, financiar sua campanha, ou puni-lo caso deixe de privilegiar o grupo.

Por isso que é suicídio político ir contra privilégios específicos, lutar pelo seu fim, algo que beneficiaria a população como um todo, um pouco para cada um, mas poderia significar a desgraça de determinado grupo organizado. Poucos eleitores vão dedicar muita atenção a isso, mas certamente os prejudicados vão ter nesse político um inimigo mortal.

Mancur Olson foi o precursor desta ideia em seu “*The Logic of Collective Action*” (1971). Segundo sua teoria dos grupos, interesses concentrados em pequenos grupos estarão sobre-representados em democracias em contraposição a interesses difusos, pelos quais nenhum grupo teria incentivos para se mobilizar fortemente. Nesse sentido também HIRSCHMAN (1977) e MITCHELL & SIMMONS (2003)

Ou, conforme o exemplo trazido por Constantino:

Exemplo: o político se identifica como o defensor dos taxistas, defende a criação de privilégios que garantam reserva de mercado para a categoria, e o público todo paga a conta, um pouco cada um. Ou ele oferece vantagens para os produtores nacionais de vinho, beneficia os poucos empresários do setor, e todos os consumidores passam a pagar um pouco mais caro pelo produto.

Ao menos em teoria, o desafio do político liberal seria fazer essa defesa de interesses difusos e ainda assim ser eleito. Ludwig von Mises explica:

Classe alguma poderia defender o liberalismo para seus próprios interesses egoístas, em detrimento de toda a sociedade e dos outros estratos da população, simplesmente porque o liberalismo não serve a qualquer interesse especial. O liberalismo não pode contar com a ajuda que os partidos antiliberais recebem, pelo fato de que a eles se liga todo aquele que procure conquistar privilégios para si, à custa do resto da sociedade. Quando um liberal se coloca diante do eleitorado, como um candidato a um cargo público, e é perguntado por aqueles cujos votos solicita o que ele ou o seu partido tencionam fazer em seu favor e de seu grupo, a única resposta que pode dar é que o liberalismo a todos serve, mas não ao interesse especial. (MISES, 2010, p. 195)

Beltrão oferece uma explicação mais crua, também em consonância com as escolas de *Rational Choice* e *Public Choice*:

[Digite texto]

Não existe nenhum partido liberal simplesmente porque a população não é liberal. Se a população tivesse uma mentalidade mais liberal, os políticos imediatamente formariam um partido liberal para dar vazão a esse anseio popular, porque eles também têm interesse em aparecer, ir lá pra Brasília, ganhar um bom salário, pra fazer a agenda da base deles. É por isso que eu acho que a gente não tem ainda. Mas por outro lado, o fato de o NOVO estar surgindo eu acho que não é um evento independente do fato de haver uma 'revolução liberal' no Brasil que está a passos acelerados e que começou em 2005-2006. Acho que o NOVO é mais um reflexo dessa 'revolução liberal' no mundo das ideias que não existia e agora existe – uma força pequena, mas uma força crescente.

Na mesma linha, mas analisando o lado “oposto” Zaffari afirma:

[...]o fato é que a esquerda fez um trabalho por muitos anos de ir colocando gente nas universidades, gente que começou a formar uma classe de pessoas pensando em chegar ao poder com um *mindset*. Por mais que não sejam todos os empresários brasileiros liberais, mas se tu para pra pensar muitos dos liberais são empresários ou tem ligação com alguma atividade empresarial que deseja desenvolver, tem um ‘sonho grande’, e a gente começa a ter agora essa formação de pessoas que tenham vontade de estar envolvidas com a política. Por muito tempo as pessoas tiveram até um medo de retaliação, temendo que um envolvimento na política pudesse refletir na empresa ou na família. E isso criou um distanciamento.

Tal visão parece estar bem alinhada com a de Mises em relação ao excesso de pragmatismo envolvido na omissão dos liberais (ou dos empresários, como afirma Zaffari):

O liberalismo clássico tem sido censurado por se mostrar muito obstinado e incapaz de transigir. Foi em razão dessa inflexibilidade que foi derrotado na luta contra os partidos anticapitalistas nascentes, de todos os tipos. Se tivesse compreendido, como esses outros partidos o fizeram, a importância de transigir e de fazer concessões a *slogans* populares na busca do apoio das massas, teria sido capaz de preservar parte de sua influência, pelo menos. Mas o liberalismo nunca se preocupou em formar organizações e máquinas partidárias, como o fizeram os partidos anticapitalistas. Nunca deu qualquer importância a táticas políticas em campanhas eleitorais e nos procedimentos parlamentares. Nunca tratou de agir com oportunismo ou por barganhas políticas. Esse doutrinário inflexível resultou, necessariamente, no declínio do liberalismo. (MISES, 2010, p. 167)

Mas, diferente do que se poderia supor, Mises não faz tais afirmações em tom de crítica, mas sim como uma constatação. Para ele, os liberais não deveriam focar seus esforços primordiais na luta política:

[Digite texto]

A única via possível a quem deseja levar de volta o mundo ao liberalismo é o convencimento de seus concidadãos da necessidade de adotar o programa liberal. Esse trabalho de esclarecimento é a única tarefa que o liberal pode permitir-se executar, com a finalidade de, tanto quanto lhe seja possível, impedir a destruição para a qual a sociedade rapidamente se encaminha no presente. Não há lugar, aqui, para concessões de qualquer espécie... (MISES, 2010, p. 168)

Nesse sentido, outro eminente pensador austríaco, Friedrich August von Hayek, parece concordar com Mises. A história de Antony Fisher e seu encontro com o economista e jurista austríaco, ilustra bem o ponto. Fisher, um empresário e veterano de guerra da Royal Air Force Britânica, havia lido “O Caminho da Servidão”. A obra mais famosa de Hayek causou-lhe profunda impressão ao alertar sobre o perigoso caminho que o Reino Unido estaria trilhando rumo ao socialismo ao implementar medidas crescentemente intervencionistas. Fisher desejava mudar a situação política de seu país e, para isso, buscou contato com Hayek. Qual não foi sua surpresa quando o austríaco (então professor na London School of Economics) recomendou-lhe que evitasse a arena política:

Hayek warned against wasting time – as I was then tempted – by taking up a political career. He explained that the decisive influence in the great battle of ideas and policy was wielded by the intellectuals whom he characterised as ‘second-hand dealers in ideas’. It was the dominant intellectuals from the Fabians onward who had tilted the political debate in favour of growing government intervention with all that followed. If I shared the view that better ideas were not getting a fair hearing, his counsel was that I should join with others in forming a scholarly research organisation to supply intellectuals in universities, schools, journalism and broadcasting with authoritative studies of the economic theory of markets and its application to practical affairs. (FROST, 2002, pp. 39-40)

Alguns anos depois desse encontro, Fisher reuniu um grupo de intelectuais e empresários ingleses e criou em 1955 o *Institute of Economic Affairs*. Inspirado pelo sucesso do IEA, Fisher foi aos EUA e criou em 1981 uma instituição com o objetivo de fomentar a criação de think tanks de promoção das ideias liberais mundo afora. Hoje a *Atlas Economic Research Foundation* conecta mais de 400 instituições em mais de 80 países<sup>23</sup>.

Neste sentido também o pensamento de Stewart Jr., fundador do Instituto Liberal:

O liberalismo não pode ser imposto à força ou pela proibição de partidos políticos; tem que se impor pela persuasão e pelo argumento, pela explicação

---

<sup>23</sup> Informações disponíveis no site da instituição: <<http://atlasnetwork.org/blog/2010/01/founders-story/>>. Acesso em 15 Jul. 2014.

[Digite texto]

de suas vantagens para a sociedade como um todo e para cada um em particular.

(...)

O liberalismo terá que ser adotado recorrendo-se à razão e ao convencimento das elites intelectuais e, por meio dessas, ao convencimento da maioria das pessoas. É um caminho mais difícil, mas é o único que poderá conduzir a resultados duradouros e não apenas resultados provisórios ou eventuais. (STEWART JR., 1999, pp. 75-76)

Por outro lado, alguns dos entrevistados atribuem uma parcela de culpa pela ausência de um partido liberal ou mesma de direita à Ditadura Militar que governou o Brasil por mais de 20 anos. Constantino afirma:

Acho que o Regime Militar foi como reação a um risco comunista – existente de fato – da época da Guerra Fria, que vários países caíram sob o Comunismo [não dá pra] achar que o Brasil estaria livre disto. Havia um risco, houve um golpe – ou um contragolpe, isso é questionável – mas o fato é que os militares chegaram ao poder e havia um anti-esquerdismo. Como eles eram associados a anti-comunista, eles eram tidos como de Direita. E acabou que foi um regime muito complicado, do ponto de vista econômico foi muito intervencionista. Não teve liberdade econômica. O resultado foi altamente questionável e se associou a uma coisa ruim ser de direita.

Juliano Torres concorda com a ideia de que a Ditadura legou uma “herança maldita” a quem não se posiciona à Esquerda – inclusive para os liberais:

A ditadura brasileira é vista pela população brasileira como uma ditadura liberal, o que não faz o menor sentido. Tivemos a criação de um número gigantesco de empresas estatais, intervenção em todos os campos da economia e restrição generalizada das liberdades civis. Não há nada menos liberal que isso. Porém, com o passar dos anos a população brasileira parece estar mudando sua visão sobre a ditadura, classificando ela apenas como um exemplo de autoritarismo e não como um exemplo de governo liberal.

Sobre o impacto da Ditadura na formação de partidos “de Direita”, o filósofo Luis Felipe Pondé afirmou:

A esquerda conseguiu construir no Brasil algo muito interessante a partir da ditadura. Primeiro foi colar a imagem de que a ditadura era a favor da sociedade de mercado. E então se você é identificado como de direita, acham que você é a favor da torturam, que você tava matando gente inocente. Outra coisa que a esquerda conseguiu através de uma operação de marketing maravilhosa foi vender a imagem de que aqueles indivíduos da esquerda que foram pra guerrilha, pra luta armada, lutavam pela liberdade. Essa é a grande mentira da esquerda brasileira.<sup>24</sup>

Denis Rosenfield concorda com tal diagnóstico em seu artigo intitulado “Por que as ideias liberais não vingam no Brasil”, ressaltando a atuação de supostos “detratores”

---

<sup>24</sup> Programa Globo News Painel de 29/12/2013. Disponível em < <http://g1.globo.com/globo-news/globo-news-painel/videos/t/todos-os-videos/v/ha-razoas-historicas-para-brasil-nao-ter-partido-de-direita-diz-reinaldo-azevedo/3046924/>>.

[Digite texto]

das ideias liberais:

Os seus detratores conseguiram a proeza de responsabilizá-lo por todos os males nacionais, como se alguma vez ele tivesse sido real. Trata-se de uma questão metafísica, no sentido pejorativo do termo: critica-se uma entidade inexistente e ela se torna, assim, a causa de todo o existente. A proeminência política de tal postura, politicamente bem-sucedida, se traduziu pelo fato de que o imaginário sócio-político e a opinião pública foram capturados pela idéia de que uma alternativa liberal não é possível, como se o Brasil devesse se contentar com as experiências não liberais vigentes. Logo, pede-se mais do mesmo, fazendo-se da mesmice a redenção de todos os males que nos assolam (ROSENFELD, 2007).

A questão da não-existência de um partido liberal no Brasil tem razões de natureza histórica, sociológica e, é claro, pertinentes ao próprio desenvolvimento político do país. A investigação pormenorizada das causas deste fenômeno é de profundidade incompatível com as pretensões da presente investigação.

Mas a percepção de inadequação por parte dos liberais em relação ao cenário político partidário atual, conjuntamente com sua crescente mobilização e articulação, pode vir a dar ensejo à viabilização de uma alternativa nesse sentido – como se propõe a ser o Partido NOVO.

Se iniciativas como essa obterão êxito, somente o tempo dirá. Por enquanto o que temos é o relativo insucesso político de liberais mundo afora, conforme explicado por Ortega y Gasset:

[O Liberalismo] Proclama la decisión de convivir con el enemigo: más aún, con el enemigo débil. Era inverosímil que la especie humana hubiese llegado a una cosa tan bonita, tan paradójica, tan elegante, tan acrobática, tan antinatural. Por eso, no debe sorprender que prontamente parezca esa misma especie resuelta a abandonarla. Es un ejercicio demasiado difícil y complicado para que se consolide en la tierra. (ORTEGA Y GASSET, 1998, pp. 60-61)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme as entrevistas realizadas, percebemos uma profunda rejeição à dicotomia Direita-Esquerda. Tal fato parece se originar em parte do fenômeno da “direita envergonhada”, conforme desenvolvido por Souza (1988), Power (2008), Zucco & Power (2010) e Madeira & Tarouco (2010). Mas a aversão dos liberais em se identificarem como pertencentes à Direita parece ser mais arraigada do que uma simples tentativa de esconder ou não salientar uma característica pouco apreciada por parte de seu público consumidor. A resistência dos liberais entrevistados é em relação à própria visão unidimensional do espectro político, que faz tábula rasa de diferenças

O movimento liberal no Brasil vive um momento de crescimento exponencial (que fica claro analisando-se em especial a atuação de organizações como Estudantes Pela Liberdade e Partido NOVO). Sua diversificação e amplitude de atuação nos leva a crer que o Liberalismo está sendo subdimensionado e sub-representado no espectro político unidimensional, baseado na dicotomia Direita-Esquerda, ao ser ignorado ou incorporado como um mero apêndice de um dos pólos.

Tal visão faz tábula rasa das diversas distinções entre Direita, Esquerda, Centro e Liberalismo. A presente pesquisa não se propôs, no entanto, a oferecer uma resposta definitiva sobre qual deve ser o novo paradigma hegemônico no lugar do que hoje temos. Mas busca retratar um sentimento de profunda inadequação da escala Esquerda-Direita como forma de se interpretar, analisar e prever os comportamentos e posicionamentos político-ideológicos de atores na política nacional.

É preciso ter consciência da função informativa e didática de uma dicotomia simplificada, mas não seria aconselhável nem prudente jurar fidelidade eterna a um modelo analítico que pouco contribui em termos materiais para a compreensão das posições dos atores analisados (dada a ausência de qualificações objetivas em relação a cada um dos lados). Afinal, como afirma Bobbio (1995), ele mesmo um incansável defensor da validade universal da dicotomia, “[o] fato de direita e esquerda representarem uma oposição quer simplesmente dizer que não se pode ser simultaneamente de direita e de esquerda. Mas não diz nada sobre o conteúdo das duas partes contrapostas”. ( p. 108)



[Digite texto]

Benoit & Laver descrevem de maneira bastante apropriada o desafio aqui explicitado:

The richer the description of politics we seek, the more dimensions we need to describe the positions of political actors. The more dimensions we use, the more fine grained our descriptions of politics can be. More dimensions are not always better however, since adding ever finer-grained detail does not necessarily make for evermore useful descriptions of the world. When we set sail across the Atlantic, for example, we would get lost if our only charts were so detailed that they show the position of every single grain of sand on every single beach we might pass. We need a description of the (political) world rich enough for the purpose at hand, but not so rich we cannot see the beach for the grains of sand. (BENOIT & LAVER, 2006, p. 18)

A dicotomia Direita-Esquerda teve e tem ainda papel relevante a cumprir como categorias informativas de posicionamentos político-ideológicos. Mas não deve ser tratada como a única visão possível sobre uma gama tão ampla de possibilidades ideológicas.

A discussão sobre modelos alternativos de análise do posicionamento de atores no espectro político é extremamente rica e pode ser muito útil para melhor compreendermos as ideias políticas, seus atores e seu lugar na história. Ignorar a imensa diversidade do “ecossistema” político atual significa limitar o próprio alcance da Ciência Política contemporânea e a própria capacidade de seus *practitioners* em exercerem adequadamente seu ofício de intérpretes dos fenômenos políticos que nos cercam.

## BIBLIOGRAFIA

AMES, Barry. **Os Entraves da Democracia no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

ALMEIDA, Alberto Carlos. **A Cabeça do Brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ALMEIDA, Alberto Carlos. **O Dedo na Ferida**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ALVES, Maria Teresa Gonzaga. Conteúdos ideológicos da nova direita no município de São Paulo: análise de *surveys*. **Opinião Pública**, Campinas, v. 6, n. 2, 2000, p. 187-225. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/op/v6n2/16925.pdf>>. Acessado em 20 de março de 2014.

BELTRÃO, Helio. O austro-libertarianismo, uma estrela-do-mar. Instituto Ludwig von Mises Brasil. 11 Mar. 2011. Disponível em: <<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=925>>. Acessado em 10 de junho de 2014.

BENEVIDES, Maria da G. **A UDN e o Udenismo: ambigüidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

BENOIT, K.; LAVER, M. **Party policy in modern democracies**. Milton Park: Abingdon, Oxon; New York: Routledge, 2006.

BOAZ, David. **Libertarianism, a primer**. New York: The Free Press, 1997.

BOAZ, David; KIRBY, David. **Libertarian Voters in 2004 and 2006**. Washington: Cato, jan/feb. 2007. Policy Report. Disponível em <<http://www.cato.org/sites/cato.org/files/pubs/pdf/pa658.pdf>>. Acessado em 20 de junho de 2014.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: UNESP, 1995.

BORDERS, Max. **Rise of the Libertarians**. Foundation for Economic Education. 07 Fev. 2014. <[http://www.fee.org/the\\_freeman/detail/rise-of-the-libertarians](http://www.fee.org/the_freeman/detail/rise-of-the-libertarians)>. Acessado em 03 de junho de 2014.

BUDGE, Ian et. al. (Eds.). **Mapping policy preferences: estimates for parties, electors and governments, 1945-1998**. New York: Oxford University Press, 2001.

BUDGE, Ian. **Estimating party policy preferences: from ad hoc measures to theoretically validated standards**. Essex: Department of Government University of Essex, 1999.

[Digite texto]

BUDGE, Ian; FARLIE, Dennis J. **Voting and Party Competition**. London and New York: JohnWiley & Sons, 1977.

BURKE, Edmund. **Reflections on the Revolution in France**.

CAIRU, José da Silva Lisboa, Visconde de. **Observações sobre a franqueza da indústria, e estabelecimento de fábricas no Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1999.

CALIGARIS, Contardo. **Sou de esquerda ou de direita?** Folha de São Paulo, 12 Dez. 2013. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/143243-sou-de-esquerda-ou-de-direita.shtml>>.

CAMPOS, Roberto de Oliveira. **Reflexões do Crepúsculo**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1991.

CAMPOS, Roberto de Oliveira. **Um liberal explícito**. Folha de São Paulo, 26 de abril de 1998. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc26049802.htm>>.

CAMPOS, Roberto de Oliveira. **Lanter na Popa**. 4.ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

CARREIRAO, Yan de Souza. Ideologia e partidos políticos: um estudo sobre coligações em Santa Catarina. **Opinião Pública**, Campinas, v. 12, n. 1, p. 136-163, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/op/v12n1/29401.pdf>>. Acessado em 28 de maio de 2012.

CATHARINO, Alex. *Liberalismo*. In: BARRETO, Vicente. **Dicionário de Filosofia Política**. São Leopoldo: UNISINOS, 2012. p. 307-311.

CELETI, Filipe. **A história do movimento libertário brasileiro**. Mercado Popular 2014. Disponível em <<http://mercadopopular.org/2014/02/a-historia-do-movimento-libertario-brasileiro>>. Acessado em 10 de junho de 2014.

CONSTANTINO, Rodrigo. **Economia do Indivíduo: o legado da Escola Austríaca**. São Paulo : Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2009.

CONSTANTINO, Rodrigo. **Os liberais na luta pelos interesses difusos**. Revista Veja. 26 Jan. 2014. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/protecionismo/os-liberais-na-luta-pelos-interesses-difusos/>>. Acessado em 10 de junho de 2014.

COPPEDGE, M. **A classification of Latin American political parties**. [s.n]: Kellogg Institute Working Paper 244, 1997.

COUTINHO, João Pereira; PONDÉ, Luiz Felipe; ROSENFELD, Denis. **Por que Virei à Direita**. São Paulo: Três Estrelas 2012.

DATAFOLHA. **Pesquisa Perfil Ideológico dos Brasileiros**. 2013. Disponível em <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2013/12/09/perfil-ideologico-dos-brasileiros.pdf>>.

DENHAM, Andrew; GARNETT, Mark. **British think-tanks and the climate of opinion**. London: UCL Press: 1998.

[Digite texto]

DIAP (Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar). **Quem foi Quem na Constituinte nas questões de interesse dos trabalhadores**. São Paulo: Cortez Oboré, 1988.

DOERING, Detmar; ERKENS, Rainer. **Leituras Sobre o Liberalismo**. São Paulo: Instituto Friedrich Naumann, 2009.

DOWNS, A. **Uma teoria econômica da democracia**. São Paulo: Edusp, 1999.

DUVERGER, Maurice. **Os partidos políticos**. Brasília: Ed. UNB, 1980.

DUVERGER, Maurice; GUIMARÃES, Aquiles Côrtes; PAIM, Antônio. **Partidos Políticos e Sistemas Eleitorais no Brasil**. Brasília: UnB, 1982.

EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma introdução**. São Paulo: Boitempo/UNESP, 1997.

FERGUSON, Adam. **An Essay on the History of Civil Society**., 5ed. London: T. Cadell, 1782. Disponível em: <http://oll.libertyfund.org/titles/1428>. Acesso em 10 jul. 2014.

FIGUEIREDO, Argelina; LIMONGI, Fernando. **Executivo e Legislativo na Nova Ordem Cosntitucional**. São paulo: FGV, 1999.

FREIRE, André. Identidades Ideológicas e Partidárias na Europa: Portugal, Espanha e Grécia em perspectiva comparativa. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 47, p. 11-33, jan. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n47/n-47a02.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2010.

FRIEDMAN, Thomas L. **O Mundo é Plano**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

FROST, Gerald. **Antony Fisher, Champion of Liberty**. London: Profile, 2002.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GAUCHET, Marcel. "Right and Left". In Pierre Nora, Lawrence D. Krizman (Eds.), *Realms of memory: conflicts and divisions*. New York: Columbia University Press, 1997.

GAUVILLE, Louis Henri Charles de. *Journal of the Baron de Gauville, Deputy of the Nobility to the Estates General from March 1789 to July 1790*. 1864. Disponível em: <<http://www.indiana.edu/~b356/texts/Gauville.html>>. Acesso em: 25 jul. 2012.

GIDDENS, Anthony. **Para além da esquerda e da direita**. São Paulo: Editora UNESP, 1994.

GOKLANY, M. Indur. **The Improving State of the World**. Washington, DC: Cato Institute, 2007.

GOLDWATER, Barry. **The Conscience of a Conservative**. Princeton: Princeton University Press, 2001.

[Digite texto]

GROS, Denise B. **Organizações empresariais e ação política no Brasil a partir dos anos 80**. Revista Civitas, v. 3, n° 2, jul.-dez. 2003, p. 273-300.

GROS, Denise Barbosa. **Institutos Liberais e Neoliberalismo no Brasil da Nova República**. Teses FEE N° 6. Porto Alegre, setembro de 2003.

GROS, Denise Barbosa. **Institutos Liberais, Neoliberalismo e Políticas Públicas na Nova República**. Rev. bras. Ci. Soc. vol.19 no.54, pp. 113-160 São Paulo Feb. 2004.

HAYEK, Friedrich August von. **The Use of Knowledge in Society**. American Economic Review. XXXV, No. 4. pp. 519-30. American Economic Association. Sep. 1945.

HAYEK, Friedrich August von. **The Constitution of Liberty**. London: Routledge, 1960.

HIRSCHMAN, Albert O. **The Passions and the Interests: Political arguments for capitalism before its triumph**. Princeton: Princeton University Press, 1977.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

INGLEHART, R. & WELZEL, C. **Modernization, cultural change, and democracy: the human development sequence**. New York: Cambridge University Press, 2005.

KIRK, Russell. **Conservative Mind: from Burke to Eliot**. BN Publishing, 2008.

KLINGEMANN, H. et al. **Mapping policy preferences II: estimates for parties, electors, and governments in Eastern Europe, European Union and OECD 1990-2003**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

KNIGHT, Kathleen; LEWIS, Carolyn. Does ideology matter? In: GINSBERG, Benjamin; STONE, Alan (orgs.). **Do Elections Matter?** Armonk: E. Sharp, 1996.

KUEHNELT-LEDDIHN, Erik von. **Leftism: from de Sade and Marx to Hitler and Marcuse**. New Rochelle: Arlington House, 1974.

LAPONCE, Jean A. **Left and Right: the topography of political perceptions**. Toronto: University of Toronto Press, 1981.

LAVIER, M.; BUDGE, I. **Party policy and government coalitions**. New York: St. Martin's Press, 1992.

LEONI, Eduardo. Ideologia, democracia e comportamento parlamentar: a Câmara dos Deputados (1991-1998). **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 3, p. 361-386, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/dados/v45n3/a02v-45n3.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2010.

LIMA, Ederson Prestes dos Santos. **Instituto Liberal – A defesa das leis de mercado no Paraná: 1987-2002**. Dissertação de Mestrado, 2003, UFPR.

LIMA, Ederson Prestes dos Santos. **Em defesa das Leis de Mercado: os liberais paranaenses em ação**. Revista Gestão & Conhecimento, v. 3, n.2, jul./dez. 2005: 50 –

[Digite texto]

61.

LIPSET, Seymour M. **O Homem Político**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

LUTZ, Donald S. **The Relative Influence of European Writers on Late Eighteenth-Century American Political Thought**. *American Political Science Review* 78 (1): 189–197.

LOCKE, John. **Two Treatises of Government**. New York: Hafner, 1947.

MACEDO, Ubiratan Borges de. **O Liberalismo Moderno**. São Paulo: Massao Ohno, 1997.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Política e Religião: a participação dos evangélicos nas eleições**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

MADEIRA, Rafael Machado. **Vinhos antigos em novas garrafas: a influência de ex-arenistas e ex-emedebistas no atual multipartidarismo brasileiro**. 2006. 207 f. Tese (Doutorado em Ciência Política). – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MADEIRA, Rafael Machado; TAROUÇO, Gabriela da Silva. **A “direita envergonhada” no Brasil: como partidos reinterpretem seus vínculos com o regime militar?**. Trabalho preparado para apresentação no V Congresso Latino-americano de Ciência Política, organizado pela Associação Latino-americana de Ciência Política (ALACIP). Buenos Aires, 28 a 30 de julho de 2010.

MADEIRA, Rafael M.; TAROUÇO, Gabriela S. Esquerda e Direita no Brasil: uma análise conceitual. In: Encontro Nacional da ANPOCS, 33., 2009, Caxambu. **Anais do XXXIII Encontro Nacional da ANPOCS**. Disponível em: [http://www.ppgcsoc.ufma.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=483&catid=82&Itemid=114](http://www.ppgcsoc.ufma.br/index.php?option=com_content&view=article&id=483&catid=82&Itemid=114) >. Acesso em: 12 jul. 2012.

MAINWARING, Scott. **Rethinking party systems in the third wave of democratization: The Case of Brazil**. Stanford: Stanford University Press, 1999.

MAINWARING, Scott P. **Sistemas Partidários em Novas Democracias**, Porto Alegre: Mercado Aberto. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

MAINWARING, Scott; POWER, Timothy; MENEGUELLO, Raquel. **Partidos conservadores no Brasil: quais são, o que defendem, quais são suas bases**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MAIR, Peter. **Party System Change: Approaches and Interpretations**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

MAIR, Peter. Searching for the positions of political actors: a review of approaches and an evaluation of expert surveys. In: LAVER, Michel. **Estimating the policy position of political actors**. London: ECPE/Routledge, 2001.

MARENCO, André; SERNA, Miguel. Por que carreiras políticas na esquerda e na direita não são iguais? Recrutamento legislativo em Brasil, Chile e Uruguai. **Revista**

[Digite texto]

**Brasileira de Ciências Sociais**. v. 22, n. 64, p. 93-113, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092007000200008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092007000200008&script=sci_arttext)>. Acessado em 28 de maio de 2012.

McLEAN, Iain. **Oxford Concise Dictionary of Politics**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

MENEGUELLO, Rachel. **Partidos e Governos no Brasil Contemporâneo (1985-1997)**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

MENEGUELLO, Rachel; LAMOUNIER, Bolívar. **Partidos Políticos e Consolidação Democrática: o caso brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MISES, Ludwig von. **Liberalismo Segundo a Tradição Clássica**. 2ed. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

MITCHELL, William C.; SIMMONS, Randy T. **Para Além da Política**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

MOISÉS, José Álvaro. **Os Brasileiros e a Democracia - Bases sócio-políticas da legitimidade democrática**. São Paulo: Ática, 1995.

MOISÉS, José Álvaro. Cidadania, confiança e instituições democráticas. **Lua Nova**, São Paulo, n. 65, 2005, p. 71-94. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n65/a04n65.pdf>.

MONTESQUIEU, Charles de. **The Spirit of the Laws**. 1748. Disponível em <<http://www.constitution.org/cm/sol-02.htm>>.

MOORE, Stephen; MORRIS, Julian. **It's Getting Better All the Time**. Washington, DC: Cato Institute, 2000.

OLSON, Mancur. **The Logic of Collective Action**. Cambridge: Harvard University Press, 1971.

ORTEGA Y GASSET, José. **La rebelión de las masas**. Madrid: Castalia, 1998.

NARVESON, Jan. **The Libertarian Idea**. Peterborough: Broadview, 2001.

NERY, João Elias. **Páginas de cultura, resistência e submissão: livros na revista Visão (1968-1978)**. Revista Em Questão, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 283-297, jul/dez 2007.

NISHIMURA, Katia Mika. Conservadorismo social: opiniões e atitudes no contexto da eleição de 2002. **Opinião Pública**, Campinas, v. 10, n. 2, 2004, p. 339-367. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-62762004000200007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-62762004000200007&script=sci_arttext)

NORTH, Douglass. **Institutions, Institutional Change and Economic Performance**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

OLSON, Mancur. **The Logic of Collective Action**. Cambridge: Harvard University Press, 1971.

[Digite texto]

PAIM, Antonio. **Evolução Histórica do Liberalismo**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

PAIM, Antonio. **História do Liberalismo Brasileiro**. São Paulo: Mandarim, 1998.

PANEBIANCO, Angelo. **Modelos de Partido: organización y poder en los partidos políticos**. Madrid: Alianza, 1990.

PARODI, Jean-Luc. **La Science Politique**. Paris: Hachette, 1972.

PASTORE, Bruna. Complexo IPES/IBAD, 44 anos depois: Instituto Millenium?.  
Revista Aurora, v. 5, n. 2, pp. 57-80, Jan.-Jun 2012.

PINTO, Jaime Nogueira. “Direita” e “Esquerda” *In Polis – Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado*. v. 2. São Paulo: Verbo, 1987.

POWER, Timothy J. **A Social Democracia no Brasil e no Mundo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

POWER, Timothy J. **The Political Right in Postauthoritarian Brazil**. University Park: Pennsylvania State University Press, 2000.

POWER, Timothy. Centering Democracy? Ideological Cleavages and Convergence in the Brazilian Political Class. In: KINGSTONE, Peter; POWER, Timothy (eds). **Democratic Brazil Revisited**. Pittsburgh: University of Pittsburgh, 2008.

POWER, T.; ZUCCO JR., C. **Estimating Ideology of Brazilian Legislative Parties, 1990–2005: A Research Communication**. Latin American Research Review, v. 44, n. 1, p. 218-246, 2009.

POWER, Timothy J.; ZUCCO JR., Cesar. **O congresso por ele mesmo: autopercepções da classe política brasileira**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

QUADROS, Marcos P. dos Reis. **Progressistas, mas Conservadores: a ideologia do Partido Progressista (PP) no Rio Grande do Sul**. Dissertação de Mestrado, 2012, PUCRS.

RAND, Ayn. **For the New Intellectual: The Philosophy of Ayn Rand**. New York: Signet, 1963.

RIBEIRO, Ricardo Luiz Mendes. **Decadência longe do poder: Refundação e crise do PFL**. Preparado para o II Seminário Discente da Pós-Graduação em Ciência Política da USP, para apresentação na mesa Eleições e Partidos Políticos, em 26/04/2012.

ROBERTSON, David. **A theory of party competition**. London: J. Wiley, 1976.

ROCKWELL JR., Llewellyn H. **The left, the Right and the State**. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 2008.

RODRIGUES, Leôncio M. **Quem é Quem na Constituinte: uma análise sócio-política dos partidos e deputados**. São Paulo: OESP-Maltese, 1987.

ROSENFELD, Denis. **Por que as ideias liberais não vingam no Brasil**. Revista



[Digite texto]

Época. 21 Nov. 2007. Disponível em  
<<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG79836-6014-518.00-POR+QUE+AS+IDEIAS+LIBERAIS+NAO+VINGAM+NO+BRASIL.html>>.  
Acessado em 20 de julho de 2014.

ROTHBARD, Murray N. **Esquerda e Direita: Perspectivas para a Liberdade**. São Paulo : Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

SAMUELS, David. Determinantes do voto partidário em sistemas eleitorais centrados no candidato: evidências sobre o Brasil. In: **DADOS: Revista de Ciências Sociais**, 1997/Volume 40, Número 3.

SANTOS, Francisco de Araújo. **O Liberalismo**. 2.ed. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1999.

SCANTIMBURGO, João de. **História do Liberalismo no Brasil**. São Paulo: LTr, 1996.

SCHIMITT, Rogério. **Partidos políticos no Brasil (1945-2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SHELDON, Garret. **Encyclopedia of Political Thought**. New York: Facts on File, 2001.

SILVEIRA, Luciana. **Fabricação de Ideias, Produção de Consenso: Estudo de caso do Instituto Millenium**. Dissertação de Mestrado, 2013, Unicamp.

SINGER, André Vitor. **Esquerda e direita no eleitorado brasileiro**. São Paulo: Edusp, 2002.

SMITH, Adam. **The Theory of Moral Sentiments**. Edinburgh, 1759.

SMITH, Adam. **The Wealth of Nations**. London: Methuen & Co., 1904.

SOUZA, Alexandro. **Panorama da História do Liberalismo no Brasil**. Ibérica – Revista Interdisciplinar de Estudos Ibéricos e Íbero-Americanos. Ano I, N°4, Juiz de Fora, junho-agosto/2007.

SOUZA, Maria do Carmo C. **Estado e partidos políticos no Brasil (1930 a 1964)**. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

SOUZA, Maria do Carmo C. de. **A Nova República sobre a espada de Dâmocles**. In: STEPAN, Alfred. **Democratizando o Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SOWELL, Thomas. **A Conflict of Visions: ideological origins of political struggle**. New York: Basic Books, 2007.

SPAIZMANN, Gabriela; SANSON, João Rogério. **Cairu e o Liberalismo Smithiano na Abertura dos Portos**.

STEWART JR., Donald. **O que é o Liberalismo**. 6.ed. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1999.

[Digite texto]

STROMBERG: Joseph P. **Frédéric Bastiat: Two Hundred Years On**. Disponível em: <http://mises.org/content/bastiat200.asp>. Acesso em 28 Abr. 2014.

TAROUCO, Gabriela da Silva. **Os partidos e a Constituição**: ênfases programáticas e propostas de emenda. 2007. 161 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

TAROUCO, Gabriela S.; MADEIRA, Rafael M. **A dimensão esquerda-direita: um debate sobre os partidos brasileiros**. XIV CISO - Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste. Recife, 2009.

**THE DECLARATION OF INDEPENDENCE: A transcription**. Philadelphia: 1776. Disponível em <[http://archives.gov/.../charters/declaration\\_transcript.html](http://archives.gov/.../charters/declaration_transcript.html)>. Acesso em: 09 Jul. 2014.

TOLAND, John. Adolf Hitler: The Definitive Biography. New York: Anchor, 1991.

TUCKNESS, Alex, "Locke's Political Philosophy", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2012 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <<http://plato.stanford.edu/archives/win2012/entries/locke-political/>>.

VARGAS LLOSA, Alvaro. **Liberais e Liberais**. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26 jan.2014. Disponível em <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,liberais-e-liberais-imp-,1122964>>.

ZUCCO JR, Cesar. **Ideology or What? Legislative Behavior in Multiparty Presidential Settings**. Paper prepared for delivery at the 6th Meeting of the ABCP, Campinas, jul. 2008.

## **ANEXO 1: Entrevistas**

### **Entrevista 1: Hélio Beltrão, Presidente do Instituto Mises Brasil (IMB) e membro-fundador do Instituto Millenium**

#### **Como você definiria o posicionamento político-ideológico do IMB e do Millenium?**

Vamos falar primeiro em termos econômicos, que é o nosso foco – estudos econômicos e de ciências sociais. Na parte econômica a gente é liberal ao extremo, no sentido de que a gente sempre acha que o mercado vai prover um serviço melhor do que um monopólio estatal. A gente acha, então, que nenhum serviço deveria ser provido por meio de monopólios estatais. O Estado poderia prover o serviço, mas em igualdade de condições ao setor privado. Sem confiscar através de impostos e sem impedir a competição com terceiros. Nesse sentido, então, a gente é considerado o extremo do livre mercado, porque a gente defende-o em todos os aspectos.”

O Millenium defende o livre mercado, mas acha que o governo deve prover serviços essenciais.

#### **Você os considera de Direita, Centro ou Esquerda?**

Se você olha pelo lado econômico, a primeira coisa que vai dizer que claramente o IMB é de direita, porque defende o mercado. Mas aí alguma coisa tá errada nessa análise, porque quando você fala por exemplo propriedade intelectual, que é um monopólio intelectual estatal. A gente acha que propriedade é pra bens escassos, e ideias não são bens escassos, então a gente é contra esse tipo de propriedade. Mas aí você fala 'o cara é a favor da propriedade e do livre mercado, mas ele é contra a propriedade intelectual?!'.

[Digite texto]

Já tem alguma coisa estranha [partindo] do espectro esquerda e direita.

Outra coisa, drogas. A gente acha que não deveria ser proibido pelo governo. As pessoas deveriam ter o direito de consumir qualquer substância que elas queiram. Então, estranho também, porque pela classificação tradicional a gente seria considerado esquerda por esse aspecto.

Casamento, ou união, entre pessoas do mesmo sexo: a gente não tem nada contra isso. A gente não acha que é um tema que deveria ser tratado através de leis. Portanto a gente também apareceria de novo como de esquerda nesse tema. Por isso é seria muito difícil colocar o IMB dentro desse espectro Direita-Esquerda. Até por isso a gente tem a explicação dada pelo Diagrama de Nolan, que é uma das possíveis, tem um eixo vertical onde você tem “estatismo” e “liberdade”, além do eixo esquerda e direita. Os liberais estariam andando neste eixo, independente das outras questões que são consideradas esquerda ou direita.

Então nós somos liberais ao extremo nesse eixo, a gente está na ponta do eixo, e eu acho que esse eixo explica melhor a nossa filosofia do que o tradicional eixo esquerda-direita.

**Numa escala de 1 a 10, onde 1 equivale à extrema esquerda e 10 à extrema direita, como você classificaria sua instituição?**

Se você comprimir o eixo vertical – que eu acho que é mais relevante – dentro de uma única dimensão esquerda-direita eu ainda tentaria escapar da tua questão e diria “olha, em termos econômicos a gente é de direita; e em termos sociais, de liberdades individuais, provavelmente a gente é mais esquerda. Mas se você falasse assim “Hélio, você é obrigado a defender ou as suas posições de direita ou de esquerda”, eu não conseguiria fazer isso porque se você não tem a liberdade individual, você não tem a liberdade econômica, e vice-versa. A tua pergunta é uma pergunta que eu não consigo responder.

No início, tivemos algumas reportagens muito boas da imprensa classificando [como a Veja] classificando o IMB como 'ultra-liberais', mas não falaram de 'ultra-direita', na linha de Mises, Friedman e outros. Recentemente, como a gente começou a crescer e então a incomodar, então publicações de esquerda passaram a caracterizar a gente como

[Digite texto]

'ultra-liberais', 'ultra-direita', ditadura, fizeram uma mistura que obviamente é mal caracterizada.

E eu acho que dentre as pessoas que tem um conhecimento melhor sobre o que é o liberalismo, eles consideram a gente basicamente como 'ultra-liberais' também, no sentido de que a gente defende o mercado em todas as suas instâncias. Pra alguns a gente é considerado 'utópico'.

### **Na sua opinião, os liberais têm maiores afinidades com a Esquerda ou com a Direita? Por quê?**

Eu acho que é similar a resposta anterior. Nos aspectos econômicos somos mais similares à direita. Nos aspectos sociais somos mais similares à esquerda. Então como eu defendo que para alcançarmos o que queremos temos que fazer alianças pra andar pra frente com outras pessoas – porque não vivemos em uma ilha –, eu não veria problema em ter uma aliança específica, algum projeto específico com grupos de esquerda para avançar projetos de liberdades individuais, também não teria problema em ter aliança com alguém de direita em pontos específicos. Nunca uma aliança ampla, aberta, geral, mas em pontos específicos pra poder avançar.

Eu acho que a direita estaria mais aberta a uma aliança dessas com os liberais porque eu acho que a esquerda é mais fechada nesse sentido. Ela jamais gostaria de se associar com alguém que defende a liberdade econômica. Então por mais que eles queira avançar a liberdade individual em alguns aspectos, eles se recusariam a fazer uma associação pra avançar com alguém que eles consideram ultra-liberais – que pra eles, na cabeça deles é a mesma coisa que ultra-direita. Já a direita, ela preferiria esquecer que a gente defende bandeiras consideradas como de esquerda nas liberdades individuais, e avançaria na tese de avançar liberdades econômicas. Nesse sentido eu acho que a direita é mais aberta.

### **Existe algum partido ou político que represente as ideias liberais no Brasil?**

Não existe partido formalizado ainda, mas o NOVO que está sendo formado seria o mais próximo das ideias liberais. Tem o LIBER, mas ele está um pouco mais atrás em

[Digite texto]

termos de formalização. Eu acho que o LIBER pode vir até a não ser formalizado, depende muito da garra das pessoas lá, de levantar fundos pra isso. Já o NOVO já tem o 'funding' pra conseguir as assinaturas necessárias e vai acontecer, na minha opinião, ainda no ano de 2013. Uma vez formalizado, o NOVO na minha opinião ele claramente é um partido liberal. Muito mais liberal do que todos os partidos que a gente já teve partido desde que eu me dou por gente. Mesmo o tal Partido Liberal que houve lá atrás, ou a Frente Liberal que virou PFL, nenhum deles me parece que teve a consistência que o NOVO está mostrando.

Eles podem vir a ter que fazer o 'trade-off' consistência liberal e viabilidade política. Eu acho que o fundador, o Amoêdo, não vai aceitar abrir mão dos princípios nem que ele tenha que abdicar do projeto, na minha opinião. Ele via ter problemas pra eleger pessoas em um primeiro momento, mas se ele se frustrar e ele pode abrir mão da doutrina dele pra buscar um atalho e conseguir um resultado político. Eu não acredito que ele vá fazer isso. Mas é um projeto que depende muito do que os institutos – Mises, Ordem Livre, Estudantes Pela Liberdade – estão fazendo pelo lado de cá. Se a gente conseguir ganhar batalhas daqui, ele vai ter muito mais facilidades lá.

### **A que se deve o fato de não haver nenhum partido ou político defendendo abertamente as ideias liberais no Brasil?**

Não existe nenhum partido liberal simplesmente porque a população não é liberal. Se a população tivesse uma mentalidade mais liberal, os políticos mediatamente formariam um partido liberal para dar vazão a esse anseio popular, porque eles também têm interesse em aparecer, ir lá pra Brasília, ganhar um bom salário, pra fazer a agenda da base deles. É por isso que eu acho que a gente não tem ainda. Mas por outro lado, o fato de o NOVO estar surgindo eu acho que não é um evento independente do fato de haver uma 'revolução liberal' no Brasil que está a passos acelerados e que começou em 2005-2006. Acho que o NOVO é mais um reflexo dessa 'revolução liberal' no mundo das ideias que não existia e agora existe – uma força pequena, mas uma força crescente.

O cidadão médio é um cidadão que não refletiu, não estudou a teoria, tem uma intuição do que funciona e do que não funciona, tem uma intuição de justiça, e tem uma propensão a ir pra esse lado social-democrata. Não só no Brasil, mas no mundo inteiro

[Digite texto]

existe essa dominância social-democrata, que é fato resultante de que houve durante muito tempo um domínio da academia e da mídia [por parte] dessas ideias de economia mista, que mescla uma pitada de mercado com uma grande pitada de mão governamental. Domina o mundo inteiro e no Brasil não é diferente, mas já foi diferente no passado: o liberalismo já foi dominante, no século XIX. E o estatismo exacerbado totalitarista já foi dominante, basicamente dos anos 30 aos anos 50. Essas coisas mudam e eu acho que na batalha das ideias a gente tende a voltar a ganhar.

[Digite texto]

## **Entrevista 2: Rodrigo Constantino, Presidente do Instituto Liberal, co-fundador e membro do Conselho de Governança Instituto Millenium**

**Como você definiria o posicionamento político-ideológico do IL e do Millenium instituição?**

Millenium Centro-Direita.

O Instituto Liberal é mais liberal. E mais à direita, então. O IL defende seus valores de forma mais enfática, começando pelo nome.

**Você os considera de Direita, Centro ou Esquerda?**

Um 7 tímido. 'Passou na prova'. Por ter alguns mantenedores mais 'parrudos', o IMIL é mais moderado.

**Numa escala de 1 a 10, onde 1 equivale à extrema esquerda e 10 à extrema direita, como você classificaria o IL e o Millenium?**

Eu acho muito confuso Esquerda-Direita hoje em dia, acho muito limitado esse conceito. Rótulos são simplistas por definição mas são importantes, porque servem pra separar uma coisa da outra. Pra isso vai se criando subgrupos, depois.

A esquerda representa via de regra um pensamento coletivista, defensor do Estado como solução pra quase tudo, interventor na Economia e por aí vai.

Outra característica que eu diria é a questão da utopia revolucionária. Aí é difícil você saber onde você coloca um libertário mais radical. Ele vai ter flerte com essas bandeiras da esquerda e com algumas coisas da direita. Mas o liberal clássico (que eu me considero) por definição é um sujeito cético, descrente, não um pessimista, mas um otimista cauteloso. E isso te afasta por definição de soluções mágicas. De qualquer



[Digite texto]

solução revolucionária, que vai trazer 'o novo', que vai criar um mundo mais livre do nada. Isso caracterizaria o que eu chamo de 'movimento de direita', a direita democrática, formada por esses liberais céticos e por conservadores – que eu, na falta de termo melhor, tenho usado 'conservador de boa estirpe', pra diferenciar dos reacionários, saudosistas de um modelo medieval e estratificado.

O anti-esquerdismo é um condição necessária mas não suficiente para ser um liberal. Você pode ter alguém da direita mais tacanha e retrógrada que sem dúvida vai detestar o PT, bater em todos esses movimentos gramscinianos de revolução cultural, mas que não são liberais. São pessoas que não tem tanto apreço assim pela liberdade individual. Eles flertam inclusive com alguma forma de coletivismo forte também. Isso sem dúvida não estaria atrelado ao que eu chamo.

Eu me considero uma direita-liberal. Eu não tenho muita vergonha do uso do termo direita, mas eu acho que gera muita confusão. Quando a gente pensa que o regime militar foi de direita. Eu não defendo isso, ainda mais a era Geisel – criador de estatais. Não é isso. Eu sou um cara com uma defesa bem ampla do leque de liberdades civis – que teoricamente é tido como uma bandeira de esquerda. União de homossexuais, legalização das drogas, são bandeiras que eu como liberal acho que são defensáveis. E aí vou esbarrar com essa direita que não vai aceitar isso.

Coloco-me no mesmo subgrupo do espectro político que essas pessoas de visão tão diferente também por uma questão estratégica porque hoje o inimigo é outro. Hoje o inimigo muito mais forte é a esquerda, que está no poder há muito tempo e fazendo muito estrago. Não só no poder político, mas também no poder da academia, da imprensa, de todo o meio cultural a muitos anos, muito antes inclusive de chegar no poder. Essa revolução cultural de esquerda é um fato, ela realmente existe. Então tem que haver uma reação. Qual é hoje a forma de reagir a isso? Se unir de alguma forma com o que há de direita no país. Juntar liberais, juntar até mesmo alguns 'libertários' que são mais realistas, que não são tão utópicos ou que não abraçam revolução como saída, e se juntar a conservadores. Acho que hoje essa união é fundamental pra frear o ímpeto revolucionário da esquerda.

Agora, quando a gente tá usando tão poucos rótulos assim – Esquerda ou Direita –, é óbvio que você encontrar um monte de gente dentro com que você não se identifica. Aí

[Digite texto]

você vai abrindo subgrupos. Eu sou de uma direita liberal, democrática, eu acredito que a democracia é um mecanismo muito falho, mas é o melhor que tem. Eu tô lá com Popper, Mises, Churchill, com todos esses que entenderam que a democracia é muito complicada mas cuidado com alternativas. Não é simples, não existe muita coisa fora do mundo da democracia. Por exemplo, colegas libertários que gostam de difamar o tempo toda a democracia em si, as eleições, a política como via para qualquer mudança, não é o meu caminho.

É capcioso e perigoso falar-se em Esquerda, Direita e Centro, acho que tem que qualificar, mas não tem como fugir.

Nesse aspecto eu me juntaria mais com Direita mesmo. Sem medo de me considerar de Direita, mas qualificando o termo de Direita [com liberal, democrática] pra não se juntar a pessoas com que você realmente não tem nada a ver.

Tenho dúvidas se deve tentar salvar o termo “Direita”. Não me incomodo de ser associado a uma direita porque eu vou logo lá depois e qualifico. Mas pra um cara menos profundo que ouvir, [esse termo] vai gerar muito confusão pra o que eu defendo, ele vai entender muito errado.

O que eu faço questão de resgatar é o termo “Liberal”, porque nos EUA ele foi usurpado. Os 'liberals' são os democratas do Obama, que são semi-socialistas. E já começaram a fazer isso no Brasil. Folha e outros jornais já estão usando a dicotomia conservador X liberal, e bandeiras como proibir a pessoa de ter arma, ou seja, o desarmamento, o aborto, várias coisas estão sendo jogadas para bandeiras liberais e não é verdade. Liberal, pra começo de conversa, não defende desarmamento coisa nenhuma. Quase todo liberal que eu conheço entende que é um direito do cidadão, do indivíduo, portar arma em sua casa. Isso não é uma bandeira liberal, é um 'liberal' no sentido americano. Já está começando no Brasil essa deturpação do conceito, e eu acho que a gente tem que resgatar.

Acho que há um pouco de falha de tradução aqui, também percebo uma estratégia deliberada da esquerda. A esquerda, mal ou bem, sempre viveu no mundo da utopia da venda de ideias, tudo o mais, chegou ao poder, e aí teve mensalão e o diabo a quatro, e isso manchou muito a bandeira da ética da esquerda, aí eu já acho que é um movimento, consciente ou inconsciente, de se resguardar e puxar pra si si o liberal. Liberal passa a

[Digite texto]

ser um termo mais bonito e eles começam a usar o termo pras ideias deles que estão queimadas por causa da corrupção no poder.

### **Existe algum partido ou político que represente as ideias liberais no Brasil?**

Não. O DEM seria o primeiro candidato a ser mais alinhado no arcabouço institucional do partido, mas acabou que hoje em dia no Brasil é uma grande confusão. Quase todos são muito fisiológicos. Os que tem mais programa ideológico são os que não estão no poder, e aí podem ser 'talibã', são todos de esquerda – como é o caso do PSOL.

### **A que se deve o fato de não haver nenhum partido ou político defendendo abertamente as ideias liberais no Brasil?**

Em parte à Ditadura. Acho que o Regime Militar foi como reação a um risco comunista – existente de fato – da época da Guerra Fria, que vários países caíram sob o Comunismo [não dá pra] achar que o Brasil estaria livre disto. Havia um risco, houve um golpe – ou um contragolpe, isso é questionável – mas o fato é que os militares chegaram ao poder e havia um anti-esquerdismo. Como eles eram associados a anti-comunista, eles eram tidos como de Direita. E acabou que foi um regime muito complicado, do ponto de vista econômico foi muito intervencionista. Não teve liberdade econômica. O resultado foi altamente questionável e se associou a uma coisa ruim ser de direita. Então qualquer que diz 'eu sou de Direita' é associado no imaginário popular aos militares, e ninguém ganha eleição com isso. Além disso, acho que há um trabalho de tirar o chapéu pros inimigos, de ideias de revolução cultural mesmo, que ao longo de décadas conseguiu vender que ser de Esquerda é ser legal.

Você pensa nos pobres? Então você é de esquerda. É o que eu chamo de monopólio da virtude. O monopólio da virtude no debate político brasileiro está com a Esquerda.

Você não acha que as limitações desse modelo unidimensional, apesar da sua importância didática, acabam levando a imperfeições conceituais. Como por exemplo, ao colocá-lo ao lado de Hitler e... (Olavo de Carvalho) [na extrema direita], pessoas com as quais você tem muita divergência. Não lhe parece que isso demonstra a falência

[Digite texto]

desse modelo explicativo?

Você pega 7 bilhões de habitantes, com toda a complexidade do pensamento político, com várias bandeiras conflitantes. Muita gente da esquerda defende o aborto com base no argumento do direito de escolha da mulher fazer o que quiser. Só que logo depois vai lá e defende que o Estado seja paternalista e proíba ela de comer um tanto de fritura ou de não sei o quê. É um contra-senso. Pessoas conseguem carregar ideias contraditórias, imagina você aglutinar 7 bilhões de pessoas pensando em política [com base em] um conceito simplista como Direita e Esquerda. É óbvio que vai ser muito limitado. Então é um primeiro passo. É uma primeira grande divisão. Mas depois vai ter que qualificar, não tem jeito. Vai ter que começar a aprofundar e abrir pra ver o que a pessoa defende realmente.

Eu acho que o Diagrama de Nolan explica [o espectro político] de maneira mais interessante. O triângulo de Hayek também, ele coloca os conservadores e os socialistas em vértices diferentes [do dos liberais].

[Digite texto]

**Entrevista 3: William Ling, fundador e ex-presidente do IEE (Instituto de Estudos Empresariais), membro do Conselho de Governança do Instituto Millenium.**

**Como você definiria o posicionamento político-ideológico do o IEE e do Millenium? Você os considera de Direita, Centro ou Esquerda?**

A gente não concorda com essa divisão. Mas existe uma percepção da opinião pública. Saíram reportagens na Carta Capital e na Revista Brasileiros dizendo que o Millenium era como o IPES e o IBAD, que deram suporte à ditadura militar – o que é um delírio.

A outra acusação é que o Millenium está a serviço dos grandes órgãos de mídia para fazer a lavagem cerebral do povo brasileiro. O que é uma contradição, pois se essa mídia é tão poderosa assim, como explicar os índices de popularidade e eleição pós-eleição [dos políticos de esquerda], e como é que esses políticos aliados ao status quo continuam sendo reeleitos, continuam sendo nomeados e continuam acumulando poder.

Então os fatos realmente comprovam o contrário dessa afirmação [ de que a mídia tem tanto poder e de que o Millenium controla a mesma mídia]. Por outro lado, a gente sabe que uma parcela ínfima da população presta atenção nessas questões. Menos de 10% da população lê o Estado [ de São Paulo], a Folha, assiste ao noticiário, lê as revistas mais críticas da Abril. Todas essas denúncias que esses grandes veículos fazem são para pessoas que já estão sabendo dos esquemas.

Se eu fosse classificar o Millenium nessa escala, eu diria que ele é de Centro. Porque a postura do Millenium é criar um espaço para debater as ideias. Nós todos queremos democracia, Estado de Direito, bem estar para todos. E queremos isso e vamos debater.

**Numa escala de 1 a 10, onde 1 equivale à extrema esquerda e 10 à extrema direita, como você classificaria o IEE e o Millenium?**

[Digite texto]

De 0 a 10, eu diria 5 para ambas. O IEE não tem um objetivo ideológico. Sua posição é formar lideranças empresariais. Parecido com o que o Millenium faz, os temas, etc. Externamente, o IEE não se posiciona. Realiza o Fórum da Liberdade, que é um fórum para se discutir ideias.

Mas na cabeça das pessoas, o IEE e o Millenium são órgãos de direita.

**Na sua opinião, os liberais têm maiores afinidades com a Esquerda ou com a Direita? Por quê?**

Como eu rejeito esse espectro [unidimensional], eu não vou classificar. A imprensa e a opinião pública tentam carimbar uma imagem de direita.

**Existe algum partido ou político que represente as ideias liberais no Brasil?**

Não. Daquilo que eu chamaria de 'liberal-democrático', nenhum.

[Digite texto]

#### **Entrevista 4: Paulo Afonso Feijó, ex-Vice-Presidente do IEE (Instituto de Estudos Empresariais) e ex-Vice-Governador do Estado do Rio Grande do Sul (2007-2010)**

##### **Como você definiria o posicionamento político-ideológico do IEE?**

O IEE é uma instituição liberal. A missão do IEE é formação de lideranças, mas temos os valores (... ) que são valores liberais. A grande questão é que o IEE em si, apesar dessa orientação, guarda espaço para os seus associados se definirem onde se enquadram melhor dentro do espectro liberal.”

O IEE é um instituto focado na liberdade de mercado. Politicamente, eu considero o IEE totalmente liberal. Não só por eu ter participado do IEE, mas entendo que a visão de quem está do lado de fora é de que o IEE tem como objetivo educar [sobre] e promover o liberalismo.

##### **Você o considera de Direita, Centro ou Esquerda?**

Nenhum deles. Eu entendo que são coisas completamente distintas. O IEE busca a liberdade, e isso não é Direita, nem Esquerda, nem Centro. É a liberdade propriamente dita. No meio político as pessoas enxergam aqueles que defendem o liberalismo como de Direita, mas eu não reconheço [esse rótulo] pelo conhecimento, por ter participado e porque eu sei o que é o IEE e o que faz o IEE.

##### **Na sua opinião, os liberais têm maiores afinidades com a Esquerda ou com a Direita? Por quê?**

Com a Direita. Nesse sentido, sim.

[Digite texto]

### **Existe algum partido ou político que represente as ideias liberais no Brasil?**

Nenhum. E pra mim foi grande decepção. Eu não era filiado a partido e sempre fiz política empresarial na busca de liberdade, de desenvolvimento da atividade empresarial. Quando durante oito anos fiquei na presidência da ABRAS [Associação Brasileira de Supermercados], que era a minha atividade, eu pensava 24 horas em supermercado buscando tirar as barreiras e a burocracia que existia dentro da atividade supermercadista criada pelo Executivo principalmente. Eu vivi na época de congelamento de preços, e de uma interferência total na atividade, não era tu quem definia por quanto tu irias vender um produto, era um burocrata lá em Brasília. Então são coisas completamente diferentes.

Quando eu entrei na FEDERASUL, ela já é mais ampla, ela não é focada num seguimento. E eu nunca fui e nem nunca tinha sido filiado ou com vínculo a partido nenhum, e eu tinha uma imagem de que alguns partidos defendiam sim aquilo que eu acreditava, como o PP e o DEM, por exemplo. Eu pensava que as pessoas que lideravam esses partidos pensavam desta forma. Mas depois de mergulhar na política e da experiência que eu tive, vi que qualquer partido tem gente de todas as matizes.

Convivendo neste meio [quando fui vice-governador do RS], pra mim hoje PP, PMDB, PT, DEM são absolutamente a mesma coisa, pelo seu interesse no poder e pela distribuição de cargos dentro do governo. Na hora de tomar uma decisão no sentido de ter mais poder, rasgando a ideologia e entrando na mesmice da política, são todos iguais.

### **A que se deve o fato de não haver nenhum partido ou político defendendo abertamente as ideias liberais no Brasil?**

Eu posso te responder isso pela experiência que eu tive. Eu entrei na política por idealismo, e saí de lado completamente desestimulado, pois as lideranças liberais nunca me deram apoio depois de eu ter chegado lá. Em todas as minhas ações e reações. Em cada ação que eu fazia eu não recebia apoio, e eu acho que esse é um fator: quem hoje vai entrar por um ideal sabendo que depois de estar lá não tem suporte nem apoio de ninguém?



[Digite texto]

Nunca nenhum empresário pegou o telefone e me ligou [pra dizer] ‘olha, o fato registrado ontem ou hoje na imprensa é bom, te apoio e estou do teu lado’. Pra criticar, todos, pra apoiar, nenhum, zero. Então qual é o incentivo que eu teria para continuar? Nenhum. Eu cumpri com meu mandato porque tinha uma obrigação. A partir dali a política pra mim não existe mais.

Mas a razão pela qual as pessoas se portam dessa forma é porque todo mundo quer estar do lado do poder, independente de quem esteja lá. E ser liberal diminui as chances de chegar e de se manter ao lado do poder no país que nós vivemos hoje. Ninguém quer um liberal ao seu lado como governo.

Depois de entrar na política e entender um pouco como funciona o estado do Rio Grande do Sul eu tinha uma convicção: se nós reduzíssemos pra 10% as secretarias de estado e cortássemos 100% dos CCs, o estado ia melhorar muito. Agora eu pergunto: qual é o político que iria me apoiar numa decisão dessas? Nenhum, porque todos os que estão lá querem cargos para distribuir às pessoas de seu interesse pra futura eleição. Todos, sem exceção.

[Digite texto]

## **Entrevista 5: Bruno Zaffari, ex-Presidente do IEE (Instituto de Estudos Empresariais)**

### **Como você definiria o posicionamento político-ideológico do IEE?**

O IEE é uma instituição liberal. A missão do IEE é formação de lideranças, mas temos os valores (... ) que são valores liberais. A grande questão é que o IEE em si, apesar dessa orientação, guarda espaço para os seus associados se definirem onde se enquadram melhor dentro do espectro liberal.

### **Você o considera de Direita, Centro ou Esquerda?**

Aí a gente entra naquela conversa do triângulo [de Hayek], havendo a esquerda a direita e o liberalismo, cada um em um vértice.

### **Numa escala de 1 a 10, onde 1 equivale à extrema esquerda e 10 à extrema direita, como você classificaria o IEE?**

Eu acho que essa escala não se encaixa, não só ao IEE, mas a qualquer instituição que defenda o liberalismo. Poderia estar equidistante, mas não é centro. O problema é que tanto a extrema esquerda quanto a extrema direita tendem a regimes totalitários, tendem a uma série de restrições à liberdade com as quais a gente não tem como concordar.

Agora de 0 a 10 eu acho que não teria como classificar, ainda que a percepção pública do IEE seja de uma instituição de direita. Sem ter essa fundação teórica de saber diferenciar conceitos como esquerda, direita e liberalismo eu acho que puxaria para algo entre 8 e 10.

### **Na sua opinião, os liberais têm maiores afinidades com a Esquerda ou com a**

[Digite texto]

### **Direita? Por quê?**

Dado o quadro atual brasileiro eu diria que está mais à direita, apesar de se ter algumas iniciativas à direita que também implicam em um controle do Estado que a gente está bem longe de defender. Agora se tu fores questionar se a gente tá mais perto do PT, PC do B, PSTU ou do... sei lá, partido de direita no Brasil também é muito mais pro centro do que qualquer outra coisa. Vamos dizer assim: se a esquerda for os Democratas e a direita os Republicanos a gente tende mais pro lado Republicano.

### **Existe algum partido ou político que represente as ideias liberais no Brasil?**

O cenário político brasileiro é complicado, pois é muito difícil se identificar as ideologias dos partidos para além das ocasiões. Eu vejo hoje que temos mais até o meio artístico puxando para o liberalismo do que o meio político, e acho que daí podemos partir.

### **A que se deve o fato de não haver nenhum partido ou político defendendo abertamente as ideias liberais no Brasil?**

Essa é uma pergunta complicada. Mas o fato é que a esquerda fez um trabalho por muitos anos de ir colocando gente nas universidades, gente que começou a formar uma classe de pessoas pensando em chegar ao poder com um *mindset*. Por mais que não sejam todos os empresários brasileiros liberais, mas se tu para pra pensar muitos dos liberais são empresários ou tem ligação com alguma atividade empresarial que deseja desenvolver, tem um ‘sonho grande’, e a gente começa a ter agora essa formação de pessoas que tenham vontade de estar envolvidas com a política. Por muito tempo as pessoas tiveram até um medo de retaliação, temendo que um envolvimento na política pudesse refletir na empresa ou na família. E isso criou um distanciamento.

A gente ficou muito tempo com pouco volume de difusão das ideias liberais, que eu acho que até começa a mudar hoje. Apesar de que eu acho que a gente está chegando a um ponto crítico em termos de instituições políticas que também está fazendo com que muitas pessoas que têm valores liberais pensem em sair do país.

[Digite texto]

[Digite texto]

## **Entrevista 6: Carlo Rocha, Presidente do Conselho Consultivo da Rede Estudantes Pela Liberdade (EPL) e ex-Presidente do Libertários**

### **Como você definiria o posicionamento político-ideológico do EPL e do LIBER?**

O EPL e o LIBER são associações libertárias, compostas majoritariamente por minarquistas e anarco-capitalistas e, também, por liberais clássicos. Considero o libertarianismo uma derivação do liberalismo clássico, um pouco mais radical e com um peso maior para as liberdades sociais.

### **Você os considera de Direita, Centro ou Esquerda?**

Entendo que essa classificação é equívoca, pois o conceito de direita, esquerda e centro varia muito de pessoa para pessoa. Tendo em vista que tais conceitos não têm uma definição minimamente consensual, eu entendo que tal classificação deve ser evitada.

### **Numa escala de 1 a 10, onde 1 equivale à extrema esquerda e 10 à extrema direita, como você classificaria sua instituição?**

Vide resposta acima.

### **Na sua opinião, os liberais têm maiores afinidades com a Esquerda ou com a Direita? Por quê?**

Vide resposta acima.

### **Existe algum partido ou político que represente as ideias liberais no Brasil?**

[Digite texto]

Não.

**A que se deve esse fato na sua opinião?**

Ao fato de nenhum partido ou político que conheço defender, de forma principiológica e sistemática, a redução da esfera de influência do governo.

[Digite texto]

## **Entrevista 7: Juliano Torres, Diretor Executivo da Rede Estudantes Pela Liberdade (EPL) e ex-Presidente do Libertários**

### **Como você definiria o posicionamento político-ideológico do EPL?**

Somos uma rede estudantil que tem como missão difundir as ideias pró-liberdade em todo o Brasil. Sendo mais específico, nosso entendimento de liberdade pode ser melhor compreendido com os termos liberalismo e libertarianismo. Apesar de tentarmos englobarmos diversas iniciativas que tendem a ampliar as liberdades e não termos uma cartilha definindo exatamente quais são elas, temos claramente um corpo filosófico que nos permite analisar em profundidade cada caso que nossa opinião é solicitada, o que nos ajuda a não cair no relativismo do termo liberdade presente nos movimentos estudantis e também no restante da sociedade. O termo liberdade, assim como o democracia tem sido usado para defender todos os tipos de posicionamentos ideológicos e medidas concretas.

### **Você o considera de Direita, Centro ou Esquerda?**

Encontramos dentro da nossa rede estudantes que defendem exatamente a mesma coisa e que vão posicionar o EPL como direita, esquerda e centro. O vice-presidente internacional, por exemplo, defende que o EPL é o centro radical, buscando posições ao mesmo tempo conciliadoras e radicais, já que tenta pegar o que existe de melhor na esquerda e na direita, classicamente definida. Talvez esse problema que nos permite classificar a mesma organização ou movimento em diferentes posições seja um problema da classificação. O diagrama unidimensional não consegue incluir as ideias liberais/libertárias dentro dele de forma satisfatória e unânime. Apesar de ainda sermos tachados por muitos de direita (porque pensam que defendemos apenas liberdades econômicas), creio que o Diagrama de Nolan que propõe o uso de dois eixos (um de liberdade econômica e outro civil) permite nos diferenciar da esquerda e da direita tradicional, e também mostrar que não estamos no centro, já que não defendemos o

[Digite texto]

atual sistema ou interesses.

**Numa escala de 1 a 10, onde 1 equivale à extrema esquerda e 10 à extrema direita, como você classificaria sua instituição?**

Acredito que 6 seria um bom resumo de onde nos encontramos. Uma boa parte dos liberais com mais experiência no movimento não vieram de um contexto de esquerda, o que condiciona os temas tratados geralmente com causas mais ligadas a direita. Mas penso que isto vem mudando com o tempo, com a maior parte dos novos entrantes vindo do grupo de desiludidos com a esquerda, muitas vezes por entender que as ideias propostas não permitem atingir os objetivos que eles continuam concordando ou por vivenciar a política não muito limpa do movimento estudantil tradicional.

**Na sua opinião, os liberais têm maiores afinidades com a Esquerda ou com a Direita? Por quê?**

Hoje em dia podemos dizer que os liberais tem mais afinidade com a direita, principalmente devido aos meios onde a ideia começou a ser difundida. Porém, o movimento como um todo tem andado em direção a esquerda nos últimos 3 anos, principalmente com mais projetos e iniciativas tentando assumir bandeiras de esquerda e mostrando que as soluções liberais são o caminho mais prático e justo para atingir os fins que eles buscam.

**Existe algum partido ou político que represente as ideias liberais no Brasil?**

Atualmente, não. Porém, algumas tentativas tem sido feitas nos últimos anos. Uma delas foi o partido Federalista, que apesar de ainda existir não conseguir vencer a barreira burocrática. O partido Libertários também parece estar seguindo no mesmo caminho de não contornar a burocracia. Porém, temos agora um projeto que mostra condições de virar um partido registrado, o Partido Novo. Na minha visão pessoal eles não surgiram com um ideário liberal, mas eles tem adquirido no meio do processo. É



[Digite texto]

uma questão importante saber se as ideias irão se manter, mas no momento, caso o registro seja obtido, eles seriam o único partido liberal no Brasil. O Democratas as vezes é citado como um, mas apenas alguns setores da sua juventude realmente defendem o liberalismo como bandeira política.

**A que se deve o fato de não haver nenhum partido ou político defendendo abertamente as ideias liberais no Brasil?**

A ditadura brasileira é vista pela população brasileira como uma ditadura liberal, o que não faz o menor sentido. Tivemos a criação de um número gigantesco de empresas estatais, intervenção em todos os campos da economia e restrição generalizada das liberdades civis. Não há nada menos liberal que isso. Porém, com o passar dos anos a população brasileira parece estar mudando sua visão sobre a ditadura, classificando ela apenas como um exemplo de autoritarismo e não como um exemplo de governo liberal. Talvez por isso iniciativas como o Partido Novo tem ganho cada vez mais adeptos.

[Digite texto]

## **Entrevista 8: João Dionísio Amoêdo, Presidente do Partido NOVO**

### **Como você definiria o posicionamento político-ideológico da sua instituição?**

Primeiramente eu não usaria nenhum rótulo, pois eles não dizem mais nada hoje. Qualquer rótulo que você defina hoje o sujeito vai pegar só o lado negativo do rótulo e vai questionar. Eu definiria o NOVO pelos seus objetivos e valores. Ideologicamente, nós defendemos liberdades individuais, nos focamos em projetos de longo prazo e nossos outros valores [...]. Em termo de estratégia, nosso objetivo é reduzir o tamanho do Estado, deixando mais coisas nas mãos da iniciativa privada e do indivíduo. No meio tempo, achamos que deve ocorrer também uma melhora na gestão, mas com a visão macro de que [o tamanho do Estado] deve ser reduzido.

Se for pra dar um rótulo, então, eu diria que o Novo é um partido liberal. Nós acreditamos na democracia, na livre-iniciativa.

### **Você a considera de Direita, Centro ou Esquerda?**

Eu acho que essa classificação é ultrapassada. Eu diria que é 1% direita, mas não acho que essa classificação condiz com a realidade. Eu diria Direita ou Centro-Direita.

### **Numa escala de 1 a 10, onde 1 equivale à extrema esquerda e 10 à extrema direita, como você classificaria sua instituição?**

7 provavelmente, mas eu não acho que essa escala seja um negócio claro. Não tenho certeza de que essa classificação é precisa.

Eu prefiro que as pessoas saibam das propostas e valores do Novo do que do seu rótulo.

[Digite texto]

**Na sua opinião, os liberais têm maiores afinidades com a Esquerda ou com a Direita? Por quê?**

Acho que com a direita, porque está mais próximo da visão do Estado menor, da fora do indivíduo e não da força do coletivo.

**Existe algum partido ou político que represente as ideias liberais no Brasil?**

De todos que existem aí, certamente o mais próximo é o DEM, mas que também não é muito. O PSDB tem alguns economistas, iniciativas isoladas, mas como partido não.

Dos em formação, há também o LIBER e o Federalista, que tem como foco o federalismo mas tem tendência liberal. Mas eu particularmente acho que eles têm pouca probabilidade se tornarem realidade.

[Digite texto]

## ANEXO 2: MISSÕES E VALORES DAS INSTITUIÇÕES ENTREVISTADAS

### **1. Instituto Ludwig von Mises Brasil**

“O Instituto Ludwig von Mises - Brasil ("IMB") é uma associação voltada à produção e à disseminação de estudos econômicos e de ciências sociais que promovam os princípios de livre mercado e de uma sociedade livre.

Em suas ações o IMB busca:

- I - promover os ensinamentos da escola econômica conhecida como Escola Austríaca;
- II - restaurar o crucial papel da teoria, tanto nas ciências econômicas quanto nas ciências sociais, em contraposição ao empirismo;
- III - defender a economia de mercado, a propriedade privada, e a paz nas relações interpessoais, e opor-se às intervenções estatais nos mercados e na sociedade.

O IMB acredita que nossa visão de uma sociedade livre deve ser alcançada pelo respeito à propriedade privada, às trocas voluntárias entre indivíduos, e à ordem natural dos mercados, sem interferência governamental. Portanto, esperamos que nossas ações influenciem a opinião pública e os meios acadêmicos de tal forma que tais princípios sejam mais aceitos e substituam ações e instituições governamentais que somente:

- a) protegem os poderosos e os grupos de interesse,
- b) criam hostilidade, corrupção, e desesperança,
- c) limitam a prosperidade, e
- d) reprimem a livre expressão e as oportunidades dos indivíduos.”

Retirado de <http://mises.org.br/About.aspx>

[Digite texto]

## **2. Instituto Liberal**

“Promover a pesquisa, a produção e a divulgação de idéias, teorias e conceitos sobre as vantagens de uma sociedade baseada:

- no Estado de direito, no plano jurídico;
- na democracia representativa, no plano político;
- na economia de mercado, no plano econômico;
- na descentralização do poder, no plano administrativo.

Levar ao conhecimento público, através da mesma ação, as vantagens de uma sociedade estruturada de acordo com os princípios:

- da livre iniciativa;
- da propriedade privada;
- do lucro;
- da responsabilidade individual; e
- da igualdade de todos perante as leis.”

Retirado de <<http://www.institutoliberal.org.br/missao-e-valores>>.

[Digite texto]

### **3. Instituto Millenium**

“Missão

Promover a democracia, a economia de mercado, o Estado de Direito e a liberdade.

Visão

Ser referência e agente de divulgação de valores para melhorar a prosperidade e o desenvolvimento humano.”

Retirado de <<http://www.imil.org.br/institucional/missao-visao-valores/>>.

[Digite texto]

#### **4. Instituto de Estudos Empresariais (IEE)**

“Missão

‘Formar lideranças empresariais que se comprometam com um modelo de organização social e política para o Brasil baseado no ideal democrático de liberdades individuais, subordinadas ao Estado de Direito.’

Visão

‘Ser o melhor Centro de Desenvolvimento de Lideranças Empresariais do Brasil.’”

Retirado de <[http://www.iee.com.br/o\\_iee/](http://www.iee.com.br/o_iee/)>.

[Digite texto]

## 5. Partido NOVO

“Valores:

- INDIVÍDUO COMO CRIADOR DE RIQUEZAS
- INDIVÍDUO COMO AGENTE DE MUDANÇAS
- LIVRE MERCADO
- APLICAÇÃO RIGOROSA DA LEI
- TODOS SÃO IGUAIS PERANTE A LEI
- EXCELÊNCIA
- VISÃO DE LONGO PRAZO
- LIBERDADES INDIVIDUAIS COM RESPONSABILIDADE

Desafios:

### **INOVAR**

CRIAR UM ESPAÇO DIFERENCIADO NO CENÁRIO POLÍTICO NACIONAL ATRAVÉS DO NOVO.

### **CONSCIENTIZAR**

CONSCIENTIZAR O INDIVÍDUO DA SUA RESPONSABILIDADE COMO CIDADÃO E TORNÁ-LO SÓCIO DO PROJETO.

### **ATRAIR E ENGAJAR**

MOTIVAR O CIDADÃO A ATUAR NA POLÍTICA COM HONESTIDADE E VISÃO DE LONGO PRAZO.

### **DEFENDER**

PRESERVAR AS LIBERDADES INDIVIDUAIS E A PROPRIEDADE PRIVADA EM OPOSIÇÃO A CONCEITOS COLETIVISTAS E AO ESTADO PATERNALISTA.

### **EDUCAR**

GARANTIR O ACESSO A EDUCAÇÃO BÁSICA DE QUALIDADE CRIANDO UM AMBIENTE BASEADO NO MÉRITO.

### **REDUZIR**

REVER O PAPEL DO ESTADO, REDUZINDO O ESCOPO DA SUA ATUAÇÃO E A CARGA TRIBUTÁRIA.

### **DESBUROCRATIZAR**

SIMPLIFICAR A COMPLEXA LEGISLAÇÃO E REGULAMENTAÇÃO, DESONERANDO O PAGADOR DE IMPOSTOS, ESTIMULANDO A ECONOMIA E COMBATENDO A CORRUPÇÃO.

### **ADMINISTRAR**

IMPLANTAR UMA GESTÃO PÚBLICA EFICIENTE, PROMOVENDO A BOA GOVERNANÇA E A TRANSPARÊNCIA DOS GASTOS, CIENTE DE QUE OS RECURSOS PÚBLICOS SÃO ESCASSOS.

### **PROMOVER**

PROMOVER A LIVRE INICIATIVA COM O ESTÍMULO A UM AMBIENTE EMPREENDEDOR, ESTABELECIDO REGRAS TRANSPARENTES,



[Digite texto]

ADEQUANDO A LEGISLAÇÃO TRABALHISTA, SIMPLIFICANDO A ESTRUTURA TRIBUTÁRIA E PRIORIZANDO O INTERESSE DO CONSUMIDOR.”

Retirado de <<http://novo.org.br/index.php#ideais>>.

[Digite texto]

## **6. Estudantes Pela Liberdade**

“Estudantes Pela Liberdade é uma organização apartidária formada por jovens comprometidos com a promoção, a partir da Academia, de uma ordem social harmônica, justa e livre, ancorada no respeito às liberdades individuais, à propriedade privada e à vida humana.

Os Estudantes Pela Liberdade defendem políticas que funcionam: regras de convivência racionais embasadas por fortes evidências teóricas e empíricas que trazem um aumento de bem-estar para toda a sociedade ao mesmo tempo que leva em consideração os direitos de cada indivíduo.

Temos por objetivo possibilitar o acesso dos jovens brasileiros às idéias que fundamentam a sociedade livre na qual pretendemos viver. Para tanto, temos por foco as seguintes atividades:

- 1.Consultoria e assistência a estudantes que desejam formar grupos em suas respectivas regiões;
- 2.Palestras e workshops em escolas, entidades estudantis e associações profissionais;
- 3.Redes de contatos entre estudantes, palestrantes, acadêmicos, intelectuais e entidades de âmbito nacional;
- 4.Realização e participação em eventos e campanhas;
- 5.Fornecimento de recursos educacionais, como livros e apostilas;
- 6.Premiações para grupos que realizarem bons trabalhos.”

Retirado de <<http://epl.org.br/sobre/>>.

[Digite texto]

## **7. Libertários**

“O LIBER é uma instituição de atuação política, sem fins lucrativos, que visa difundir os preceitos do Libertarianismo, doutrina filosófica baseada nos princípios da não agressão e da auto-propriedade.

O Libertarianismo defende a maximização das liberdades individuais, devolvendo às pessoas o direito de determinar a condução de suas vidas e de realizar suas escolhas de acordo com suas próprias consciências, desde que sem iniciar agressão contra terceiros, possibilitando, assim, o pleno desenvolvimento de suas capacidades e felicidade.

O Libertarianismo abomina qualquer intervenção violenta na vida e nas escolhas das pessoas, seja ela promovida por outros indivíduos ou por grupos. Ademais, sempre que o estado viola o direito dos indivíduos de dispor do próprio tempo e de seus bens, o resultado é desastroso – miséria, escassez e guerras. Assim, o LIBER acredita que em um Livre Mercado de bens e ideias, todos os indivíduos são beneficiados, independentemente de sua aptidão física, classe social ou grau de instrução.

O LIBER acredita que uma sociedade baseada na cooperação voluntária é uma sociedade mais justa, solidária, coesa e próspera. Da mesma forma, o LIBER entende que qualquer tentativa de criar justiça, solidariedade, coesão ou prosperidade baseada na imposição, no uso de força, em ameaças ou em sanções é absurda, imoral e sempre resultará no exato oposto – na sociedade em que vivemos hoje, uma sociedade dividida, onde reina a pobreza, a indiferença e a injustiça.

O LIBER movimenta-se para tornar-se um partido político, ampliando, assim, seu leque de atuação, de forma a permitir a difusão do Libertarianismo dentro da própria ‘máquina estatal’.”

Retirado de <<http://libertarios.org.br/liber/filosofia>>.